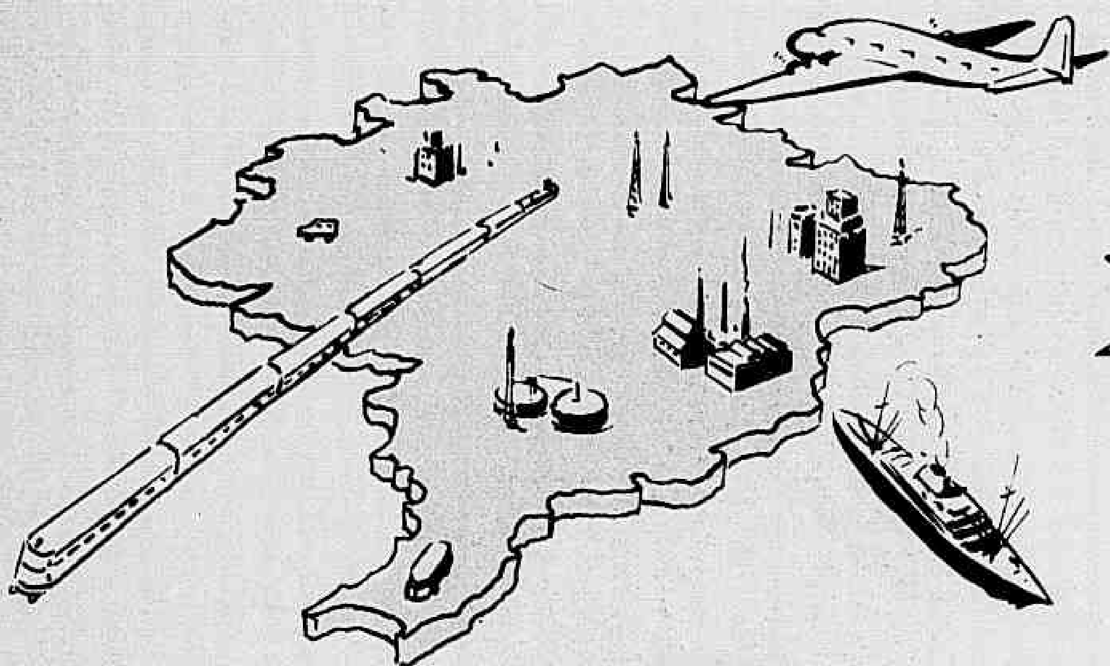
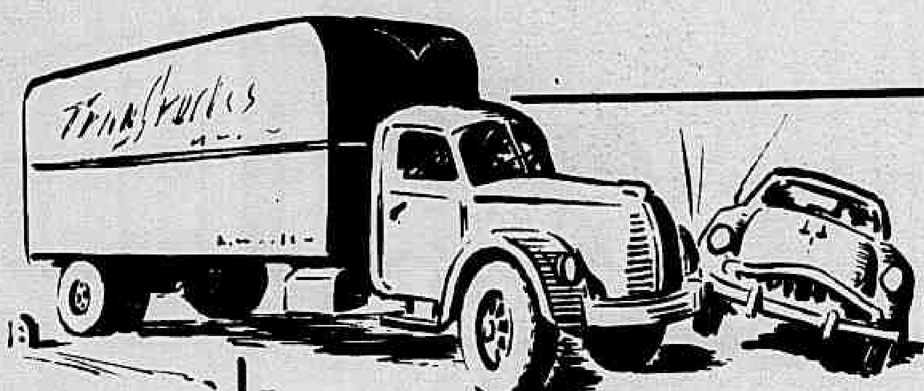
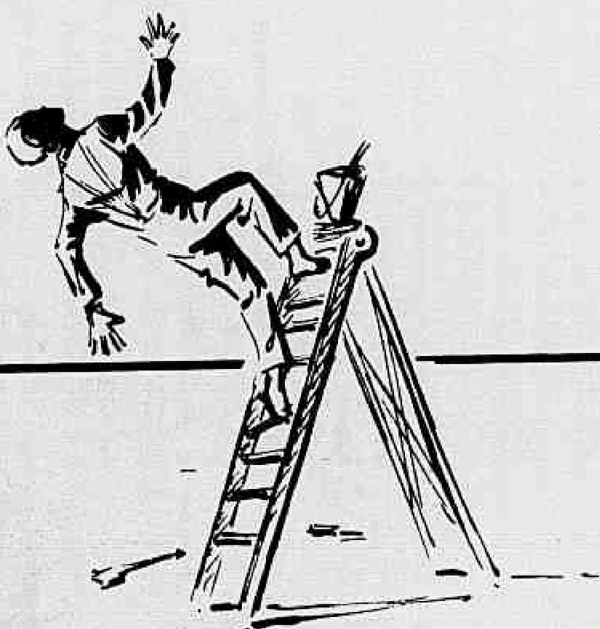


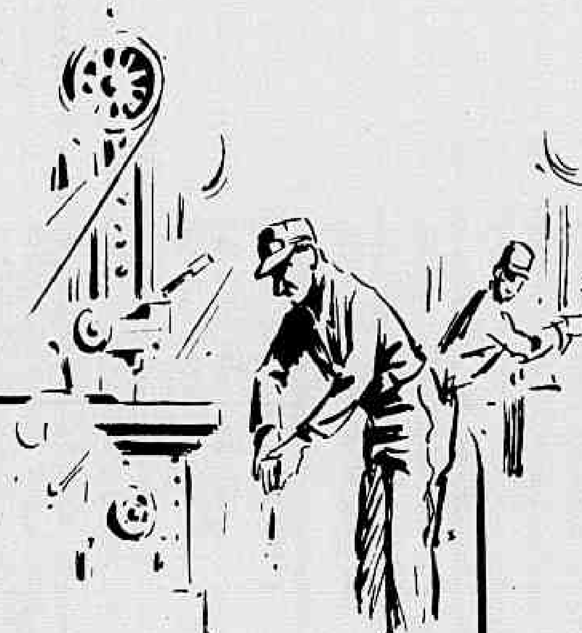
AS NORMALISTAS SÃO ASSIM

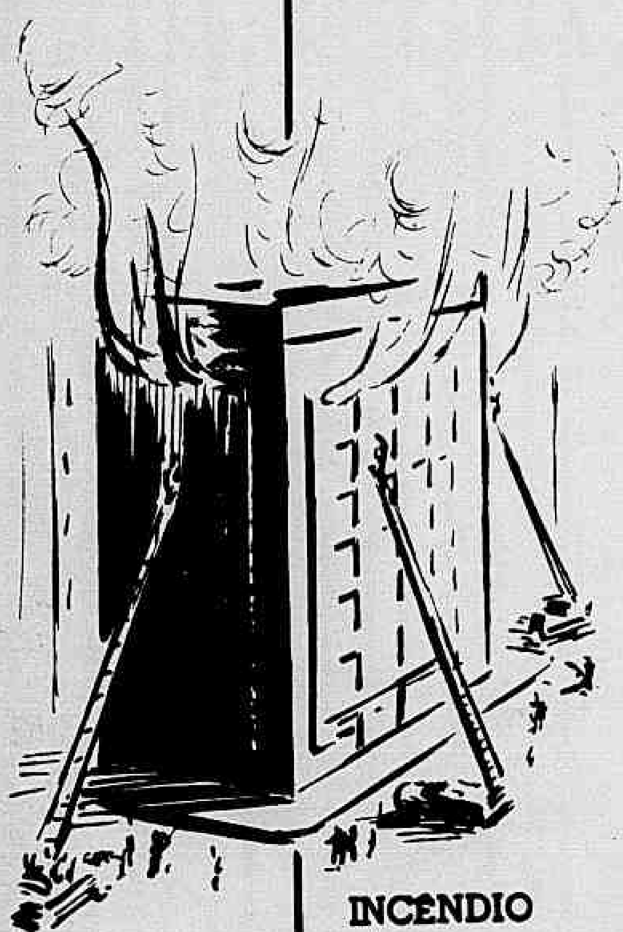
A FORTALEZA
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS

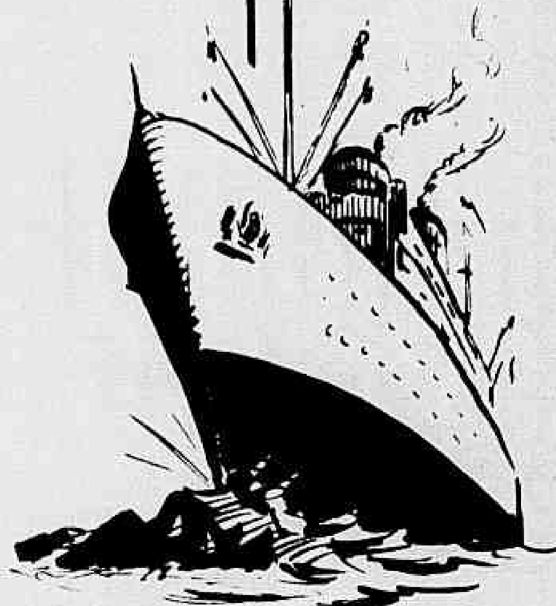

TRANSPORTE


AUTOMÓVEIS


ACIDENTES PESSOAIS


ACIDENTES DO TRABALHO


INCÊNDIO


CASCOS

SÔBRE TODOS NÓS...

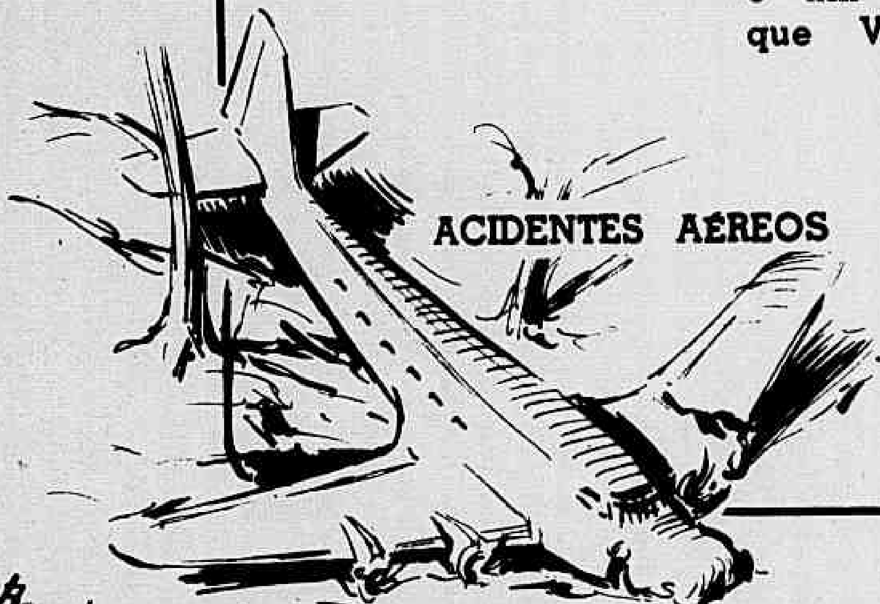
...como a espada de Dámocles, pesam as incertezas do destino... mas quando a Fatalidade quiser desferir golpes contra a sua pessoa, contra os que dependem de suas atividades ou danificar seus bens... defenda-se com apólices de **"A FORTALEZA"** — companhia que opera com eficiência e idoneidade — e que lhe garante **pronta liquidação dos sinistros, sempre em dinheiro à vista e sem desconto.**

"A FORTALEZA"

JÁ INDENIZOU A VÁRIOS DE SEUS SEGURADOS, COM DESEMBARAÇO E RAPIDEZ, EM MAIS DE

Cr$ 120.437.248,80

Uma apólice de seguro de "A FORTALEZA" é um título de garantia e previdência que V. S. deve adquirir hoje mesmo.


ACIDENTES AÉREOS


LUCROS CESSANTES



RESPONSABILIDADE CIVIL

Capital e reservas mais de Cr$ 30.000.000,00

SEDE
RUA DA ASSEMBLÉIA Nº 72 — 5º Pavimento — Telefone: 32-6868 — RIO

SUCURSAL DE SÃO PAULO
RUA BARÃO DE PARANAPIACABA, Nº 24 — 6º Andar

AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS

REVISTA DA SEMANA

ANO LI — Nº 32 RIO DE JANEIRO 7/8/1954

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Encomendado por Rita Hayworth o apartamento de Cateysson 4/ 7
A sagração de D. José Távora 8/ 9
Claire Bloom é a própria Terry 12/14
A alegria viaja no estribo 16/17
Margareth Rose fracassa no teatro 20/21
É preciso sobreviver ao suicídio geral 22/23
A Bomba-C 32/33
Normalistas: saia azul, blusa branca 42/43
Marciano demoliu Ezzard Charles 48/49
Grita-se em Lisboa: luta! luta! 52/53
«Miss Brasil» perdeu por 2 polegadas 54/56

ROMANCE

Maria 30/31

HUMORISMO

O Riso dos Outros 28/29
Cuco 59

SEÇÕES

Puxe pelo cérebro 10
Rádio 11
Show 15
Página dezenove 19
Por êsse mundo de Deus 24/25
Plantão noturno 26/27
Femininas 34/35
Cinema 36
Modas 38/39
Palavras cruzadas 40
Literatura 41
Semana astrológica 44
Teatro-Música 45
Flash carioca 46
Flash paulista 47
Champanhota 51
A semana acabou assim 57
Último flash 58

CAPA

Teresinha Santiago Azevedo
(3º ano normal do I. E.)
Foto de Arnaldo Vieira

Redator-chefe ..... Joel Silveira
Paginação ..... Victor Tapajós

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933.

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor ..... Gratuliano Brito
Redator ..... Renato de Alencar
Desenho ..... Alberto Lima
Assistente de Publicidade ..... J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores ..... S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Santana e A. Nóbrega

ENDERÊÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

Sucursal: Av. Ipiranga, 879 - 3º andar, conjunto 35. Telefone: 35-0351.
Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número tem 60 páginas.





PÁG. 4 Liquidado (friamente) o plantador de arranha-céus

PÁG. 20 Foi um desastre a experiência teatral de Margareth

A BELEZA GLORIOSA DE MARTA ROCHA FOI A DONA ABSOLUTA DA SEMANA

● Prezado leitor:

A nossa Revista incorporar-se-á alegremente a todos aquêles que irão festejar a volta ao Brasil da senhorita Marta Rocha, que tão gloriosamente acaba de representar a beleza brasileira no cortejo internacional de Palm Beach. Neste número, saudando a grande vitória da bela moça baiana, publicamos uma completa reportagem, que vai ilustrada com os mais recentes flagrantes da brasileirinha que conquistou o segundo lugar entre as mais belas mulheres do mundo.

Chamamos também a sua atenção para a reportagem sôbre Goa e a ameaça que paira sôbre as possessões lusas na Índia.

A redação.





PÁG. 52 Goa será defendida de qualquer maneira

PÁG. 54 Vice "Miss Universo" é linda, modesta e prendada

Detalhes novos no "Crime do Cadillac"

ENCOMENDADO POR RITA HAYWORTH

A TRANSAÇÃO FOI DISCUTIDA SIGILOSAMENTE, AS PLANTAS TRAÇADAS POR FAMOSOS ENGENHEIROS FRANCESES, ATÉ QUE SOBREVEIO O ROMPIMENTO DA «ESTRÊLA» COM ALI KHAN ★ SÍLVIO COELHO NÃO MATOU APENAS UM HOMEM; ELIMINOU UMA DAS FÔRÇAS DO PROGRESSO DA CIDADE ★ TIROS DENTRO DA NOITE QUE ABALARAM A OPINIÃO PÚBLICA DO PAÍS ★ AGUARDEMOS, AGORA, O PRONUNCIAMENTO DA JUSTIÇA, QUE NÃO TARDARÁ..

Reportagem de ROGACIANO LEITE

RITA Hayworth ia possuir o maior e mais luxuoso apartamento do mundo, construído no Distrito Federal por André Jules Cateysson, o empreendedor homem de negócios imobiliários que foi morto, há duas semanas, traiçoeiramente, a tiros de revólver disparados pelo seu ex-empregado e protegido Sílvio Coelho. Nenhum crime, nestes últimos tempos, revoltou e abalou tanto a opinião pública quanto êsse estúpido e covarde assassínio. E isto porque, ao acabar com a vida de Cateysson, o criminoso não matou apenas um homem, mas liquidou um espírito realizador, a quem o Rio de Janeiro deve muito do seu progresso imobiliário.

Empreendedor obstinado, realizador das mais arrojadas construções que hoje se desenham na paisagem de cimento armado da Metrópole, Cateysson representava, sem a menor dúvida e sem qualquer exagêro, a maior esperança para a nossa estatística predial e embelezamento da cidade. A própria vida de Cateysson constitui a melhor prova de sua capacidade de trabalho. Tendo começado como motorista de carro de aluguel, chegou a dirigir o complexo e vultoso mundo dos negócios imobiliários, entre nós, à testa da organização de que fôra criador: Predial Corcovado S.A.

Nos últimos dois andares do edifício da praça do Lido, Cateysson estava construindo o mais fabuloso apartamento do Rio de Janeiro, com amplos salões, jardins naturais e até mesmo uma enorme piscina, ná no terraço. Rita Hayworth pretendia comprá-lo.



O LUXUOSO APARTAMENTO DO LIDO

O APARTAMENTO DE RITA HAYWORTH

E' curiosa e longa a história do apartamento encomendado por Rita Hayworth. Muito sigilosamente, a famosa «estrêla» de Hollywood, então casada com Ali Khan, enviou emissários à Cidade Maravilhosa, a fim de entrarem em contacto com André Jules Cateysson para a construção de um apartamento de veraneio, em Copacabana. O local escolhido foi o chamado Conjunto do Lido, na praça que tem êste último nome. Aprovada a escolha, engenheiros franceses traçaram as plantas. O leitor terá uma idéia do que seria êsse apartamento quando atentar para êsses detalhes:

Ocuparia uma área com 80 metros de frente, em dois andares e mais o terraço. No interior, apenas dois quartos. O restante seriam imensos salões e «livings». Banheiros em mármore de Aziz, circundados por cinco jardins de plantas regionais e exóticas. No terraço, quase na extensão dos 80 metros, uma piscina em caríssimo cristal da Baviera, além de jardins tropicais. Todo o acabamento seria feito debaixo de um critério de luxo requintado. Não haveria, no mundo, nenhum outro apartamento maior, mais rico ou mais belo.

Iniciadas as obras, sobreveio a ruptura de Rita Hayworth e Ali Khan. Desfez-se, então, o negócio. Mas, Cateysson não desistiu de construir a maravilha que estava planejada. Viu-se obrigado, apenas, a racionar os requintes de luxo, para diminuir as despesas. Tôdas as características originais, porém, foram conservadas.

Ao contrário do que se publicou, Cateysson não ia conservá-lo para seu uso. Idealizara, depois de concluída a construção, negociá-lo com a Prefeitura, que o destinaria à hospedagem de visitantes ilustres.

O grande desejo de Cateysson era ver terminado o maior apartamento do mundo.

QUE FÊZ E QUE ESTAVA FAZENDO

O carioca residente em Copacabana foi quem mais sentiu a obra de Cateysson. Foram construídos, por iniciativa dêle, os edifícios «Pensylvania», «Clichy», «Nevada», «Lancaster», «San Diego», «Laviatan», «San Martin», «Duque de York», «Duque de Windsor» e «Liége», somando 943 apartamentos. Calculando-se uma média de 5 pessoas em cada apartamento, teremos um total de 4.515 habitantes.

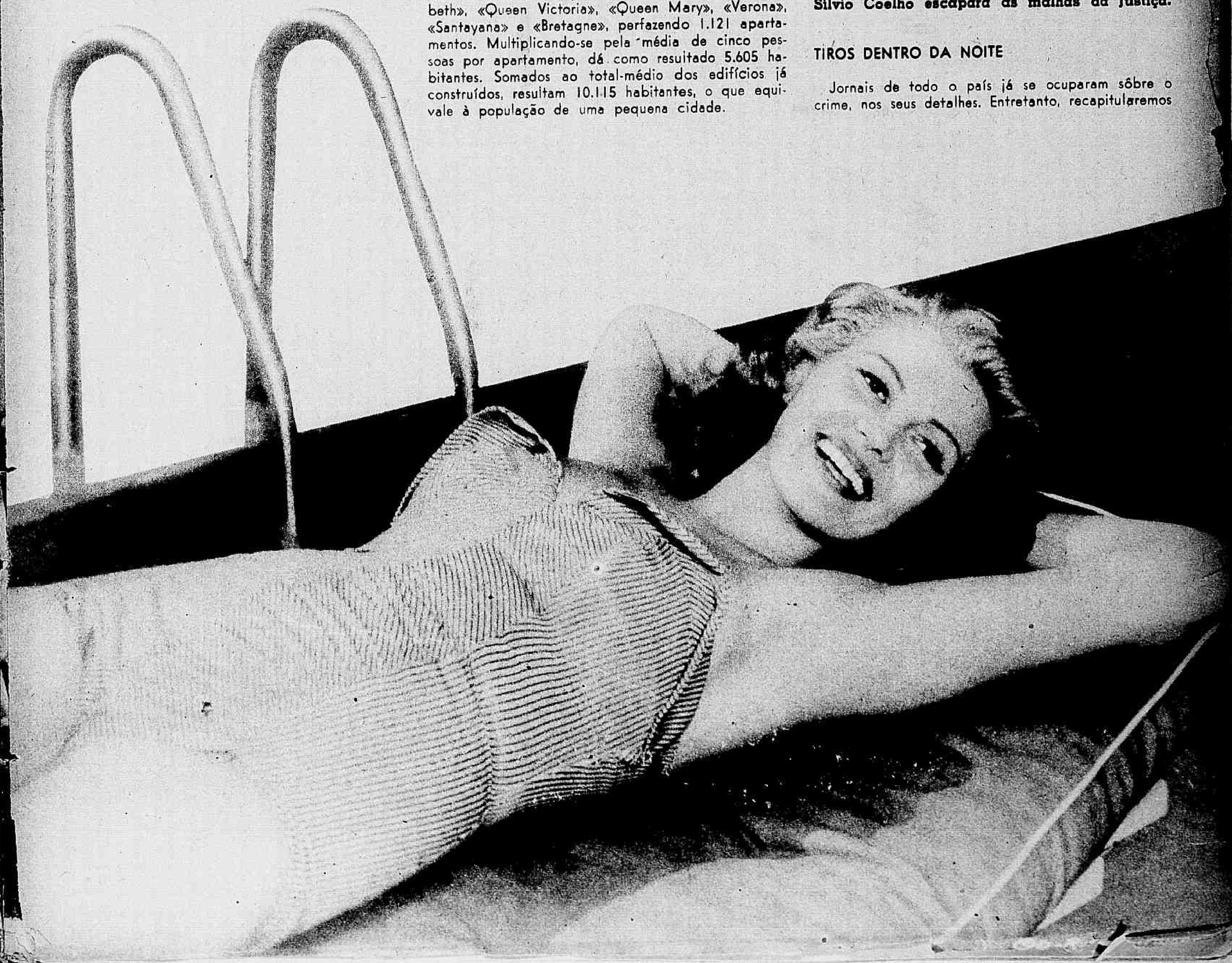
Treze outros edifícios estão em fase de construção, ainda naquele bairro, pela imobiliária dirigida por Cateysson. São êles: «Master», «Duque de Edson», «Duque de Edinburg», «Manchester», «Embassy», «Lord Nelson», «Duque de Oxford», «Queen Elizabeth», «Queen Victoria», «Queen Mary», «Verona», «Santayana» e «Bretagne», perfazendo 1.121 apartamentos. Multiplicando-se pela média de cinco pessoas por apartamento, dá como resultado 5.605 habitantes. Somados ao total-médio dos edifícios já construídos, resultam 10.115 habitantes, o que equivale à população de uma pequena cidade.

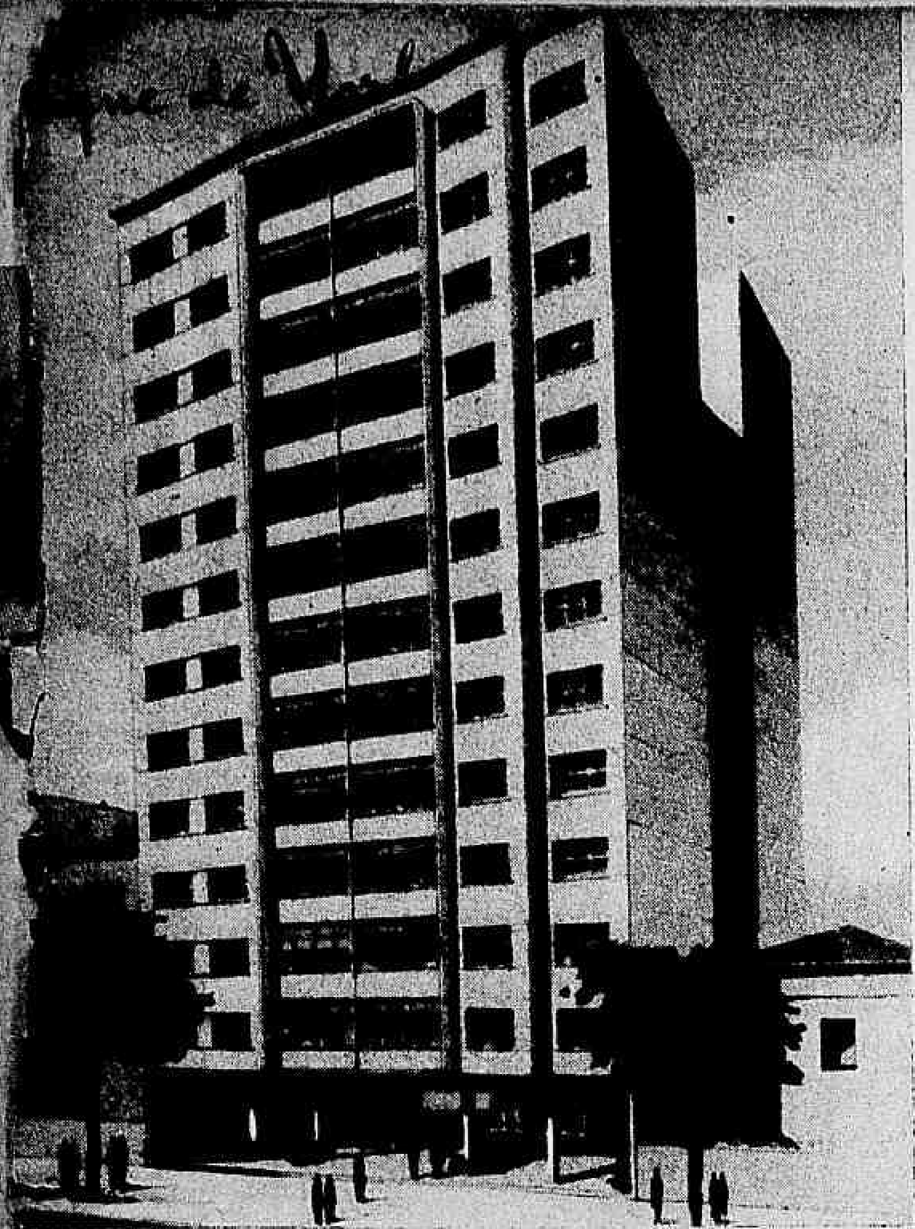


SILVIO COELHO deixou-se transtornar pelo ódio implacável que começou a nutrir contra Cateysson, seu protetor e amigo. Seu crime foi de uma brutalidade sem conta. Dificilmente Silvio Coelho escapará às malhas da Justiça.

TIROS DENTRO DA NOITE

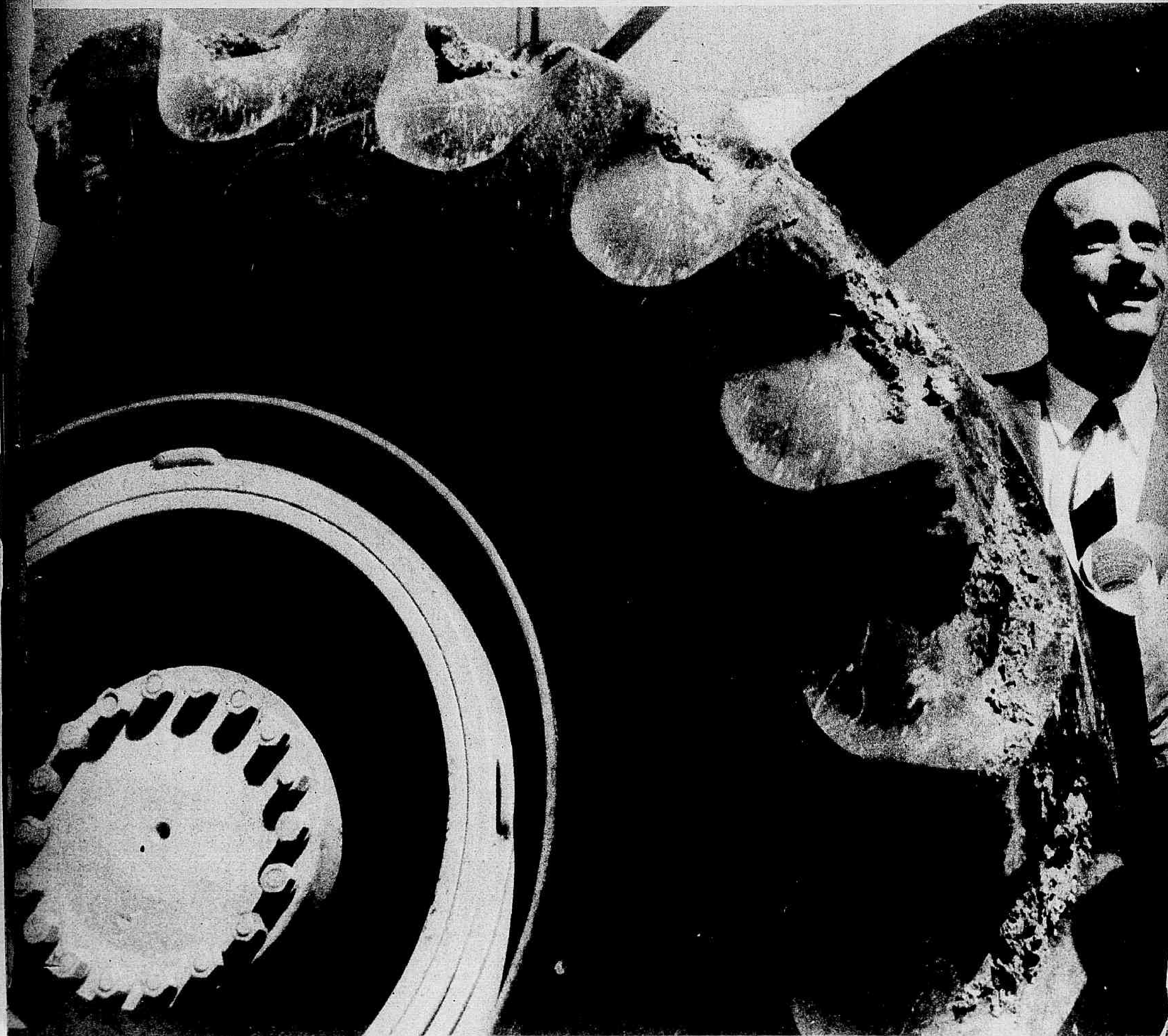
Jornais de todo o país já se ocuparam sôbre o crime, nos seus detalhes. Entretanto, recapitularemos

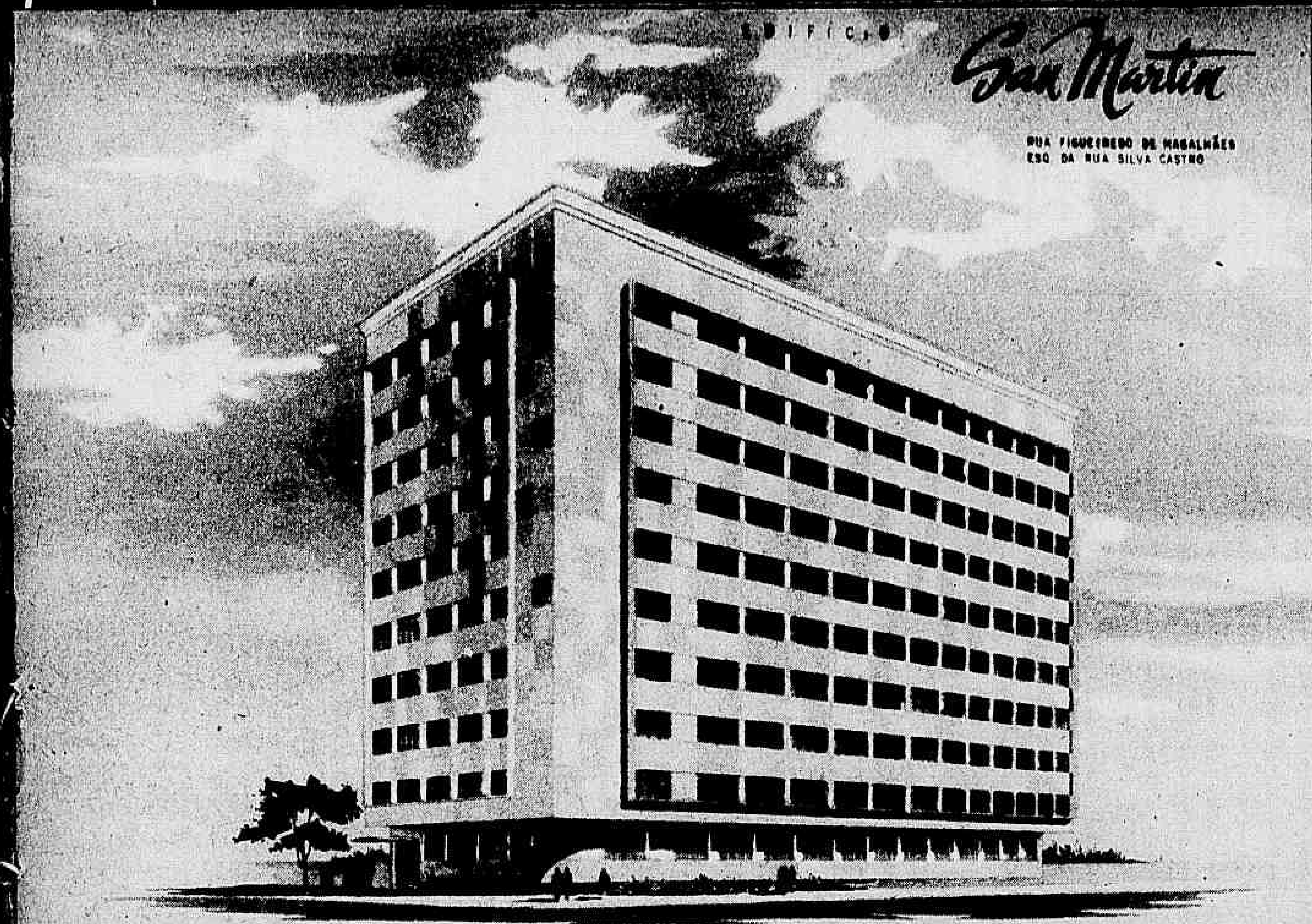


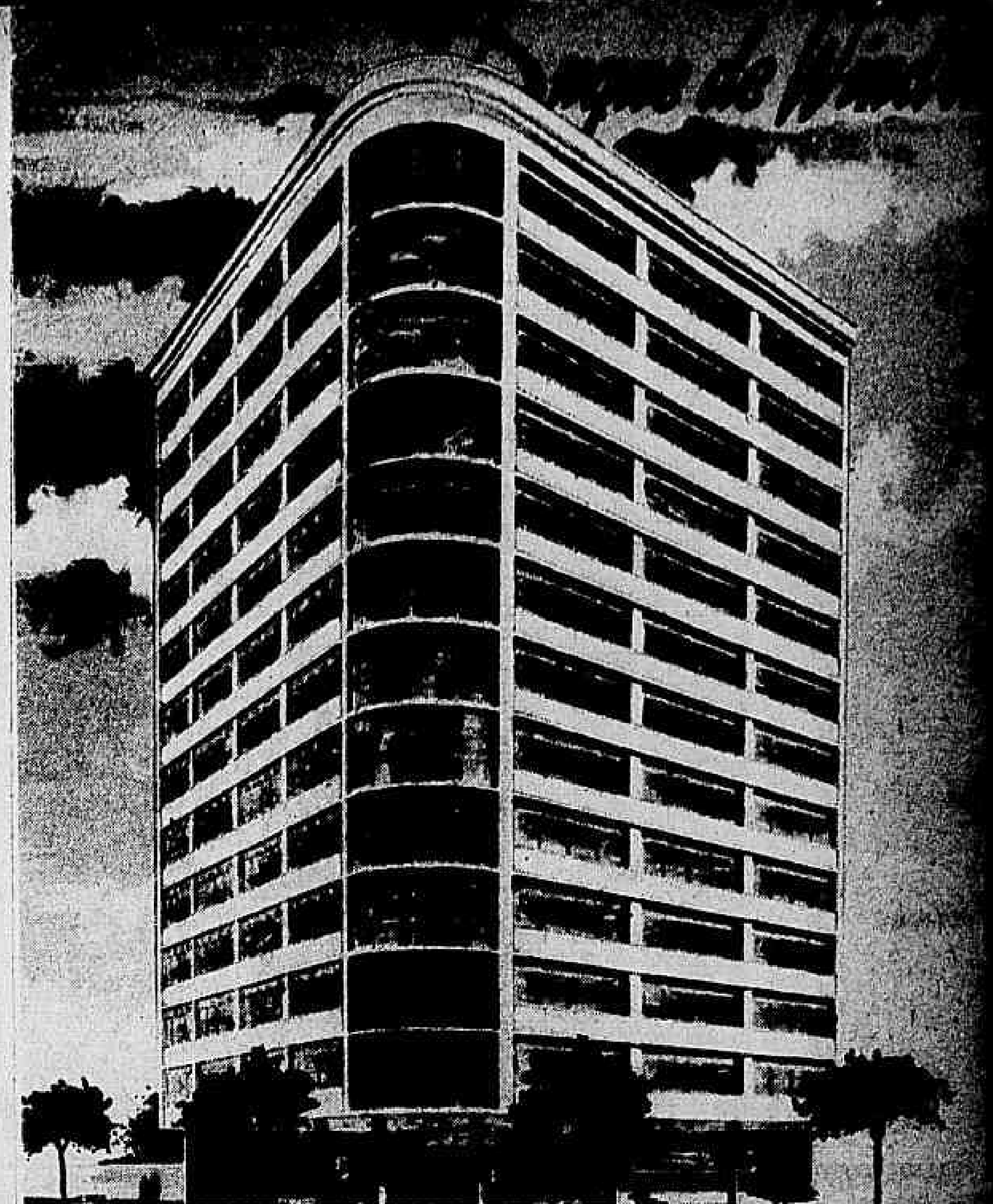




Cateysson plantava edifícios em Copaca







bana como quem planta café no Paraná

o fato, aqui, em linhas gerais — e, inclusive, apresentando aspectos ainda não conhecidos.

Eram 19,30 de sexta-feira, 16 dêste mês e ano. O movimento diante do Pôsto do Serviço Esso, à saída do Túnel Novo, igual ao dos demais dias. Súbito, ouviram-se vários disparos. O empregado encarregado da bomba de gasolina pensou que fôssem fogos de artifício. Mas sua atenção foi despertada para um homem que se afastava de um «Cadillac», às carreiras, entrando em outro «Cadillac» estacionado mais adiante e arrancando em velocidade. O carro rodou sôbre duas rodas e tomou o destino da ladeira próxima.

A essa altura, outras pessoas já haviam sido atraídas pelos disparos. No «Cadillac» parado estava sentado um homem, cabeça reclinada para trás, mãos crispadas no volante, com sangue a escorrer pela cabeça e pelo corpo. Estava-se em face de um crime. Um assassínio brutal e covarde, sem dar tempo, ao menos, que a vítima esboçasse um gesto de defesa. E o morto era o milionário André Jules Cateysson.

Cinco balas atingiram-no e qualquer uma delas seria fatal, segundo o laudo do médico legista Capparelli. Em poucos momentos, estava esclarecida a identidade do frio matador: Sílvio Coelho.

ANTECEDENTES DO CRIME

Sílvio Coelho era balconista da «Canadá Modas S.A.», quando foi apresentado a André Jules Cateysson, mais ou menos em 1950. Simpático, insinuante, de maneiras fáceis, Sílvio Coelho captou, imediatamente, a amizade de Cateysson. Êste o convidou para trabalhar na «Predial Corcovado S. A.», como corretor de imóveis. O convite foi aceito, de imediato. Sem que demorasse, Sílvio Coelho recebeu, de mão beijada, 2.500 ações de 1.000 cruzeiros cada uma, daquela emprêsa, na condição de instalar a «Companhia Corretora Brasileira de Imóveis», situada à avenida Rio Branco. Com o correr do tempo, Sílvio passou a desfrutar da confiança do seu patrão. Ambicioso, chegava a propalar-se «diretor» da «Predial Corcovado», atingindo ao cúmulo de, numa importante reunião, apresentar André Cateysson como seu «sócio», numa posição de franca inferioridade pelos próprios têrmos da apresentação.

Afinal, Sílvio chegou a fazer um milhão de cruzeiros como gratificação, com um salário mensal de 35 mil cruzeiros.

GASTOS EXCESSIVOS

Sem se acomodar ao normal nível de vida, Sílvio Coelho passou a gastar nababescamente. Mulheres de vida airosa e aventureiras outras levavam grande parte do seu dinheiro. Por causa de uma delas, tentou matar um motorista de praça, em cujo «táxi» sua espôsa o havia seguido, acompanhado pela amante.

Suas despesas mensais atingiam, a essa altura, cêrca de 80 mil cruzeiros, conforme confidências feitas a amigos. Daí, em dois anos, apenas, ter sacado 1 milhão e 200 mil cruzeiros na firma, a descoberto. No fim do ano passado, a situação tornou-se insustentável para êle. Promovera e participara de festas que eram verdadeiras bacanais, depondo contra o bom nome da organização em que trabalhava. Por todos êsses motivos, André Cateysson resolveu dispensar o empregado. Sílvio Coelho queria, então, 10 milhões de cruzeiros de indenização, pelas suas 2.500 ações. Cateysson propôs 7 milhões e 800 mil cruzeiros, parte em dinheiro e o restante em apartamentos. Surgiu «impasse». O ex-patrão viajou para a Europa. Quando regressou, foi informado de que Sílvio Coelho ainda não pagara títulos contraídos na emprêsa. Indignado com o procedimento do seu ex-protegido, André mandou apontar os títulos.

E Sílvio Coelho jurou matá-lo, levando a sua decisão ao conhecimento de amigos comuns. Fêz isto até na noite em que cometeu o crime. E foi mais além, no seu requinte de crueldade: depois de matar seu ex-patrão, telefonou para a residência dêste. Atendido por uma voz feminina (a irmã de Cateysson), julgando que estava falando com a mãe de sua vítima, Sílvio Coelho disse: «Tenho uma boa notícia para a senhora. Acabo de matar seu filho!»

Fugiu, apresentando-se à polícia três dias após o assassínio, para se livrar do flagrante. Seu advogado é o dr. Alfredo Tranjan, enquanto ao lado do Ministério Público vão funcionar, como auxiliares de acusação, os drs. Romeiro Neto e Evandro Lins e Silva. Aguardemos o pronunciamento da Justiça sôbre êsse bestial crime.

ANDRÉ JULES CATEYSSON: teve uma vida inquieta, cheia de altos e baixos, mas, nela, sempre predominaram os gestos de ousadia e desprendimento. A «Corcovado», que êle fundou e dirigia, surgiu no mercado imobiliário com a fôrça de uma coisa nova e segura, dirigida por um «brain trust» de homens capazes e arrojados. Tal a segurança do empreendimento que sua morte em pouco ou nada afetará suas iniciativas.



Um operário e um milionário, entre os padrinhos do novo bispo

A SAGRAÇÃO DE D. JOSÉ TÁVORA

Uma impressionante cerimônia que contou com a presença de altas autoridades. — Ungido e paramentado, o novo prelado (Bispo do Rio de Janeiro) vai, após a solenidade, ao encontro do seu rebanho.

ÀS 10 horas da manhã, no domingo 25, d. Jaime Câmara dava entrada no recinto da Igreja de Sant'Ana, e logo em seguida tinha início a solenidade de consagração de D. José Távora, «o sacerdote-operário». A igreja estava repleta, notando-se a presença de autoridades e personalidades em foco, inclusive o general Eurico Gaspar Dutra, amigo de velha data do sacerdote que ia ser investido nos poderes de bispo auxiliar do Rio de Janeiro.

O RITUAL

A «Preparação» constituiu a primeira parte das sete cerimônias. Seguiram-se os «Prelúdios», com o «exame»; o «começo da missa» e as «ladainhas»; a «Sagração», com a «imposição do Evangelho», a «imposição das mãos» e as «unções»; e, após a «entrega das primeiras insígnias», instante comovente em que o novo bispo recebe o báculo, o anel e o Evangelho.

A cerimônia prosseguiu com a «continuação da missa», quando d. José Távora recebeu então a mitra e as luvas, chegando o ritual ao seu término: estava sagrado o novo prelado da Igreja. Tôda a solenidade demorou mais de duas horas; e serviram de paraninfos do novo bispo o presidente nacional da Juventude Operária Católica, sr. José Morais Neto, e os srs. Valdemar Lopes, diretor de Divulgação do IBGE, Guilherme Guinle, César Pontes e Sérvulo Távora, irmão de d. José Távora.

Presentes também: D. Darcy Vargas, o ministro Apolônio Sales, o general Juarez Távora, o sr. Odilon Braga, além de grande multidão.





As 10 horas da manhã do domingo, dia 25 de julho, d. Jaime de Barros Câmara, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dirigia-se ao altar da Igreja de Sant'Ana para a sagração do novo bispo.



O momento mais importante da cerimônia, quando D. Jaime Câmara impunha ao novo bispo os Evangelhos. A sagração de d. José Távora contou com a presença, inclusive do general Dutra.

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* Gesteira.

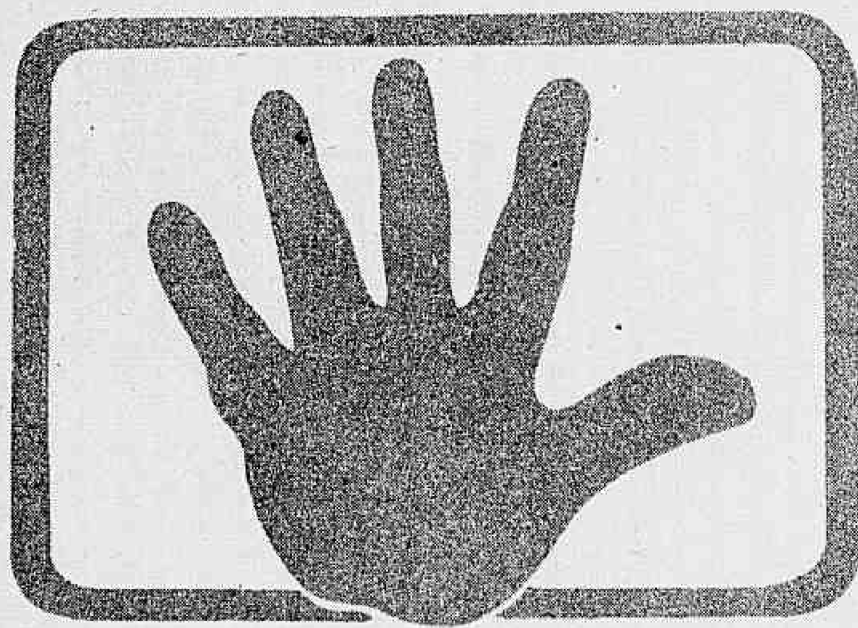
Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* **Gesteira**

***Regulador* Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.**

***Regulador* Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações**

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

Puxe pelo Cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTE

1—Quantas Constituições vigoraram no Brasil após a República até hoje:

— **Duas?**
— **Três?**
— **Quatro?**

2—Quantos são os Estados que compõem a região do Brasil Central:

— **Três?**
— **Dois?**
— **Quatro?**

3—Em que cidade brasileira se construiu o primeiro observatório astronômico do Brasil:

— **Recife?**
— **Bahia?**
— **Rio?**

4—Em que govêrno foi construída e inaugurada a estrada de rodagem Rio-Petrópolis:

— **Epitácio Pessoa?**
— **Washington Luís?**
— **Getúlio Vargas?**

5—O rio Javari é afluente do:

— **São Francisco?**
— **Doce?**
— **Amazonas?**

6—Em que parte do Rio fica a zona conhecida pelo nome de «Cidade Nova»:

— **Copacabana?**
— **Mangue?**
— **Esplanada do Castelo?**

7—Quantas ilhas e ilhotas há na baía de Guanabara:

— **113?**
— **87?**
— **48?**

8—D. Leopoldina, primeira espôsa de D. Pedro I era:

— **Húngara?**
— **Austríaca?**
— **Alemã?**

9—Que significa a palavra **Valério:**

— **De grande estatura?**
— **Habitante dos vales?**
— **Bravo, valoroso?**

10—Qual a língua que possui a maior palavra do mundo:

— **A grega?**
— **A inglêsa?**
— **A alemã?**

11—O mais veloz rio do mundo é:

— **O Reno?**
— **O Ródano?**
— **O Negro?**

12—Qual o país europeu onde não há telefones:

— **Andorra?**
— **Luxemburgo?**
— **S. Marino?**

13—O osso denominado **esterno** fica:

— **Na cabeça?**
— **No tronco?**
— **Na perna?**

14—Qual a árvore saneadora de ambientes:

— **O oitizeiro?**
— **A figueira brava?**
— **O eucalipto?**

15—O maior teatro do mundo é:

— **A Ópera de Paris?**
— **O Scala de Milão?**
— **O Municipal do Rio?**

(Respostas na página 46)

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginasial; de 7 a 11: cultura superior; — universitário; de 12 a 14: um sábio; tôdas as 15: um gênio em pessoa.

A GRANDE EMISSORA

MARIA HELENA DE AGUIAR

● Depois de ouvirmos 12 radialistas, podemos, esta semana, apresentar o «cast» que tornaria qualquer emissora brasileira a mais ouvida e a mais rendosa. Todos os nomes que fazem parte dessa equipe foram escolhidos por votação, havendo casos de empate, decididos por nós. Eis a emissora ideal, segundo opiniões de gente de rádio:

Diretor Geral: Vitor Costa; Diretor de Broadcasting: Dermival Costa-lima (Nacional — S. Paulo); Diretores Comerciais: Luís Vassalo, Luís Ramos e Dário de Almeida; Gerente: Francisco Abreu (Mayrink) — trabalha 12 horas, segundo dizem, o único gerente que é amigo dos artistas; Diretor do Departamento Musical: Ercoli Vareto (Nacional); Orquestradores: Aldo Taranto (Tupi), Guerra Peixe (Nacional — S. P.), Peruzzi (Mayrink), Migliori (Record — S. P.), Radamés, Panicalli e Perachi (todos da Nacional — Rio); Regentes de programas montados: Calazans, Perachi e Peruzzi; Orquestras: Tabajaras e Tupi, com instrumentinos e cordas da Nacional — Rio; Produtores: Almirante, Paulo Roberto, Antônio Maria, Túlio de Lemos (Tupi — S. P.), Haroldo Barbosa, José Mauro e Max Nunes; Narradores: Luís Jatobá, Válter Forster (Nacional — S. P.), César Ladeira e Paulo Roberto; Animadores: César de Alencar, Manoel Barcelos e Blota Júnior (Record — S. P.); Locutores: Reinaldo Costa, Carlos Frias, Carlos Henrique, Reinaldo Dias Leme, Osvaldo Luís, Cid Moreira, Aurélio de Andrade, Nelson de Oliveira (Nacional — S. P.), Randal Juliano (Record — S. P.) e Dilo Guárdia; Rádio-Baile: Abelardo Chacrinha Barbosa; Locutoras: Silvana, Maria Helena e Virgínia de Morais (Nacional — S. P.); Rádio Teatro — Diretor: Floriano Faissal; Novelas: Válter Forster (Nacional — S. P.), Celso Guimarães e César Ladeira (papéis de mocinho); Ismênia dos Santos, Ísis de Oliveira, Dulce Martins, Lia de Aguiar (Tupi — S. P.) e Gessy Barbosa (Bandeirantes — S. P.) (papéis de mocinha); Tipos característicos — Homens: Hamilton Ferreira, Urbano Loes, Saint Clair Lopes, João Fernandes e Olavo de Barros; Mulheres: Iara Sales, Nanci Wanderley, Estelita Bell e Olga Navarro (Nacional — S. P.); Comediantes: Zé Trindade, Matinhos, Brandão Filho, Hamilton Ferreira, Orlando Drumond, Germano, Francisco Anísio, Urbano Loes, Farid Rescala (Nacional — S. P.), Altivo Diniz, José Vasconcelos e as mulheres: Nanci Wanderley, Ítala Ferreira, Ema D'Avila, Vilma Faria, Estelita Bell, Teresinha Moreira, Haydée Fernandes, Raquel (ninguém se lembrou do sobrenome, Nacional — S. P.) e Tânia Maria; Novelistas: Mário Lago, Amaral Gurgel, Ghiaroni e Válter Forster; Humoristas: Lauro Borges, Castro Barbosa, Pagano Sobrinho, Mazzaropi e José Vasconcelos; Cantoras: Dircinha Batista, Araci de Almeida, Ângela Maria, Nora Ney, Elizete Cardoso, Isaurinha Garcia, Leny Eversong, Neusa Maria, Dolores Durand e Heleninha Costa; Cantores: Sílvio Caldas, Lúcio Alves, Louis Cole («Vogue»), Dorival Caymmi, Dick Farney, Jorge Goulart, Jorge Fernandes, Jorge Veiga, Blackout, Jackson do Pandeiro, Maurici (ninguém se lembrou do sobrenome, Record — S. P.), Luís Gonzaga e Osni Silva (Nacional — S. P.); Conjuntos Vocais: Trio Nagô, Cariocas, Titulares do Ritmo (Bandeirantes — S. P.) e Anjos do Inferno; Conjunto Regional: o de Canhoto, da Mayrink Veiga; Solistas indispensáveis: Jacob, Pixinguinha, Benedito Lacerda, Altamiro Carrilho, Valdir Azevedo, Bola Sete, Chiquinho da Sanfona, Fafá Lemos e Zé Menezes; Pianistas indispensáveis: Britinho, Sacha («Vogue») e Fats Elpídio (Studio Excelsior).

Esta fôlha de pagamento, com exceção dos diretores, que receberiam comissões, custaria, exatamente, 2.574.000,00 — pelos salários atuais. Em compensação, essa emissora teria material na prateleira para cobrar, mensalmente (segundo os preços atuais da Nacional), 5.610.000,00. É negócio ou não é?

Caso houvesse horários disponíveis para esportes, a equipe esportiva seria: Oduvaldo Cozzi, Ari Barroso e José Scassa. Mais 120.000,00 de despesa e uma renda certa de 250.000,00.

DOIS PERFIS



ARACI DE ALMEIDA

● Araci é uma grande personalidade. Vem de uma terceira classe primária, onde lhe tentaram ensinar uma coisa que se chama análise lógica. Desistiu, porque acha que não há menor necessidade de se saber a diferença entre sujeito e predicado. Ninguém cantou igual a ela nesse Brasil todo, ninguém deu forma tão bonita à música popular — como no caso dos sambas de Noel. Hoje, deixou o Rio, porque não quer fazer boêmia. Vive em São Paulo, dorme cedo e está mais gorda. Canta aos sábados, na Record, num programa de canções muito escolhidas para um público numeroso e exigente. De temperamento, é variável. Está no auge do carinho e, de repente, tem um rompante daqueles e diz o que bem entende, a quem quer que seja. Confessa a tôda hora que não gosta das mulheres: «os meus amigos verdadeiros são todos homens. Não os escolho por honradez. Gosto de gente humana. Um dos meus camaradas mais certo é batedor de carteira e está prêso». Lê a Bíblia o dia inteiro e, por influência de Clóvis Graciano (seu grande amigo) habituou-se à pintura moderna. De Clóvis, tem, talvez, o que há de melhor. Seus pintores prediletos são: (brasileiros) além de Clóvis, Di Cavalcânti e Heitor dos Prazeres. Agora, disse numa roda, «estou com uma quedinha pelo Rebolo. É um «caititu». O compositor de sua vida é João Sebastião Bach, de quem houve, amiudadamente, «Jesus Alegria dos Homens». Tem mania de doença, embora tenha uma saúde de ferro. Já disse a alguém, em hora de bonita confidência: «sou uma pessoa triste; dou-me ao luxo de rir, às vêzes».



DORIVAL CAIMY

● Um homem da praia da Bahia, um poeta. A nosso ver, é o melhor compositor nacional em 100 anos de canção brasileira. De trabalho, atualmente, faz a Record (TV e Rádio) e, no Rio, fica em casa pintando (quadros, é claro). Grande conversa, é capaz de nos prender uma noite inteira contando histórias, onde revela um agudíssimo senso de crítica. Sabe caricaturar os outros e descobre, no próximo, coisas que os mais íntimos ainda não haviam descoberto. É de índole preguiçosa e nunca faz hoje o que pode deixar para amanhã. Cantando, é facílimo e faz, com os olhos, em três minutos, o que muito galã à la gangster não consegue fazer durante a vida inteira. De suas canções, a mais bonita é «Festa de Rua» (não muito popular) embora seus versos mais fortes sejam: 1º — «a noite está que é um dia, diz alguém olhando a Lua» (Lenda do Abaeté); 2º — «. . . e jogue uma flor no colo de uma morena em Itapoan» (falando ao vento, em «Saudade de Itapoan»). Come devagar, fazendo arquitetura, no prato, com bolinhos de feijão e farinha. Ao botar mais farinha no que come, diz sempre: «pirão de baiano só acaba quando êle quer». Ponto marcante de sua índole: doçura.

AL NETO NA TV

Depois de entrar no rádio, onde vem lendo, em voz triste, suas torturantes crônicas, o senhor Al Neto acaba de ingressar na Televisão. Al Neto foi a pior conquista do rádio em 1949, impondo seus comentários de propaganda americana nos horários, naquele tempo, mais audíveis das emissoras cariocas. Também, em alguns jornais, suas atrozes crônicas têm sido publicadas com destaque. Sua tarefa e seu lema são a propaganda dos Estados Unidos. Mas, nesse ponto, os mestres da propaganda falharam redondamente, porque o som e a presença do senhor Al Neto (como o próprio nome ou pseudônimo) redundam em contra-propaganda americana. Conquista ruim essa da TV-Tupi. O senhor Al Neto é a própria chatice, com sotaque saxo-gaúcho.

RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO ★ RÁDIO - OPINIÃO

Cabelos pretos e olhos castanhos

CLAIRE BLOOM É A PRÓPRIA TERESA





A REVELAÇÃO DE CHARLES CHAPLIN, EM «LUZES DA RIBALTA», AMA O TEATRO, GOSTA DE CINEMA, ESTUDA «BALLET» E SEMPRE ENCONTRA TEMPO PARA CUIDAR DE SUA CASA.

Texto de LUÍS SODRÉ **Fotos de TOM BLAU**

QUEM viu "Luzes da Ribalta" certamente sentiu-se apaixonado pela figurinha esguia de Terry, a jovem que tentara o suicídio em virtude de não encontrar uma oportunidade no teatro. Foi Calvero quem a salvou e a incentivou. Terry era meiga, jovem, bonita, tôda ela ternura. Calvero compreendeu isso e lhe estendeu a mão. O lirismo das cenas envolvia todos os espectadores; os olhos de Terry completavam o espetáculo. Terry tornou-se, a partir daquele momento, "a namorada do mundo". Era mais uma vitória de Chaplin.

Mas acontece que Terry não é apenas uma personagem chapliniana. Terry existe realmente, e chama-se Claire Bloom. É meiga, tem um olhar suave, gestos envolventes e é tôda ternura também. Tem apenas 23 anos e, pode-se dizer, é uma atriz vitoriosa. Lançada por Chaplin no cinema, ela veio dos palcos londrinos para projetar-se no noticiário mundial. Ninguém ouve hoje a música de Chaplin sem se lembrar daquela menina cuja ambição era vencer na ribalta. Terry é hoje uma imagem que não se apaga, como Claire Bloom é um nome que se firma.

Claire começou a estudar bailado com a idade de quatro anos, estudou também arte dramática, estreando aos 15 anos num programa de rádio. Trabalhou em várias companhias de teatro, tendo a oportunidade de interpretar Ofélia, de "Hamlet", e Lady Blanche, em "O Rei João", com o crédito também de figurar no elenco do "Old Vic", uma das maiores companhias teatrais do mundo. Foi a New York fazer testes para o filme de Chaplin, e venceu por vários corpos de luz na frente de centenas de








Claire, como Terry, encontrou a alegria de viver


«Luzes da Ribalta»: Terry procura incentivar Calvero. Nem tudo está perdido.

outras candidatas. Seu próximo filme será "The Man Between", ao lado de James Mason, mas ela continua vivendo grandes papéis no teatro, sem se decidir, definitivamente, por um ou por outro. Não importa, ela é jovem demais para pensar nisso, e o que vier, desde que seja bom, ela aceita. E sabe perfeitamente desincumbir-se de sua missão.


A CASA DE CLAIRE BLOOM É SIM-


PLES, E É ELA PRÓPRIA QUEM CUIDA


DA DECORAÇÃO E DA SUA LIMPEZA

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★

BILHETE AO COMENDADOR

PAULO SOLEDADE

● Meu caro Comendador:

Lendo outro dia sua movimentada coluna em «Última Hora» com surprêsa tomei conhecimento de que a buate «Esplanada» vai reabrir, depois do fracasso comercial da primeira temporada. Cumpre-me esclarecer que, embora estejamos enfrentando uma época de auto-elogio, nos meios artísticos, teatro, rádio e cinema, não é sem constrangimento que me proponho a contar a verdadeira história da tradicional buate da sociedade paulista. Como o querido Comendador bem sabe, eu fui encarregado da reabertura daquela casa, tendo participado desde a instalação do palco, decoração e seleção do material humano. Com o «show» «Feitiço da Vila» onde tomaram parte Sílvio Caldas, Elizete Cardoso e um grupo de artistas de São Paulo, cantores, atores bailarinos e músicos, ficou demonstrado que é possível se organizar um espetáculo decente com a prata da casa. Em várias ocasiões foi necessária a interferência da polícia para evitar que o público em número acima da lotação da casa entrasse para assistir ao espetáculo. Aos sábados isso acontecia antes da meia-noite. Dois meses e meio ficou «Feitiço da Vila» em cena apesar do mau serviço oferecido à sociedade paulista, da falta de classe de seu arrendatário que além do mais não é «persona grata» dos «habitués». Com a apresentação de «Clarins em Fá», «show» de carnaval montado especialmente para o público estrangeiro que viria assistir ao Festival de Cinema, aquela casa estêve nas condições que você mesmo encontrou quando lá estêve. Não é possível se exigir mais de um público que já havia perdido o hábito de freqüentar buates devido a má programação artística das casas congêneres até aquela data. No dia 26 de fevereiro terminou, com a chegada do carnaval, aquela era de prosperidade. O sr. Don Cicilo, arrendatário da buate, veio propor-me montar um espetáculo que eu sabia não poderia atender às exigências de uma platéia culta, e bem acostumada a assistir em outras partes do mundo ao que de melhor há. Precisava naturalmente ganhar mais, e pensava consegui-lo pagando menos o que é um êrro num lugar onde o freqüentador está disposto a conseguir o seu prazer por qualquer preço. (Vide «Casablanca» quando o «show» é bom). Sem a minha aquiescência meteu-se por conta própria a realizar um desfrute a que deu o nome de «show» aproveitando-se do conceito que o «Esplanada» havia conseguido com os espetáculos anteriores e o resultado foi o que se viu. Fechou no dia 1º de abril como já era de se esperar. Mas isso não foi tudo. Incompatibilizou-se com uma boa parte do público. Não cumpriu com os artistas, e até pugilato houve para se conseguir o pagamento da escola-de-samba de Geraldo Pereira, e já estão mais ou menos advertidos os artistas que participaram das outras apresentações, de como funciona aquela engrenagem. O dinheiro adquirido pela receita dos dois mencionados «shows» era empregado na montagem de mais uma pizzaria em Copacabana que tem o nome de «Don Cicilo» enquanto os artistas passavam dificuldade trabalhando para casas cheias em «Feitiço da Vila» e «Clarins em Fá». Para maiores explicações sôbre como deve ser orientada aquela casa, consulte Carlos Machado que pagou para se ver livre de um contrato de arrendamento a insignificância de 500 000,00 cruzeiros, fora o que lá perdeu. E o «Don Cicilo» ainda vai reabrir? Abraços do seu admirador — P. S.



TERESINHA TAPAJÓS

Trabalhou com Dulcina, depois com Válter Pinto e fêz cinema («Os três recrutas»). Está presentemente atuando no «show» do «Casablanca». Tem talento mas por enquanto está mostrando as pernas a espera de uma oportunidade melhor. «La noblesse oblige».

Inezita Barroso estreou na buate «Oásis», foi a notícia que Jardel Filho me trouxe. Deve estar fazendo muito sucesso, pois a cantora paulista é uma das boas atrações da capital vizinha. Ainda não foi contemplada devidamente com um «show» onde possa demonstrar suas verdadeiras qualidades. Substituiu Sílvia Fernanda em «Clarins em Fá» e cantou músicas de carnaval. Era o maior valor em cena, mas onde ela se sente melhor é cantando músicas folclóricas, embora cante bem tudo. Artista é assim.



JARDEL FILHO e SÍLVIA FERNANDA

Numa cena de «Floradas na Serra», numa piscina de Campos de Jordão, cenário do filme. Ambos tomaram parte em «shows», quando havia um pouco de dignidade nestes espetáculos. Talvez voltem um dia para alegria dos que preferem ver trabalho e talento.

DIVERSAS

E por falar em briga, eu quero ver como vai ser anunciado o «show» do «Casablanca», «Rei Momo Dormiu Lá em Casa». Uns dizem que é de Fernando Lôbo e Grande Otelo. Outros que Otelo só deu uns palpitezinhos. Carlos Machado quererá entrar no direito autoral, o que já é um hábito dos nossos produtores de teatro musicado. Mas como vai ser anunciado? Qual é o nome que vai primeiro? Machado e Fernando? O Lôbo não concorda, eu conheço êle. Ou terá mudado? E o Machado se conformará. É difícil. Eu conheço êle também. Então? Parece que é a hora da briga, se chegar até lá.

★

Não há atrações no mercado internacional. Ou melhor, há mas não vem para cá. O preço não comporta. O «Copacabana» já desistiu e vai entrar na nova linha de «shows» montados. O «Night and Day» vai sair para outro «show», agora experimentando Luís Iglézias como autor do «script». O «Beguin» continua com Silveira Sampaio escrevendo, dirigindo e representando «No País dos Cadilacs». Mas o «Sacha's Bar» vem anunciando Dany Dauberson, Henri Salvador e muitos outros. Será que o resto do pessoal está dormindo de touca? E mais ninguém consegue trazer ninguém? Ou será uma nova modalidade de publicidade?

★

E por falar em nova modalidade aconteceu outro dia uma muito boa no Copacabana. Houve uma festa para as «misses» que concorreram ao concurso para «Miss Brasil». Estiveram presentes a convite vários jornalistas. Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e muitos outros. A uma certa hora foram solicitados para darem as suas impressões sôbre o «show» que a cidade já conhece ou ouviu falar. Constrangidos pela gentileza de Carlos Machado assinaram num papel opiniões elogiosas e com surprêsa verificaram que as opiniões foram publicadas num jornal da cidade a título de publicidade. Que maneira original, não? Rubem Braga já havia sido solicitado para exprimir o seu modo de pensar e se esquivou. Será que êle já sabia do truque?

★

E por falar em truque o que é que há com o David Nasser? Os compositores querem a sua liberdade; não querem que os editôres mandem e desmandem de suas obras. Uma reivindicação mais do que justa. O dr. Breno da Silveira já está elaborando um projeto na Câmara. O dr. Bilac Pinto está a par do assunto, é o relator. E o David está mandando contra. Que é que há David? Deixa os moços adquirirem seus direitos contra os «gangsters» da música popular.



LÚCIO ALVES

O cantor romântico, que é muito solicitado para reuniões em casas da nossa sociedade, tem boa apresentação, toca bem violão e possui repertório a gôsto do público de buates. Não será uma ótima aquisição para o «Vogue»?

★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★ SHOW ★



UM «SHOW» DA LAPA AO ARSENAL

A ALEGRIA VIAJA NO

O BONDE 30 É O MAIS DIVERTIDO DA CIDADE ★ ANTÔNIO PINTO DE OLIVEIRA CASCAIS, PORTUGUÊS DE AVEIROS, É UM VERDADEIRO FENÔMENO NA LIGHT ★ CONVIDADO A TROCAR O ESTRIBO DO ELÉTRICO PELAS LUZES DA RIBALTA.

Reportagem de MILTON PEDROSA — Fotos de JOSÉ FRANSCHETI MORAES

O leitor já viajou no bonde 30? Se não viajou, não direi pròpriamente que deva fazê-lo. Mas, se disso tiver necessidade, verá que se trata de uma viagem diferente de tôdas quantas alguém possa fazer através dêste Rio de Janeiro.

O bonde 30, muitas pessoas o conhecem. Da Lapa ao Arsenal de Marinha e vice-versa, conduz, durante as 24 horas do dia, marinheiros e lavadeiras, pequenos funcionários públicos e comerciários, artistas de teatro e auxiliares do rádio, jornalistas e cozinheiros, motoristas e operários, enfim, seus bancos são alisados continuamente por todos quantos compõem a gama variada da população carioca, sem esquecer mesmo os bêbedos, os ladrões e as prostitutas.

Através da rua do Lavradio, Praça Tiradentes, Largo da Carioca, Assembléia, Primeiro de Março, rua Sete de Setembro e Gomes Freire, êle carrega, como todos os bondes, homens e mulheres, velhos e crianças, gente que vai ao trabalho ou que se diverte.

Mas carrega, sobretudo, Antônio Pinto de Oliveira Cascais, o condutor nº 2.287 — e nisso é que está a diferença.

QUASE NAO É BEM UM BONDE...

Porque, graças a êsse fato, o bonde 30 não é um bonde como outro qualquer. Às vêzes funciona como teatro, circo, cinema ou auditório de rádio, em que os passageiros formam a mais interessada e atuante platéia de quantas se possam imaginar. Nêle não há tristezas — e se algum passageiro as leva, logo elas se esfumam por alguns momentos — desaparecem as caras tristes, as fisionomias vincadas pelas preocupações. Por alguns minutos são esquecidas mesmo as escorchantes tarifas, a falta de iluminação na cidade e nas casas, as deficiências no fornecimento de gás, os elétricos insuficientes para as necessidades de transporte, o ouro transferido para os acionistas no exterior e os maus salários pagos aos seus empregados pela Light, a quem o veículo pertence. O riso entreabe bôcas desdentadas de velhos, lábios de jovens operárias ou desponta como grandes rosas nas faces das crianças.

E, nisso tudo, um ator único balançando-se no estribo, flutuando nos balaústres, fazendo acrobacias de «clown», prodígios de equilíbrio, a mímica sem fim da cobrança e uma verve inesgotável, sob o sol e a chuva, o frio e o calor, de noite ou de dia.

UMA VIAGEM DE IDA E VOLTA

Façamos, porém, o itinerário completo de cêrca de uma hora, para ver como funciona Cascais, português de Aveiros, das 15,45 horas às 16,09 e das 17 às 23 horas, entre a Lapa e o Arsenal de Marinha.

Um minuto depois da partida está êle recolhendo as passagens. Não o faz como os demais condutores, mas com uma solicitação muito sua:

— Quem não me viu?

Ou outra forma, não menos pitoresca:

— Quem vai me servir?

Nesta altura, já atraiu as atenções gerais, pois sua voz é clara e sonora. Na primeira parada, uma senhora idosa vai tomar o veículo. Êle deixa o estribo e vai ajudá-la, tomando-a pelo braço. E quando o bonde estaca por que um automóvel está fazendo manobra, êle previne, meio pilhérico:

— Seu motorneiro, faz favor de não estacionar aqui, que é proibido...

Quando um passageiro estende-lhe uma nota de 20 cruzeiros, êle responde, lembrando-se que só é obrigado a trocar até 10 cruzeiros:

— É o jeito...

E cobra adiante, de outro modo:

— Depositai o dinheiro em minha mão, cavalheiros.

Ainda na rua do Lavradio, uma senhora procura descobrir um lugar. Êle vai ao seu encontro:

— A senhora vai querer meu bonde? Guardei um lugarzinho aqui para a senhora, pelo mesmo preço...

O bonde atravessa um trecho atravancado de veículos e êle alerta:

— Olhem à direita os senhores que têm vida de valor.

Ou descobre um garôto no estribo, de pingente, e pergunta:

— O menino vai seguir? Então faça o obséquio de sentar-se ali naquele lugarzinho vazio do banco.

Um senhor idoso vai agarrado no balaústre, fazendo prodígios para se manter, êle o descobre e tem esta saída:

— Vou arranjar um lugarzinho para o senhor. Ali, ali. Não arrisca a vida, não interrompe a viagem e nem paralisa o tráfego...

E quando o vê sentado:

— Não se sente melhor?...

NUNCA PERDE A CABEÇA

Quando, numa passagem apertada o motorneiro se impacienta, atrás do veículo um caminhão busina desesperadamente e até os passageiros ameaçam perder a cabeça, sua voz calma soa como água fria na nuca dos nervosos:

— Um momentinho, por favor...

E, por mais incrível que a coisa pareça, numa cidade onde a população sofre tantos contratempos e necessidades, todo mundo se acalma. Para os novos passageiros, o seu «faz favor» já é diferente:

— Senhores que não me viram, dai liberdade ao vosso dinheiro.

Vão descer uma senhora e seus dois filhinhos. Cascais desce do estribo para auxiliar:

— A senhora vai saltar? Deixe as crianças comigo. (E segurando-as com todo cuidado). Venham a mim as criancinhas.

A próxima cobrança será:

— O senhor já foi nesta? Não?... Ah! Ainda vai...

Quase nunca se repete na maneira de fazê-lo. De cada vez é uma. De tal modo que seria um nunca acabar de registrá-los. Os passageiros gostam disso, riem, sorriem, comentam entre si. Positivamente se divertem. Eis por que muitos pagam uma simples passagem com cinco, dez e até vinte cruzeiros e não querem trôco. Muitos dêles já têm dito:

— Deixa ficar. Se eu fôsse a um teatro não sairia tão satisfeito.

É o único condutor no Rio de Janeiro com quem acontecem tais coisas.

O CAPÍTULO DOS BOMBONS

No regresso, enquanto o sinal fecha e o fiscal fiscaliza, o condutor 2.287 faz uma operação diferente. Dá dois passos na calçada. Uma moça estende-lhe um pacote. São balas que lhe dá a gerência da «bonbonnière» para que êle distribua com as crianças... Sim, porque também há disso. Cascais não apenas cobra







PARA O COBRADOR DO BONDE 30, TÔDAS AS DIFICULDADES DA

ESTRIBO

a passagem dos passageiros. Também distribui balas às crianças que viajam no bonde da linha 30. As vêzes, o faz também às mocinhas. Ao aproximar-se da Lapa, surgem aqui e ali grupos de meninos nas calçadas. Muitas já sabem o horário em que êle passará. O condutor pula do estribo corre até onde elas estão e lhes entrega a guloseima. Em geral, êle recebe as balas de várias «bonbonnière», mas outras compra êle mesmo.

É personagem conhecido da petizada que mora entre a Lapa e o Arsenal, em todo o trajeto do mais divertido bonde da capital da República.

O CONDUTOR-PROFESSOR

Há sete anos Cascais trabalha nesta linha e há oito na Light. Veio de Portugal em 1927 e, antes de ser condutor, foi vendedor num armazém de comestíveis e empregado num depósito de vidros. Reside na Praça da República, 25 e é solteiro, com uma filosofia sôbre o casamento:

— Ainda não encontrei uma mulher que saiba cozinhar, lavar e passar a ferro . . . Casar só para constar, não vale a pena.

Os chefes o chamam de «condutor-professor» e êle mesmo acha que durante todo o tempo em que trabalha na emprêsa não tem feito outra coisa senão educar os passageiros na arte de não perder a vida por cinqüenta centavos. Seus cuidados especiais com a população, sua atenção com as velhas que esperam o bonde, seus desvelos para com as pessoas que são obrigadas a virar pingentes, seus carinhos pelas crianças, seu bom humor, alagado de suor ou encharcado de chuva, durante oito horas por dia, valem apenas pouco mais de 2.000 cruzeiros para a Light.

Mas êle tem uma grande alegria: é que nunca ocorreu qualquer desastre com qualquer pessoa em seu bonde, graças justamente a atenção que dedica ao trabalho, inclusive prevenindo não só os passageiros como o próprio motorneiro dos possíveis perigos.

O TEATRO O ESTA CHAMANDO . . .

Por tudo e por muito mais, que jamais acabaríamos de dizer, o condutor Antônio Pinto de Oliveira Cascais tornou-se figura conhecida da cidade. Quando deixa o bonde, veste roupa civil nos dias de folga e passa na porta dos teatros, chamam-no para entrar. Aconteceu mais do que isso. O condutor 2.287 já ensaiou no «Passo da Girafa». Não chegou a representar na peça por que isso talvez significasse sua demissão do emprêgo e êle acha, que afinal, êste até agora lhe tem garantido um ordenado certo, apesar de não lhe dar condições para aproveitar sua vocação. Sim, porque não tem sido só uma vez que o convite lhe tem sido feito para atuar no teatro. Armando Nascimento e Silva Filho, artistas de teatro, seus amigos e passageiros do bonde 30, mais de uma vez lhe aconselharam mudar de profissão.

Entretanto, estamos em que, por sua atenção com os passageiros, pela consideração que dispensa à população, pelo carinho que dedica ao carioca — homens e mulheres, velhos e crianças — Cascais devia ser era presidente da Light.



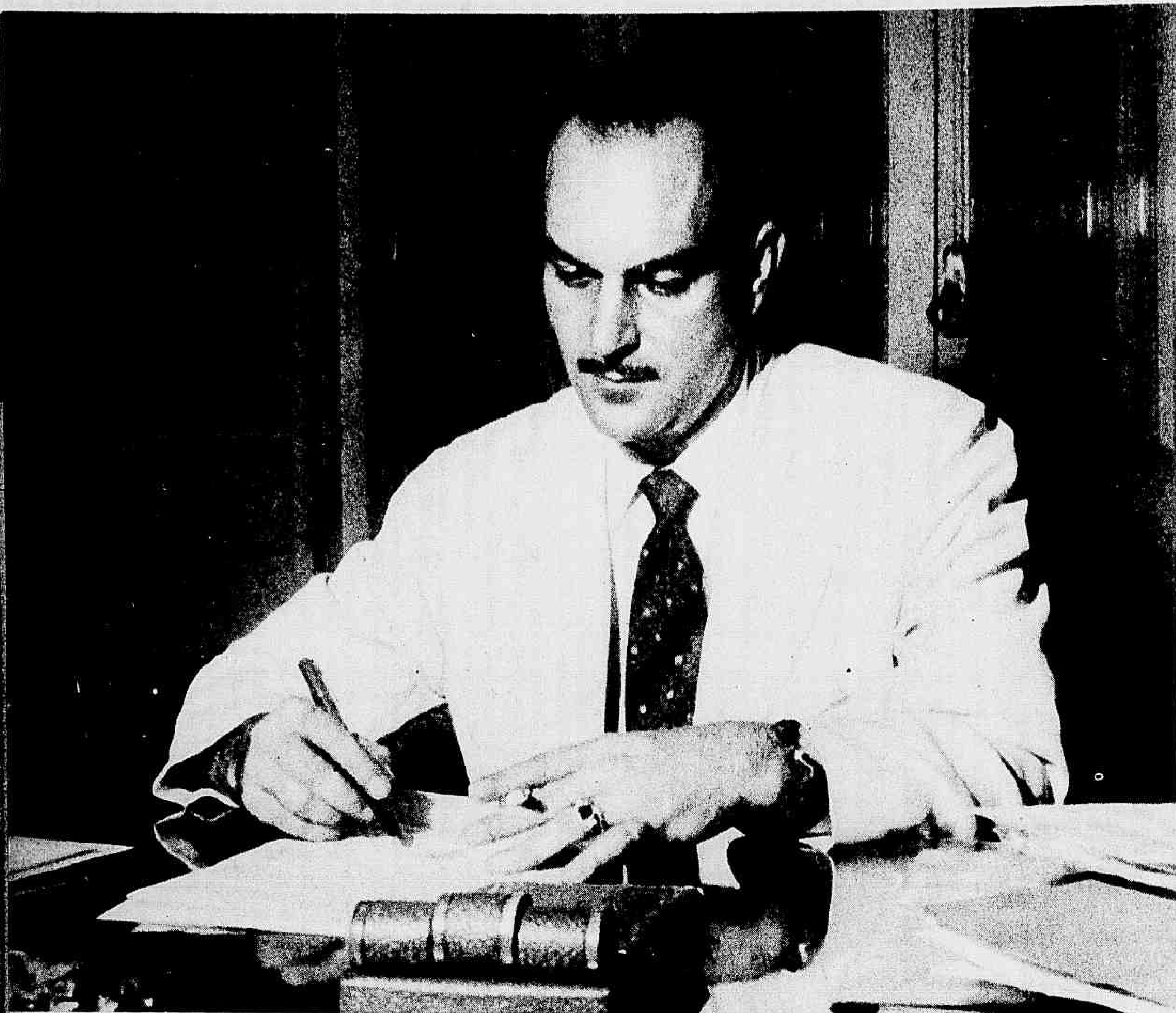
ANTÔNIO PINTO DE OLIVEIRA: UM AMIGO EM CADA PASSAGEIRO







VIDA PODEM SER ENFRENTADAS COM BOM HUMOR E INSPIRAÇÃO



RODRIGO BARJAS FILHO: tenacidade e orientação à frente do I. A. P. C.

CUMPRE O I. A. P. C. SUAS FINALIDADES

A administração Rodrigo Barjas, filho, no I.A.P.C., pôsto que consolidando o que vinha sendo realizado no âmbito do Distrito Federal, inaugurou, nos Estados da Federação, uma política de amparo mais efetivo aos segurados. O que até então estava cifrado aos planejamentos, o que então dormitava nos braços de uma burocracia julgada invencível, derivou para o terreno das realizações indiscutíveis.

Do Amazonas ao Rio Grande do Sul, o I.A.P.C. passou a funcionar com real atendimento às reivindicações desprezadas através de vários lustros. Obras foram iniciadas; os serviços da Assistência Social foram ampliados; a fiscalização se tornou mais intensiva e minudente e, com isto, o I.A.P.C. passou a figurar como uma autarquia verdadeiramente nacional, sem privilégios odiosos ou discriminações injustificáveis.

São Paulo, por exemplo, o Estado líder da Federação, unidade de vertiginoso crescimento que empolga a nação brasileira, com a ascensão do sr. Rodrigo Barjas, filho, passou a receber um fluxo de progresso nunca dantes observado, muito embora o trabalho meritório do seu antecessor, sr. Henrique de La Rocque, dotando o Estado de um dos maiores hospitais da América do Sul.

Não apenas a capital estadual, mas, notadamente, a zona interiorana passou a ser distinguida por uma assistência notável, inteiramente consentânea com os altos objetivos traçados para o funcionamento da previdência social.

O trabalho que leva a efeito, no momento, em São Paulo, o I.A.P.C., é o mais importante que se observa na vida da grande unidade federada. O problema da habitação, um dos mais angustiantes para as populações do interior, que jazia sem solução, vem sendo atacado com o maior êxito. Em decorrência dessa diretriz do setor imobliário da autarquia, construíram-se, por inspiração pessoal do sr. Rodrigo Barjas, filho, numerosos núcleos residenciais, dotados do máximo confôrto e a alugueres pequenos, nos municípios de Sorocaba, Campinas e Araçatuba, alguns dos principais centros paulistas. Em breve, complementando essa extraordinária tarefa, serão lançadas as pedras fundamentais de novos núcleos em Bauru, São Carlos, Marília, etc.

O I.A.P.C., todavia, não se restringiu ao setor imobiliário, no que se refere a melhoramentos. Assim é que podemos anunciar que, em breve, será inaugurado, ali, um Serviço de Subsistência, de há muito reclamado pelos segurados locais. Com tal providência, complementar-se-á a série de inovações que o Estado reivindicava através da massa comerciária.

Nos demais Estados, o panorama é o mesmo: o I.A.P.C. funcionando no sentido de levar ao trabalhador os benefícios que a legislação do sr. Getúlio Vargas lhes adjudicou, mas que, infelizmente, carecia de aplicação mais hábil e constante. Não fôra tarefa por demais longa, e enumeraríamos, neste comentário, o que o sr. Rodrigo Barjas, filho, pela sua administração eminentemente nacional, tem realizado em todo o território pátrio

Se se nos afigura matéria pacífica que a administração do sr. Rodrigo Barjas, filho, de plena recepção das reivindicações comerciárias, não pode receber a eiva de visar a fins políticos, pacífico se torna, porém, que de sua ação promana, necessàriamente, uma grande recuperação política do atual Govêrno federal junto às fontes populares que o constituíram nas urnas de três de outubro.

O sr. Getúlio Vargas, autor de uma legislação sócio-trabalhista universalmente aclamada como excelente, carecia, para sua execução, de elementos capazes e idôneos. Um dêsses elementos foi encontrado na pessoa do senhor Rodrigo Barjas, filho, que, como Delegado Regional do Instituto em São Paulo, soubera dar o seu recado, ligando seu nome a algumas das maiores realizações iapeciárias no Estado. Trazendo-o, pela mão do então Ministro do Trabalho, sr. João (Jango) Goulart, para a esfera federal, o sr. Getúlio Vargas deu maior prestígio e categoria à administração autárquica, fazendo, ao mesmo tempo, calar certos setores da reação.

Òbviamente, o labor profícuo do sr. Rodrigo Barjas, filho, teria que provocar pânico nas hostes adversárias do situacionismo federal. Não obstante, não há censura ou sofisma que possa obscurecer a orientação sadia que se traçou. Contra a colúnia de natureza política, a realização administrativa; contra o ceticismo profissional, o gráfico dos melhoramentos inaugurados em todo o país, sem preocupação de beneficiar esta ou aquela região. As diretrizes se desenvolvem por igual, atingindo por inteiro o país.

Por fim, vale invocar o testemunho da classe comerciária, que êste, sim, é insuspeito. E, se convocada para uma ampla **enquête**, a coletividade de segurados do I.A.P.C., responderia, **a una voce**, que o sr. Rodrigo Barjas, filho, tem sabido honrar a confiança que o Poder Central depositou em sua capacidade administrativa e em sua probidade funcional.

PÁGINA 19



A REVOLUÇÃO DOS CONSUMIDORES

LUIZ SANTA CRUZ

Desenho de **Maria Tereza**

NÃO é revolução de pessoas ou grupos e nem de castas e nem de classes. Não visa o Poder só pelas rédeas do poder e nem as bastilhas só para derrubar oligarquias. Não leva ninguém à fôrca, nem subverte nenhuma ordem constituída. Essa revolução de que aqui se trata, que nenhum partido ainda incorporou, está no ar, está nos rostos inquietos, vem dos estômagos angustiados. Não precisa pròpriamente de ideologias, mas de pão. Não pretende apenas melhorar as leis, nem mais confôrto para o espírito, melhor cultivo para a inteligência, mais liberdade de pensamento.

Essa revolução, a bem dizer, quer apenas possuir hoje o que já devia ter entesourado ontem. Quer o mínimo de bem-estar para uma pessoa humana que, antes de ser espírito, é um corpo que precisa de sobreviver.

Que outras revoluções, mais radicais ou violentas, cavem nos cemitérios da História as sepulturas que essa não pretende sulcar. Outras separem as classes, dividam os grupos, as pessoas, que esta, se a todos une e mobiliza, é enquanto o pão de cada dia está cada vez mais minguado para todos.

Outras revoluções dominem as letras, as ciências, as artes, o recesso dos lares e os diálogos das ruas; fabriquem novo direito, novas filosofias políticas, fabriquem até mesmo teologias. Prometam mais pão e mais circo.

Prossigamos por dizer que essa revolução de que aqui se trata não quer «mais pão», quer «apenas pão». Não quer a guerra e nem a morte, senão a paz do espírito que hoje pode se possuir porque assegurou já ontem o pão do dia de amanhã. Não sonha com mais belos dias, quem simplesmente o mínimo necessário para sobreviver uma pessoa humana, a menor parcela não mais de humanidade, mas de animalidade para a perpetuação da espécie. Revolução dos que têm fome e sêde não mais de justiça nem de liberdade, mas tão sòmente de sobreviver. Revolução dos bichos que farejam nos campos abundantes de cereais ou nos armazéns superlotados, as suas rações e querem vê-las ao alcance de seus focinhos, maiores migalhas nos seus cochos.

Essa é, pois, a revolução que hoje triunfa por tôda parte. As rédeas dos destinos da História não estão mais entre as mãos enluvadas da Burguesia ou nas mãos calosas do Proletariado: os Consumidores hoje governam os povos.

E foram êles, apenas êles, que vieram lançar por terra as velhas categorias lógicas da filosofia política tradicional do Ocidente. Sòmente êles viriam nos ensinar que também há revoluções que prescindem do sangue derramado, como de ideologias e de classes e castas. Que na hora mesma em que se decide os destinos dos povos não há mais essa nem aquela classe, êsse ou aquêle grupo político, mas tôda uma enorme e inconsciente massa, que se une sem sequer o suspeitar e leva às urnas aquêles que, por seu passado ou suas promessas pretendem assegurar-lhes mais carne, mais trigo, ou um mínimo de sobrevivência.

Angustiada, inquieta, mas inexperiente ainda de sua fôrça e de seu domínio sôbre a Política, tôda a imensa e universal massa humana dos consumidores vem abalando nos últimos anos os próprios alicerces da História. Há uma grande Revolução bem na cara!

Jamais como em nossos dias, massa de homens tão numerosa, tão forte e, ao mesmo tempo, tão inconsciente de seu poderio, foi vista vindo às ruas e às urnas, para votar por outros direitos que os meramente políticos, por outros reivindicações que as simplesmente de classe.

Essa inumerável mole humana dos consumidores está por tôda parte, em tôdas as classes. Está no proletariado, está na pequena-burguesia, está na própria burguesia moribunda, cada vez mais temerosa de enfraquecer-se também o seu poder aquisitivo, vendo minguarem suas despesas e crescer sua vontade de usura.

Que outro imenso grupo de pessoas livres, por duas vêzes, modificou os rumos políticos, por exemplo, na Inglaterra dos nossos dias? O consumidor inglês, mal saía dos sofrimentos da guerra e guindava ao poder, esperançoso de bem-estar, os candidatos do Partido Trabalhista; e logo após, iludido em suas esperanças, dava de novo meia volta e apelava para os conservadores, acreditando que lhes poderiam oferecer melhores dias, menos amargurados.

Na Suécia, onde a grande massa de consumidores mais lúcida e consciente se organizou sob a forma de Estado Cooperativista, a grande revolução está em marcha para assegurar melhores meios de sobrevivência, conduzindo a economia a seu verdadeiro destino: o consumo. Nem mais a produção pela produção, do liberalismo econômico; a produção pela distribuição do estatismo econômico; a produção pela circulação, do neocapitalismo; mas a produção para o consumidor, última, decisiva e verdadeira etapa da economia moderna eficazmente produtiva.

Assim era na Suíça, talvez, depois da Suécia, o país em que o consumidor é mais consciente e pollticamente organizado. Assim tem sido na Alemanha do após-guerra, em fase de recuperação econômica espantosa, produzindo para consumir mais eficaz e com mais clarividência do mesmo antes da guerra em que se arruinaria. Quando o povo alemão, hoje com os olhos mais abertos do que nunca para a posse daquelas coisas que são mais indispensáveis, por duas vêzes seguidas, levou Adenauer ao govêrno, preferindo o mínimo que imediatamente lhe prometia ao melhor que lhe reservava talvez Ollenhauer, mais em futuro remoto, nada mais fazia do que repetir a atitude inglêsa de melhor valorizar, através das urnas, seu poder aquisitivo.

Na própria Rússia Soviética não deve ter sido por outra razão que substituiu Stalin aquêle que sempre fôra ùltimamente seu braço direito para os assuntos da distribuição de gêneros e do consumo.

Por sua vez, que significou, em última análise, a vitória de Eisenhower nas urnas senão uma tentativa de reconsideração do problema dos consumidores, esquecidos embora e iludidos os norte-americanos, pois não seria o capitalismo, que é o regime da produção pela produção, ou o neocapitalismo, o da produção pela circulação, a solucionar suas necessidades de compra e de consumo.

Quanto a nós, no Brasil, ninguém poria em dúvida que o candidato ou candidatos eleitos em nossas últimas eleições, senão todos, um bom número, teria sido por motivos análogos. Na verdade, quem foi eleito à suprema magistratura senão aquêle que mais clara e demagògicamente prometeu melhoria de poder aquisitivo a seus eleitores? Êstes, ludibriados ainda, nem por isso, nas próximas eleições deixarão de se enfeitiçar por aquêles que mais uma vez lhes prometam mais carne, mais pão e menos elevado custo de vida. É a única arma que resta a nosso povo de consumidores inconscientes de sua fôrça e incapazes ainda de se organizarem política e econômicamente como povo e não apenas massa amorfa de consumidores.

Porque felizes são hoje apenas aquêles países cujos filhos tomaram consciência social e política de sua fôrça e de sua revolução dos consumidores. Enquanto isso não suceder, tal revolução é uma faca de dois gumes e arma poderosa embora fira também aquêles que dela se utilizam... Ou quase tôda revolução não gera em seu próprio seio também os germes de sua morte?!



A princesa quase mata de tédio a

MARGARETH ROSE FRACASSA NO TEATRO

MARGARETH ROSE:
A sua estréia no teatro (como diretora foi um destrastre. A crítica londrina não a perdoou.

Reportagem de RICARDO ARAGNO

SE se excetuam as três récitas, cacêtes e incolores, a aventura teatral do «grande monde» londrino, que redundou na arrecadação de alguns milhares de libras esterlinas para as crianças doentes, foi um grande sucesso.

O divertimento maior, para a campanha, durou do início dos ensaios até o instante em que se abriu a cortina do elegante palco. Apenas foi escolhida a comédia, «A Rã», tirada de um romance de Edgard Wallace, a princesa Margareth candidatou-se a um dos papéis femininos. Mas os conselheiros da Côrte se opuseram, temendo, com sabedoria e experiência, que a sua real irmã, a rainha Elizabeth, pudesse, por causa disso, ser alvo da contundência da crítica oposicionista. De maneira que Margareth teve que conformar-se com a função de dirigir o espetáculo. Mas uma comédia com cêrca de cinqüenta personagens e treze, fatais, mudanças de cena, é tarefa que requer capacidade organizadora, energia e tempo livre — e nada disso Margareth possui. De forma que, dentro de pouco tempo, o que se viu foi a princesa sentada na platéia, embrulhada no seu rico vison, a dar esporádicos conselhos ao verdadeiro diretor.

DUQUES E BARÕES FALANDO GÍRIA

— Desculpe-me, senhorita — disse-lhe uma tarde um bombeiro que não a havia reconhecido — mas esta porta está fechada. A senhorita deve usar a porta que leva ao palco.

A princesa Margareth, cheia de entusiasmo, acabava de sair do automóvel de Billy Wallace, protagonista, organizador, benfeitor do hospício infantil e jogador de pólo (além de banqueiro e possuidor de uma grande fortuna), e distraìdamente ela, Margareth, procurava entrar no teatro pela porta principal.

Os ensaios se realizaram cercados da melhor atmosfera. Um camareiro ou mordomo atendia aos nobres intérpretes, que se esforçavam no palco para dar o melhor possível de suas possibilidades. Alguns intérpretes, vez por outra, vestidos a rigor, eram obrigados a deixar o espetáculo para atender a qualquer inadiável compromisso social. Mas no fim da tarde, a companhia composta de duques, condes, viscondes, barões e nobres de tôda espécie, concluía os ensaios com otimismo e certeza de sucesso.

O conde de Caernarvon estava perfeito na parte de Spike Brady, o «boxeur». Seu filho, Lord Porchester, na parte do detective Elk, não perdia ocasião de carregar na «gíria» do personagem. Venetia Murray, muito bem na parte de Lola, e a marquesa de Duferrin, quase que inteiramente escondida sob o chapéu de um policial londrino, estava encantadora. E ainda havia a preciosa interpretação dos três viscondes: Hambleden, Ednam e Norvich. Elsa Maxwell, vinda da América, também teve, juntamente com outro americano da companhia, Douglas Fairbanks Júnior, uma modesta «ponta» na comédia. E por tudo isso, miss Judy Montagu, organizadora geral do espetáculo, estava certa de que a coisa andaria maravilhosamente.

O MASSACRE DA CRÍTICA

Mas o fato é que quando o palco se abriu, o interêsse da platéia já estava inteiramente voltado para os camarotes de luxo, onde luziam diamantes e celebridades. E no programa distribuído à entrada, o nome mais procurado, o da diretora, não foi encontrado. A princesa Margareth parece cultivar a glória anônima e enigmática... Dois dias antes, ela havia ganho um prêmio de três guinéus (três libras e três shillings) decifrando as palavras cruzadas da revista «Country Life».

O espetáculo durou perto de três horas, mas a maior parte do tempo foi gasto nos intervalos, devido à morosa e confusa mudança de cenários. Mas não era disso que o público se lamentava, mas dos intermináveis espaços vazios entre uma cena e outra — vazio êste mal disfarçado pela requintadíssima orquestra do Club dos Quatrocentos, que nunca tocou tão mal.

Às 3,30 da madrugada liam-se já as primeiras críticas dos jornais. Em tôdas as redações, o aristocrático espetáculo havia produzido uma crise de cerimônia e precedência. E os críticos de teatro haviam sido completamente superados pelos cronistas mundanos. Mas houve críticas sinceras. E os jornais passaram de mão em mão, naquela mesma madrugada, e após a leitura dos amargos comentários, as radiantes fisionomias dos intérpretes, agora reunidos em tôrno das mais privilegiadas mesas dos mais credenciados «night-clubs» de Londres, foram se obscurecendo visìvelmente. A vítima principal era o próprio Edgard Wallace, autor do «melodrama profundo como uma história em quadrinhos». Seguia-se a direção: lenta, confusa e pretensiosa. E aos autores a crítica prodigalizava (com exceção da senhora Legge, que realmente desempenhou-se a contento), tôdas aquelas ásperas palavras que geralmente são dedicadas a uma companhia de principiantes canhestros e inexperientes.

Lord Porchester, única exceção, foi universalmente aplaudido.

No programa impresso, alguém observou que havia um anúncio interessante. Dizia: «Vá à caça ao tigre, na Índia, em companhia do Marajá de Cooch Behar. Experiência única». Como se sabe, êsse é o remédio esquisitamente seguido pelos que, na aristocracia, são vítimas de amôres infelizes.

assistência

DURANTE DUAS LONGAS HORAS A PLATÉIA DE NOBRES E «SNOBS» ESFORÇOU-SE AO MÁXIMO PARA REPRIMIR BOCEJOS E COCHILOS.



Margareth Rose quando da récita de gala de «A Rã», peça tirada de um romance do escritor Edgard Wallace e que a princesa, segundo os críticos de Londres, transformou numa «enfadonha história em quadrinhos».

PING-PONG



● O livro que Olympio Guilherme acaba de publicar resulta em tremendo libelo contra a política de omissões e de propaganda mercantilista desenvolvida pelo Departamento de Estado. Não significa, porém, em hipótese alguma, uma aprovação dos métodos soviéticos de dominação e escravização dos povos. Nem tão pouco é um panegírico do regime russo. Trata-se de uma verificação objetiva dos fatos que urdiram a guerra fria entre êstes dois mundos e dentro da qual se anulam presentemente o pensamento filosófico, a verdadeira cultura, a sensibilidade, os melhores impulsos do espírito humano. Olympio Guilherme é um homem de múltiplas experiências. Suas incursões nos domínios da arte e da cultura variaram muito, desde quando se aventurou ao cinema como ator, e dêle desistiu ingressando no jornalismo. Jamais foi um escritor adepto da «art for art's sake». Todo o seu trabalho intelectual tem uma relação direta com a vida moderna, com os fatos e problemas dêste mundo de concretas realidades que sufocam e insulam a própria existência. Historiador, economista, pesquisador, técnico de publicidade, entende também de turismo, «hotellerie», «shows», «boites», relações públicas, técnicas ocupacionais e muitas outras coisas. Foi chefe do estado maior de Joaquim Rolla, nos tempos heróicos da Urca, de Quitandinha e Pampulha. É hoje um dos diretores da Agência Interamericana e mora numa casa colonial, no Outeiro da Glória, cercado de sabiás e laranjeiras. Mas, de vez em quando Olympio se caceteia da rotina e resolve fazer algo de extraordinário. E quase sempre viaja. Mas viaja sem aviso prévio e percorre continentes inteiros. Estêve recentemente na África, nos Estados Unidos e por detrás da cortina de ferro. Tomou oito mil notas e escreveu «U.R.R.S.S. & U.S.A.». A obra significa realmente um toque de argúcia no nervo do momento. E por isso mesmo, está provocando celeuma. Encontramo-lo casualmente, depois dêsse feito. A conversação que com êle mantivemos está integralmente transcrita no «ping-pong» abaixo. Parece que, para êle, êsse mundo não tem mais jeito mesmo. Estamos todos em desabalada corrida para um suicídio geral.

•

OLÍMPIO GUILHERME:

"É PRECISO ESCAPAR AO SUICÍDIO GERAL"

O autor de «U.R.S.S. & U.S.A.» viajou o mundo inteiro, viu de perto leões e estadistas, rompeu duas «cortinas» (a de ferro e a do dólar) e conta agora ao repórter a impressão que trouxe da «Oropa», França e Bahia.

Reportagem de SÉRVULO DE MELO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Ping — E' verdade que você não tolera os americanos?

Pong — Não é verdade. O que eu detesto é a burrice e a impafia de alguns americanos.

Ping — Que o levou a escrever «URSS & USA»?

Pong — O meu desejo sincero de contribuir, de alguma maneira, por mínima que fôsse essa contribuição, para o aprimoramento da cultura brasileira.

Ping — Acha que entre os dois mundos em choque, poderá haver uma terceira posição?

Pong — Sim.

Ping — De que depende?

Pong — Do espírito de tolerância dêsses dois mundos.

Ping — Você acha que vai haver guerra?

Pong — Nós já estamos em plena guerra. Acontece que esta guerra se afasta do tipo tradicional. A fase puramente bélica ou armada desta luta será apenas o seu clímax final.

Ping — Ainda será possível evitar-se a fase do conflito armado?

Pong — Eu não creio seja possível êsse milagre, a não ser que os Estados Unidos pudessem enfrentar a crise econômica conseqüente ao desarmamento e à paz entre os povos.

Ping — A quem cabe maior parcela de responsabilidade na presente tensão internacional?

Pong — Eu não vejo «culpados» ou «inocentes» no caos internacional. Vejo apenas a evolução natural das coisas.

Ping — Se houver outra guerra, que acontecerá ao Brasil?

Pong — Mesmo na fase econômica e política da presente luta, já o Brasil mal se mantém de pé como nação independente. E' fácil imaginar-se o que acontecerá na fase bélica do conflito.



«Não vejo «culpados» ou «inocentes» no caos internacional. Vejo apenas a evolução natural das coisas».

Ping — E qual será a situação da América do Sul?

Pong — Desastrosa — sem embargo da situação muito superior da Argentina.

Ping — Você acha que Peron é um estadista ou um megalomaníaco?

Pong — Apesar de discordar do presidente Peron em tantos pontos capitais, ainda assim o considero um dos maiores estadistas latino-americanos.

Ping — E Getúlio?

Pong — Produto de uma época, hoje completamente ultrapassada.

Ping — Você acha que haverá eleições?

Pong — Tomara que haja eleições — mesmo com êsse simulacro de partidos políticos, que não se prestam nem mesmo como elemento decorativo de nossa democracia.

Ping — Você já foi comunista alguma vez?

Pong — Jamais.

Ping — E' favorável a um candidato militar no Brasil?

Pong — Mil vêzes os nossos generais do que os americanos, como General Motors, o General Eletric. Todavia prefiro um civil.

Ping — Por que?

Pong — Porque, apesar de reconhecer o valor de muitos militares patrícios, acredito que a conjuntura econômica brasileira e a solução de uma série de problemas de ordem política e social, exigem a intervenção de um candidato civil que conte com a colaboração de nossas verdadeiras elites.

Ping — Você acha que a economia é dirigida pela política, ou, ao contrário, a política é quem dirige a economia?

Pong — Quando a política intervém na economia, ela não dirige, digere a economia.

Ping — Que fêz com que você desistisse de sua carreira cinematográfica?

Pong — A minha falta de talento para o cinema.

Ping — Qual o melhor cinema que você conhece?

Pong — O italiano.

Ping — Qual o maior ator da atualidade?

Pong — Continua a ser Chaplin.

Ping — Acha que o Brasil pode fazer cinema?

Pong — Industrialmente, não, apesar dos grandes artistas que possui.

Ping — E' bom o cinema na União Soviética?

Pong — Depois do italiano, é o melhor que conheço.

Ping — Em terceira dimensão também?

Pong — Sim, admirável, a côres e sem auxílio de óculos.

Ping — E a televisão russa?

Pong — Tècnicamente, perfeita.

Ping — Qual o autor que mais o influenciou?

Pong — Em história, Toynbee; em literatura, o velho Eça.

Ping — Por que você não escreve outros romances como «Hollywood»?

Pong — Hei de acabar a minha vida escrevendo romances...

Ping — Se lhe conferissem um Prêmio Nobel, você ficaria satisfeito?

Pong — Sim, ficaria, porque nessa hipótese impossível, eu o teria merecido.

Ping — Você bebe?

Pong — Ocasionalmente.

Ping — Qual o melhor «whisky»?

Pong — Depende da umidade...

Ping — Qual a mulher mais interessante?

Pong — A que vai ter um filho.

Ping — Achou o repórter impertinente?

Pong — Todo o bom repórter deve ser impertinente!

Ping — Qual a sensação de estar sendo entrevistado por um colega?

Pong — A de antropofagia.



«Prefiro os nossos generais aos americanos, como General Motors e o General Electric».

Por êsse Mundo de Deus

SERÁ A NOVA AVA GARDNER

A belíssima Mara Corday iniciou sua carreira cinematográfica após ter sido, durante vários meses, modêlo de um fotógrafo. Mara, que tem os cabelos castanhos, nasceu em Santa Mônica, na Califórnia, e pertence a uma família de origem mista, francesa e inglêsa. Começou a sua carreira como bailarina aos 15 anos, declarando que tinha 18. O seu primeiro filme importante será «Drums Across the River». Hollywood, segundo se afirma, quer fazer dela uma nova Ava Gardner.



ABAFANDO

O nome dela é Laya Raki, alemã de nascimento, bailarina de profissão. Está pegando fogo em Londres, particularmente quando executa (no Seville Theatre) números africanos e australianos. Vai pro cinema. (Foto Keystone).



INTRIGA DA CEGONHA

Marilyn Monroe desmentiu, indignada, a notícia de que estaria esperando a cegonha. Assegurou que o seu recente desmaio em pleno estúdio, durante uma filmagem, não tinha a menor relação com seu casamento com Joe Di Maggio.



EXPOSIÇÃO ATÔMICA

Em apresentação feita no Waldorf Astoria, de Nova York, a «American Machina and Foundry Company» exibiu um mostruário ilustrando o emprêgo pacífico da energia atômica. Êsse mostruário fará parte da exibição norte-americana intitulada «Átomos em benefício da humanidade», a ser apresentada na Feira Mundial de S. Paulo. Na foto, diretores da Cia. e mais o sr. Francisco Medaglia, chefe do Escritório Comercial do Brasil em New York.



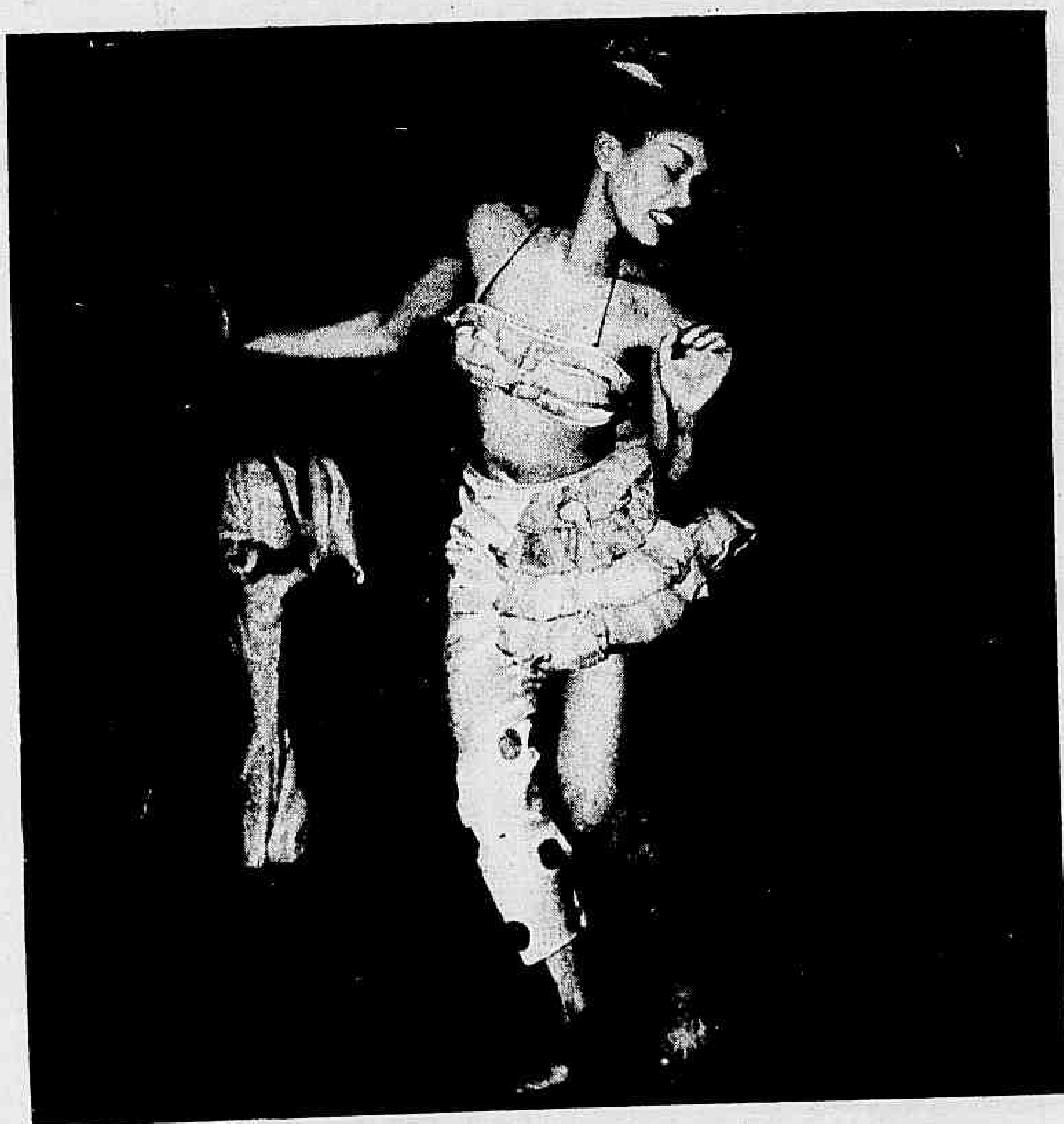
O ÚLTIMO «KNOCK-OUT» DE MARCIANO

Rocky Marciano, o campeão mundial dos pêso-pesados, está passando suas férias numa praia na costa de Massachussets. Foi lá que êle pôs «knock-out» o esplêndido exemplar de 30 quilos que aparece na gravura.



HÁ UM ESTRÊLA EM ROMA

Também em Roma, as constantes modificações nos regulamentos do tráfego de veículos produzem dores de cabeça. Êste ciclista tenta decifrar os «conselhos» e «advertências» dos múltiplos sinais acumulados numa esquina.



A «BRASILIANA» CONQUISTA A EUROPA

Leda Bastos, do conjunto «Brasiliana» que foi mostrar o samba e o frevo em Paris, aparece dançando na sede da Unesco, por ocasião de uma festa oferecida aos bailarinos brasileiros. O poeta Vinícius de Morais já levou o conjunto à Bélgica e à Holanda. E fêz uma conferência sôbre o «Frevo».

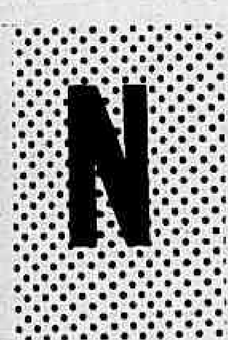


«SUFLÊ» AO NATURAL

Êste o nome do último «vestido» da «estrêla» Terry Moore. Apertadíssima nêle é que Terry exibiu-se na buate do Hotel Flamingo, em Las Vegas, EE. UU. Custo da indumentária: 3.500 dólares, porque é tôda feita a mão.

AÇÚCAR DE QUISSAMAN

ANTONIO MARIA



ÃO conhecia outro mundo canavieiro, que não fôsse o da zona da mata, em Pernambuco. Levam-me, porém, para Campos e Macaé, na época em que as usinas do Estado do Rio (com atraso) começam a moer. De Campos a Quissaman, viaja-se hora e meia de automóvel, vendo-se cana de um lado e do outro. São inestimáveis o exame e a comparação entre a paisagem antiga, o canavial nordestino, e esta nova, feita de várzeas extensas, plantada em terra vermelha. O usineiro Edilberto de Castro fala-nos da sêca e o que os olhos estão vendo, não só na planta como também na pastagem, é o verde-saúde da cana e do capim. Habituado às sêcas da lavoura pernambucana, longas e cruéis, quero saber por que se queixa o usineiro, se a plantação se mostra bonita aos olhos de quem chega? As chuvas que faltaram à safra de 54, no Estado do Rio, não faltaram agora — tempo de colhêr. Faltaram em janeiro, fevereiro e março, meses em que cana precisa de água, para crescer e enriquecer-se em suas substâncias de rendimento açucareiro. O fruto está mirrado e o entoceiramento é quase sempre fraco. A colheita da safra é como se diz em gíria de eito: **está voando no corte.** Isto quer dizer que o **partido** se tornou enganador, mentindo à previsão, ao ôlho do dono, habituado a tonelagens e lances de agrimensura. Usineiro que queria colhêr 350 mil toneladas, se colhêr 200, deve botar as mãos para os céus.

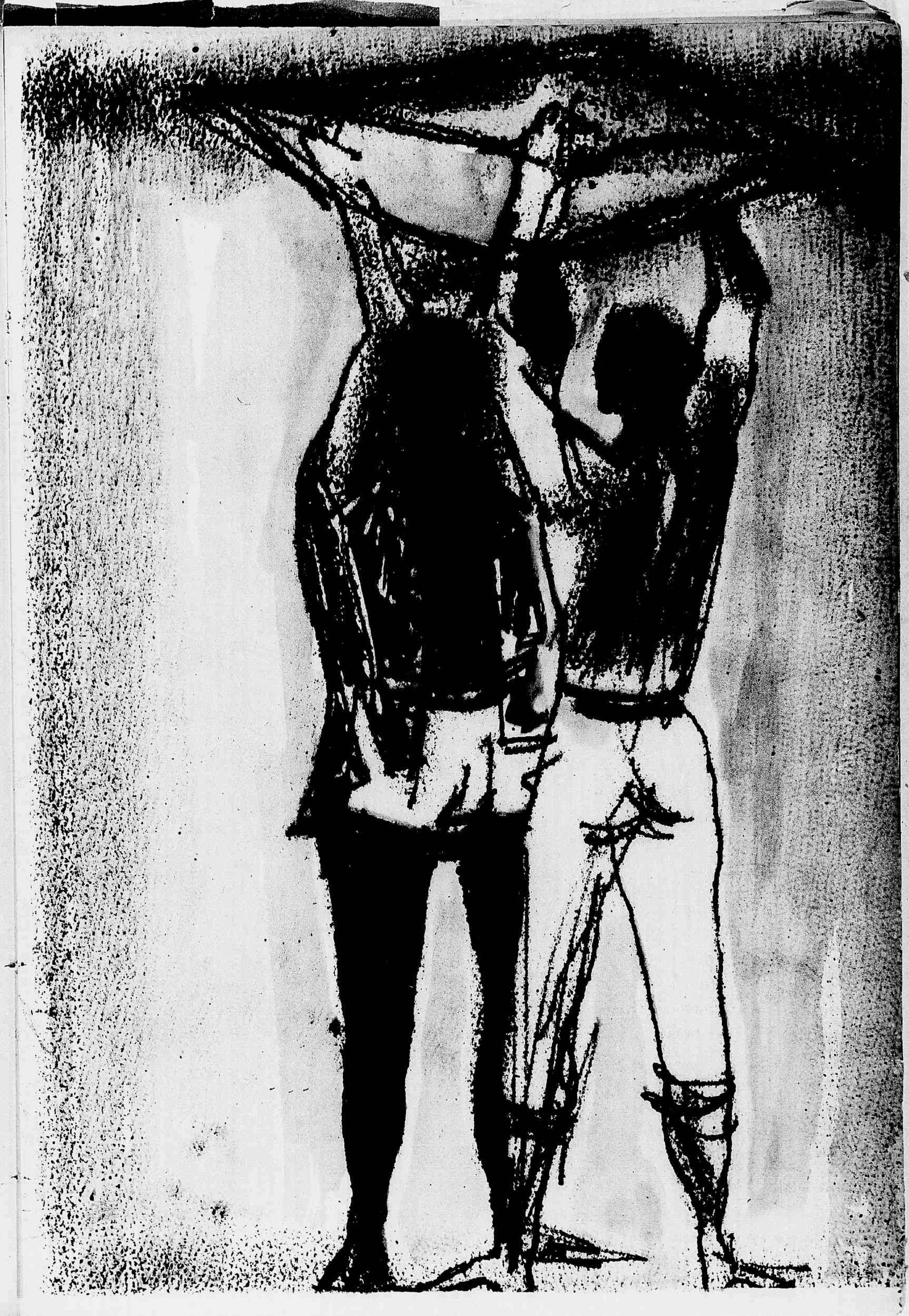
Cana de açúcar é assim mesmo, desde que eu me entendo de gente. Engana como uma mulher que promete. Um estio ou uma lagarta é o bastante para que a usina moa menos e uma tonelada renda menos açúcar. A esperança do usineiro é, agora, o aumento do preço. Estão pleiteando 299 cruzeiros por saco de 60 quilos e isto, para quem conhece usina, não é muito. Fazer açúcar é indústria cara e arriscada. Entre o **rebôlo** plantado no sulco e o produto ensacado, passam mil riscos e gastam-se dinheiros imensos. As usinas de Pernambuco, por exemplo, que sempre sofreram — desditosas usinas do Nordeste! — agora, mais do que nunca, fenecem ao preço de 200 cruzeiros cravados, por saco. Usineiro que, em 1945, ainda se mantinha mais ou menos equilibrado, está devendo 160 milhões de cruzeiros e não tem com que pagar. Lógico e justo é, portanto, tabelar melhor o açúcar, dando margem ao industrial (já não digo de salvação), porém, de morrer mais devagar.

★

Quissaman é uma velha e tradicional casa de açúcar fumegando na terra plana de Macaé. Sente-se a nobreza do passado, não só na linha das casas grandes como no modo suave do trabalhador, doçura que se transferiu de geração para geração e chegou, quase intacta, a êsse tempo revolucionário de lutas e conquistas, pelas reivindicações proletárias. E' no povo, no grupo humano, que se pode sentir a idade dos hábitos e das maneiras do dono da terra. A gente de Quissaman, hoje em dia, é a mesma dócil população que serviu aos bisavós do senhor Edilberto de Castro. São iguais aos **corumbas,** em humana docilidade, que eu vi em Cachoeira Lisa, Pirangi, Cucau e Catende.

No livro de assinaturas, o primeiro visitante é Dom Pedro II e o mais recente é o jovem major Celso Macedo, fabuloso «chauffeur de avião», que nos levou e nos trouxe. E o luar de Quissaman, em vésperas de plenilúnio, era o mesmo das minhas irrepremíveis lembranças de meninice. Andamos de mãos dadas pela noite grande e sem emboscadas, ouvindo o gemido da POJ na moenda, sentindo o cheiro do mel grosso, vendo os vagões descarregarem na **esteira,** vivendo assim uma espécie de hora entre parêntesis, numa vida cansativa e, às vêzes, irremediável. Ao longe, um violeiro ponteava em nostalgia e um trem, passando, apitava, sugerindo evocações. Senti-me em boa perspectiva para vislumbrar o mutável e o eterno. Bens que se substituíram ou que se perderam: terras, juventude, apegos, alegrias. Bem que ficou: essa lua que, depois de nós, será sempre a lua.

Desenho de DAREL



O LAR
(doce amargo)
no
RISO DOS OUTROS



— Tudo isto é para você, querido. Para que você se orgulhe cada vez mais de sua mulherzinha...



— Papai, o senhor não tem em absoluto senso de humor!



— Ah! agora eu sei porque você me escrevia sempre dizendo que «logo seremos três no nosso ninho de amor!»



— Vou fazer umas compras miúdas na cidade. Posso levar a caminhonete?



— Mas que coisa incrível! A senhora é a própria cara da Rita Hayworth!



— Eu vivo no apartamento de cima... se é que a isso se pode chamar de vida!



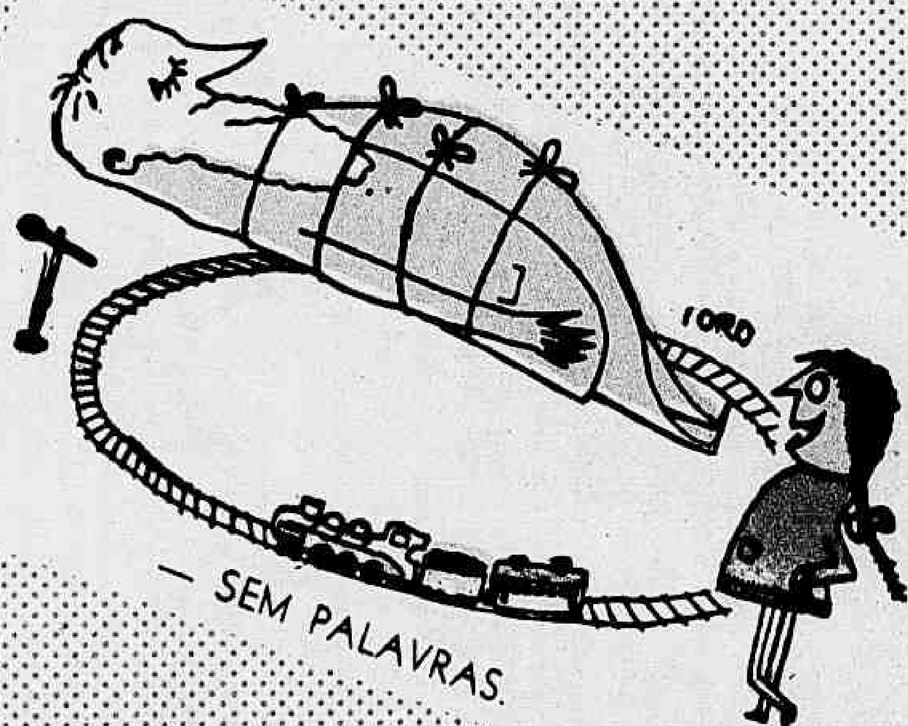
— O vendedor me explicou que é uma espécie de vidro especial que nos permite ver quem passa lá fora sem sermos vistos...



— Eu explicava a Maria o princípio de Arquimedes...



— Você sempre com essa mania de deixar tudo para a última hora!



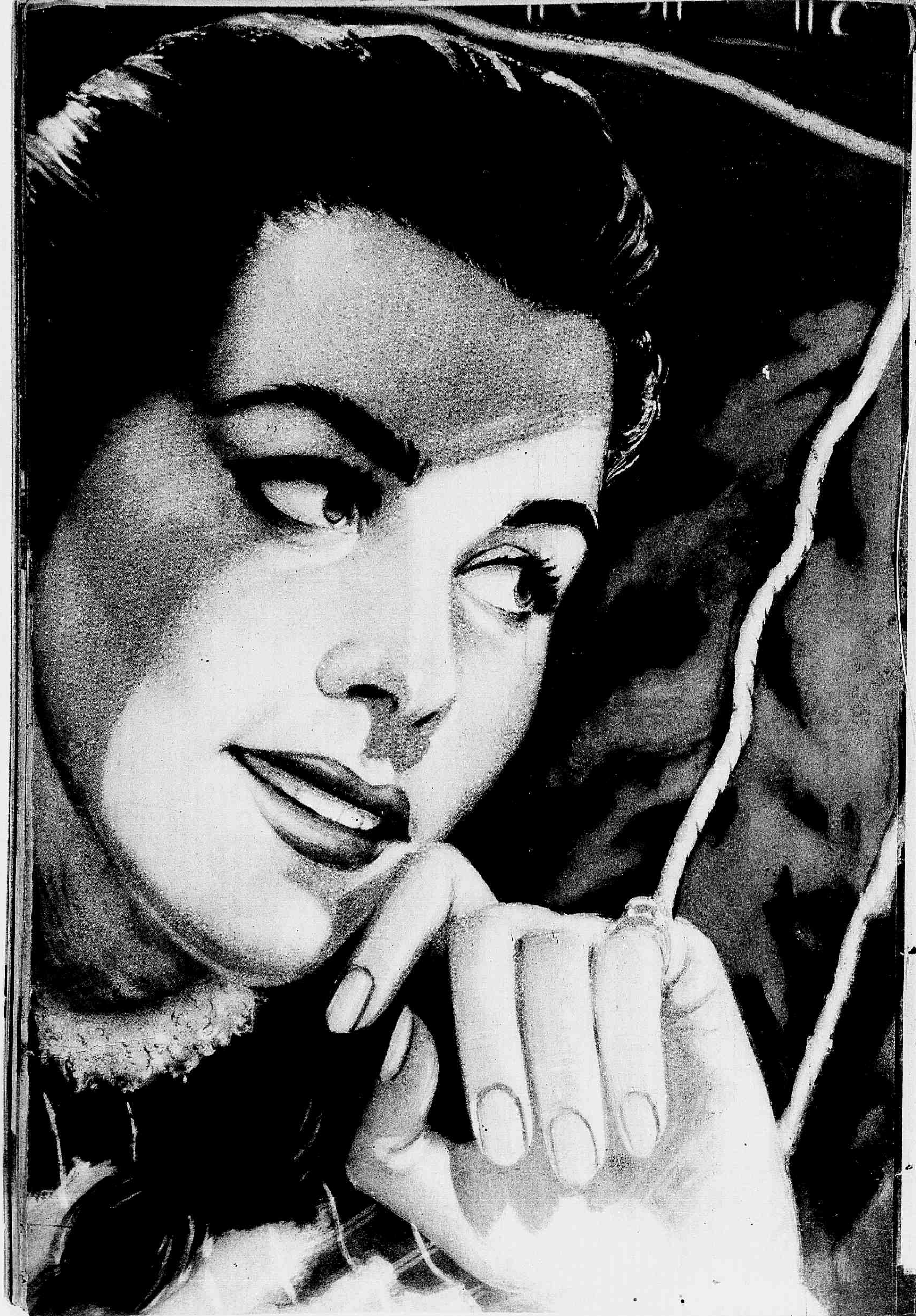
— SEM PALAVRAS.



— SEM PALAVRAS.



— Não discuto a grande habilidade dos egípcios em matéria de mumificação. Mas essa «múmia», se fôsse verdadeira, iria revolucionar a arqueologia!



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● Efraim, filho de grande fazendeiro do interior da Colômbia, depois de ausência de seis anos num internato de Bogotá, volta à propriedade paterna, onde é recebido entre festas pelos pais, irmãos e Maria, irmã de criação. Efraim se sente apaixonado pela adotada, mas suspeita que ela não sente por êle a mesma afeição, amando-o apenas fraternalmente. Quando o pai lhe diz que êle tem que viajar para a Europa a fim de aperfeiçoar seus estudos de Medicina, Efraim sente a maior amargura de sua vida, e propõe ao pai permanecer ao seu lado para ajudá-lo na administração das fazendas e indústrias rurais. Mas o velho não aceita.

MARIA

Romance de JORGE ISAACS

FIZ esforços para mostrar-me jovial durante todo o resto do dia. Na mesa falei sôbre as mulheres formosas de Bogotá, ressaltando, intencionalmente, a graça e a delicadeza de uma certa pessoa. Meu pai me ouvia atenciosa e cordialmente. Pelo gôsto de Eloísa a sobremesa duraria até à noite. Maria se manteve calada; mas me pareceu que suas faces empalideceram algumas vêzes, e que seu primitivo calor não voltara mais à elas, assim como as rosas que engalanam noites de festas e que no dia seguinte estão descoradas.

Até à última parte da conversação, Maria havia fingido brincar com a cabeleira de João, meu irmão mais novo, de três anos de idade, a quem ela mimava bastante. Suportou até ao fim; mas, logo que me pus em pé se dirigiu ela com o menino, ao jardim.

Todo resto da tarde e na primeira parte da noite foi necessário ajudar meu pai em seus trabalhos de escritório.

Às vinte horas, quando as mulheres haviam rezado as suas orações do costume, nos chamaram à sala de jantar. Ao sentar-me à mesa fiquei surpreendido ao ver uma das açucenas na cabeça de Maria. Havia em seu rosto belíssimo, tal ar de nobre, inocente e doce resignação, que, como magnetizado por algo desconhecido até então para mim, a seu respeito, não me era possível deixar de mirá-la.

Menina carinhosa e risonha, mulher tão pura e sedutora como aquelas com quem eu havia sonhado, assim eu a conhecia; mas resignada ante meu desdém, era nova para mim. Divinizada pela resignação, me sentia indigno de olhá-la de frente e sustentar a candura de seus olhos.

Respondi mal sôbre umas perguntas que me fizeram acêrca de José e de sua família. A meu pai não passou despercebida a minha perturbação, e, dirigindo-se a Maria, lhe disse a sorrir:

Maria, tratando de dissimular seu desconcêrto, respondeu com voz quase inperceptível:

— É que destas açucenas só há na montanha.

Surpreendi naquele momento um sorriso bondoso nos lábios de Emma.

— E quem as enviou? — perguntou meu pai.

Era visível a turbação de Maria. Eu a fitava, e ela parece que entreviu algo de novo em meu olhar, pois respondeu com acento mais firme:

— Efraim jogou algumas na horta. Pareceu-me que sendo tão raras, se perdessem. Esta é uma delas.

— Maria — lhe disse eu —, se soubesse que estas flores eram tão estimadas, as teria guardado... para vocês. Porém me pareceram menos belas que as que se põem no floreiro de minha mesa.

Compreendeu ela a causa do meu ressentimento, e me dirigiu tão claramente um olhar, que temi se ouvissem os batimentos do meu coração.

Naquela noite, à hora de retirar-se a família do salão estava Maria, casualmente, sentada, ao meu lado. Depois de haver vacilado muito, lhe disse eu por fim, com voz que denunciava a minha emoção: «Maria, eram para ti; porém não encontrei as tuas».

Ela balbuciou alguma desculpa, quando, por um movimento no sofá, minha mão se encontrou com a sua e eu a retive por um movimento alheio à minha vontade. Deixou de falar. Seus olhos me fitaram assombrados e fugiram dos meus. Passou para a frente, com angústia, a mão que tinha livre e apoiou nela a cabeça, afundando o braço desnudo no almofadão mais próximo. Fazendo, por fim, um esfôrço para desatar êsse laço duplo da matéria e da alma, que, naquele momento nos unia, pôs-se em pé, como se concluísse uma reflexão iniciada, me disse tão baixinho que apenas pude perceber: «Então... colherei todos os dias as flores mais lindas». E desapareceu.

As almas como as de Maria igonram a linguagem mundana do amor; mas se desdobram a estrenecer à primeira carícia daquele a quem amam, como a erva dormideira dos bosques sob a asa dos ventos.

Acabava de confessar meu amor a Maria; ela me havia animado a confessá-lo, humilhando-se como uma escrava ao recolher aquelas flores. Repeti para mim mesmo as suas últimas palavras; sua voz ainda sussurrava aos meus ouvidos: «Então eu colherei todos os dias as flores mais lindas».

XII

A Lua, que acabava de surgia em plenilúnio sob um céu profundo, iluminava as cristas dos montes longínquos, branqueando as faldas enflorestadas das serras e as aspumas das torrentes e difundia sua claridade melancólica até ao fundo do vale. As plantas exalavam seus mais suaves e misteriosos aromas. Aquêle silêncio, apenas interrompido pelo rumor do rio, era mais grato que nunca a minha alma.

Apoiado nos cotovelos sôbre o parapeito de minha janela, imaginava vê-la em meio das roseiras entre as quais a havia surpreendido naquela primeira manhã; estava ali recolhendo o ramo de açucenas, sacrificando seu orgulho ao seu amor. Era eu quem ia perturbar dali por diante o sonho infantil de seu coração: poderia já falar-lhe de meu amor, fazê-la o objeto de minha vida. Manhã! Mágica palavra da noite em que se nos há dito que somos amados! Seu olhar, ao encontrar-se com o meu, já não tinha mais nada que ocultar-me; ela se aformosearia para felicidade e orgulho meu.

Nunca as auroras de julho no Cauca foram tão belas, como quando Maria me apareceu no dia seguinte, momentos depois de sair do banho, cabelos soltos e frisados em meio, as faces côr-de-rosa suavemente desvanecido, mas em alguns momentos avivado pelo rubor; tinha em seus lábios carinhosos aquêle sorriso castíssimo que revela nas mulheres como Maria uma felicidade que não lhes é possível ocultar. Seus olhares já mais doces que brilhantes, mostravam que não fôra tão calmo o sono daquela noite. Ao acercar-me notei em sua fronte uma contração graciosa, apenas perceptível, espécie de fingida severidade de que usou muitas vêzes para comigo, quando, depois de deslumbrar-me com tôda a luz de sua beleza, impunha silêncio a meus lábios, perto de repetir o que tanto ela sabia.

Era já para mim uma necessidade o tê-la constantemente a meu lado, não perder um só instante de sua existência entregue ao meu amor. Ditoso com o que possuía e ainda mais ávido de felicidade, tratei de fazer da casa paterna um verdadeiro paraíso. Falei a Maria e a minhas irmãs sôbre o desejo que tinham manifestado elas de fazer alguns estudos elementares sob minha direção. Tôdas se mostravam entusiasmadas com o projeto, ficando decidido que daríamos começo às aulas a partir daquele mesmo dia.

Converteram um dos ângulos do salão em gabinete de estudos; retiraram de meu quarto alguns mapas, sacudiram o pó de um globo geográfico que estivera até então esquecido no escritório de meu pai; foram despojadas de seus adornos dois consolos para se transformarem em mesas de estudos. Minha mãe sorria diante daquele alvorôço todo motivado pelo nosso projeto.

Reuníamo-nos duas horas todos os dias, durante as quais eu lhes explicava algum capítulo de geografia, líamos algo de história universal e muitas vêzes, as páginas do «Gênio do Cristianismo». Pude então avaliar tôda a inteligência de Maria: minhas frases ficavam gravadas indelèvelmente em sua memória, e sua compreensão se adiantava quase sempre com triunfo infantil às minhas explicações.

Emma havia surpreendido o segrêdo e se comprazia com a nossa inocente felicidade. Como ocultar-lhe eu naquelas freqüentes conferências o que se passava em meu coração? Êle observou meus olhares imóveis sôbre o rosto feiticeiro de sua companheira, enquanto dava esta uma explicação solicitada. Havia percebido ela tremer a mão a Maria, se eu a colocava sôbre um ponto qualquer inùtilmente buscado no mapa. E sempre que sentado perto da mesa, elas em pé a um e outro lado de minha cadeira, Maria se inclinava para ver melhor algo que estava em meu livro ou nas cartas, seu hálito roçando meus cabelos, suas tranças ao rodar dos ombros turbavam minhas explicações, e Emma pôde vê-la endireitar-se ruborizada.

Certas ocasiões os quefazeres domésticos exigiam a atenção de minhas discípulas, e minha irmã tomava sempre a seu cargo ir desempenhá-los voltando momentos depois a reunir-se. Então meu coração palpitava com fôrça. Maria, com a fronte infantilmente grave e os lábios quase risonhos, deixava entre as minhas uma de suas mãos aristocráticas semeada de covinhas graciosas, feitas para afagas frontes como as de Byron; e sua inflexão de voz, sem deixar de possuir aquela musicalidade que lhe era peculiar, se fazia lenta e profunda ao pronunciar palavras suavemente articuladas, que em vão procuraria eu repetir hoje. É que não voltei a ouvi-las, porque pronunciadas por outros lábios não são as mesmas e escritas nestas páginas apareceriam sem sentido. Pertencem a outro idioma, do qual, faz muitos anos, não vem à minha memória nenhuma frase.

(Continua no próximo número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Desenho de RAMÓN

O homem conquista a última palavra em destruição:

A BOMBA C

● Tal é vertiginoso desenvolvimento das pesquisas atômicas, que a primeira Bomba-A, aquela que arrasou Hiroshima e Nagasaki, pondo fim à segunda guerra mundial, não passa hoje de um engenho de guerra obsoleto e, em comparação com o que já se alcançou na matéria, de medíocres proporções. A Bomba de Hidrogênio que, no dia 2 de novembro de 1952, explodiu no atolão de Eniwetok, estarreceu o mundo: era a fôrça implacàvelmente destruidora da primeira Bomba Atômica multiplicada por cem. Mas, menos de dois anos após aquela experiência, uma outra, de proporções ainda mais vastas, fêz ver aos homens que a corrida armamentista, nascida principalmente da disputa entre americanos e soviéticos, estava levando a Humanidade a um suicídio coletivo. As experiências, no Pacífico, de março dêste ano, provocaram uma crise política sem precedentes, embora os resultados das explosões ainda não sejam conhecidos de todo. Sabe-se, apenas, que os resultados alcançados superam, de muito, quaisquer outros verificados nas explosões anteriores. E sabe-se, também, que dentro de mais alguns dias, na primeira quinzena de agôsto, uma outra explosão, formidável e arrasadora, terá lugar em qualquer pequena e perdida ilha do Pacífico: será a experiência com a BOMBA-C, o mais destruidor engenho de guerra já criado pelo homem.

O leitor poderá comparar, vendo os desenhos desta página, a capacidade destruidora das primeiras bombas atômicas e de hidrogênio com aquela da Bomba-C, a ser experimentada dentro de poucos dias. É enorme a diferença entre os campos de ação das primeiras e da última — e a êsse respeito os desenhos são dramàticamente claros.

Resta agora perguntar: depois da Bomba-C, que surgirá de ainda mais destruidor? Uma Bomba-D? Ou uma Bomba-E, capaz de começar a subtrair ao mundo partes ponderáveis da sua vida e da civilização? Tais perguntas não continuarão por muito tempo envoltas em mistério: o homem, na sua loucura bélica, tem pressa em respondê-las.

COMO

DESTRUIÇÃO TO A

EXPLODIRA EM AGOSTO

MILÃO

PAVIA

...O AL 50 a 70 kms

NEM TUDO É ASFALTO...

A jovem senhora loura entrou desesperada em casa da irmã — onde eu me encontrava de visita — e desabafou logo ao chegar:

— Maninha, não agüento mais esta vida! Não agüento!... Pois é isso mesmo. Quero sair do Rio, ir para o interior. Quero morar onde a gente viva vida de gente. Estou cansada de estar encerrada num apartamento o dia inteiro! Sempre empoeirado pelo asfalto negro das ruas!... Asfalto! Só asfalto!... As crianças não têm um metro de boa terra para pisar, para brincar, nem mesmo para fazer três buracos de «bilosca»! Não sabem, coitadas, o que é subir num galho de árvore, sempre mais para a ponta, até quebrar, e a gente vir descendo com êle, vertiginosamente.

Morro de pena de Eliza e Francisquinho, condenados a morar num oitavo andar. Sinto dó de mim mesma, sempre preocupada porque êles podem cair da janela, ou ser estùpidamente atropelados se os mando brincar na rua...

Maninha, para quem teve uma infância como a nossa é triste ver criança da cidade. Lembra-se dos nossos roubos de tangerina no quintal do vizinho? E do banho do rio depois de têrmos liquidado com as tangerinas? E das jangadas de talo de bananeira para as nossas aventuras no rio?

Eliza e Francisco nunca tomaram banho de rio. Nunca foram mordidos por marimbondo. Nem sequer pegaram passarinho com visgo de jaca... Coitadinhos, não sabem o que é ter uma boa infância como a nossa!



Acabei de falar com Richard (o marido) para dar um jeito nos negócios e voltarmos para Santa Catarina. Lá a gente compra um sítio, com o dinheiro da venda da loja. Vamos criar galinhas ou porcos. Viveremos vida de gente. As crianças terão uma infância mais alegre e uma mocidade mais divertida. Lembra-se das festas de Hansa? E do casamento da Laurita? Foram 20 quilômetros de caminhada a cavalo. Mas, também valeu. A festa durou três dias e três noites...

Pois, é. A Laurita veio de lá a semana passada e me contou que o casamento da irmã menor foi a mesma coisa. A festa durou também três dias, e encheram de hóspedes tôda a fazenda.

Maninha, eu pensei que tudo isso tivesse acabado, que a vida agora era tôda ela asfalto, problema de condução, leite, carne, água, luz, aluguel... Mas, não, Maninha! A Laurita contou que em Hansa as coisas são quase como antigamente... e eu vou voltar para lá. Antes que termine o ano!

Ensinarei o Francisquinho e a Eliza a subirem em árvores; a não terem mêdo de cobra, nem de sapo; a fazer jangada de talo de bananeira; e a roubar tangerinas... Eu e Richard iremos pescar no rio, comeremos pão de centeio feito em casa, veremos as crianças crescerem travêssas e felizes, e prepararemos uma velhice tranqüila...

SUGESTÃO PARA O LAR

• Neste canto, de um apartamento tipicamente moderno foi colocado um espelho que reflete ao mesmo tempo a mesinha com folhagens laterais, e a janela veneziana, tornando o conjunto muito mais amplo. Notem o feitio exótico do sofá, que avança um pouco sôbre o espelho; a estamparia que o recobre é a mesma da cortina, com motivos em linhas sinuosas. Um outro fator importante na decoração dêsse agradável recanto é a iluminação: embutida sôbre a janela, e por meio de duas lâmpadas com quebra-luz de linhas simples, atrás do sofá. A sugestão é do decorador norte-americano Mac Arnold.



WEEK-END NA COZINHA



● O inventor do liquidificador merecia uma estátua, pois é êle dos modernos aparelhos de cozinha, aquêle que maiores serviços presta. Num instante, por exemplo, pode-se preparar uma deliciosa bebida, dessas que, antigamente, só se conseguia tomar nas confeitarias de luxo que possuíam misturadores especiais para tal fim. Qualquer das três bebidas cuja receita apresentamos, será deliciosa para um lanche, ou para ser oferecida durante o dia sem motivo nenhum, apenas pelo prazer de saboreá-la.

Comecemos pelo **«Suprème de Pêssego»** — que parece um néctar dos céus:

Misture 2 copos de suco de laranja com 5 copos d'água gelada. Acrescente meio litro de sorvete de pêssego (que pode ser preparado em casa ou comprado no sorveteiro, já pronto). Junte um copo de leite gelado. Bata por alguns instantes no liquidificador, e sirva em seguida, em copos altos. Enfeite, por cima, com fatias de pêssego frescos. A receita dá, aproximadamente, para 10 copos de bebida.

*

Se gostou da receita anterior, experimente também esta outra, que é igualmente deliciosa, um **«Frappé de Cerejas»**.

Esprema limões, até obter meia xícara de caldo. Junte a êsse caldo 4 copos d'água gelada. Acrescente meia xícara de suco de cerejas (se não encontrar com facilidade suco de cerejas pode usar groselha para esta receita, reduzindo a quantidade de suco à metade, para não ficar muito adocicado).

Bata ràpidamente no liquidificador, para misturar bem. Arrume em copos grandes, sôbre uma camada de um dedo de gêlo picadinho. Enfeite com cerejas em conserva ou com cerejas frescas, colocando duas ou três em cada copo. Dá 6 copos.

● «Freeze de uvas» — é a última das três receitas escolhidas para hoje. Sua preparação é simples, como as anteriores:

Misture 2 copos de limonada (não muito forte) com outros 2 copos de suco de uvas concentrado. Acrescente dois copos de sorvete de uvas, e bata tudo no liquidificador. Se achar o gôsto muito forte dilua com água gelada. Ponha em copos altos, e sirva logo, enfeitando com uvas frescas, descascadas e sem caroço. A receita foi calculada para 6 a 8 copos.

Um pouco de beleza

Seus olhos



● Tão importante quanto ter um corpo elegante e uma pele sadia e lisa, é possuir olhos claros, brilhantes e expressivos. A beleza de seu corpo e de sua pele «derivam de seu regime alimentar», e a dos olhos procede da mesma fonte. No entanto, depende de você acentuar a expressividade dos olhos com um maquilage apropriado, e o tratamento diário com preparados especiais para levá-los. Êstes serão indicados por seu médico oculista. Quanto a maquilage, vejamos o que você deve fazer:

Ao contrário do que muita gente pensa, a «sombra para os olhos» não é um artifício exótico: intensifica o brilho do olhar e torna a expressão mais profunda. Use sombra que se harmonize com a tonalidade de seus olhos, ou, então, que com ela contraste, mas combine com a côr de seus vestidos. Se de todo não aprecia sombra colorida, passe apenas uma leve camada de vaselina nas pálpebras superiores, para que fiquem brilhando.

Quanto aos «cílios», êstes ficam mais brilhantes e mais espessos quando escovados freqüentemente com creme ou óleo. Unte-os tôdas as noites, antes de deitar. Use também o aparelhinho para encurvá-los que faz crescer os fios. Você já deve ter reparado que as «estrêlas» de cinema e de teatro usam cílios artificiais. Elas sabem que os cílios longos dão maior encanto à expressão do olhar.

Emoldure os seus olhos delineando com leveza as «sobrancelhas». Lembre-se, porém, de que o lápis castanho tende a tomar um colorido avermelhado de mau gôsto. O prêto é mais natural, mesmo para as louras. Passe o lápis com tracinhos finos e curtos. Depois escove as sobrancelhas. Muito importante é saber como arrancá-las. O contôrno deve ser nítido e definido, porém natural. Tanto as sobrancelhas irregulares quanto as de linhas duras e excessivamente retas não são bonitas.

● O DESCANSO dos olhos é também importante para a beleza dos mesmos. Quando senti-los fatigados, coloque as palmas das mãos sôbre as pálpebras fechadas. O leve calor das mãos contribuirá para o melhor repouso dos olhos, normalizando a circulação do sangue nos mesmos. Completando êsse tratamento repousante, movimente os pulsos, em leve massagem. As «estrêlas» de Hollywood procedem assim quando trabalham sob a luz dos refletores excessivamente viva ou ofuscante. Finalmente, lembre-se de que seus olhos refletem os seus pensamentos e o seu estado de espírito. Bom humor e bons pensamentos são, portanto, condições imprescindíveis para se ter olhos belos.



O AMERICANO CULPADO

TEDDY

● Volta e meia chega-nos uma notícia sôbre «O Americano», malogrado empreendimento cinematográfico que parecia ter o destino (glorioso) de abrir ao Brasil o campo vasto da co-produção com os americanos de Hollywood. Tudo começou quando o produtor Stillman veio ao Brasil acompanhando o «astro» da Warner, Frank Lovejoy num giro que êsse ator empreendeu simplesmente por esporte... Aqui Stillman se viu desde logo envolvido pelo ambiente de franca ascensão do cinema nacional e, visitando a Vera Cruz, não teve mais dúvidas quanto às possibilidades (imensas) de realizar filmes no Brasil. Ficou entusiasmado com o que viu e ouviu e, regressando aos seus pagos, levava como certa a realização de «O Americano», argumento que sòmente muito mais tarde descobriram ser contrário aos interêsses nacionalistas dos brasileiros... Mas, o filme começou a ser estudado sèriamente e meses depois chegava Glenn Ford, espôsa e companhia para as filmagens. Não se tinha dúvida quanto à conclusão do filme, e a presença entre nós do «astro», diretor e produtor era suficiente para assegurar que «O Americano» seria mesmo produzido no Brasil. Ficara acertado que a Vera Cruz entraria no negócio e segundo boatos de então, Stillman prometera tecnicolor, terceira dimensão e lugar para uma «estrêla» brasileira na sua história de oeste. Foi aí mesmo que o carro enguiçou. A Vera Cruz desinteressou-se da co-produção. Stillman correu para Civelli na Multifilmes, chegou a filmar alguns «takes» e se foi com sua gente, levando na alma uma grande desilusão.

Agora, Glenn Ford, em Hollywood, assegura que o filme será concluído e aponta um culpado, o verdadeiro em tôda a novela. Afinal encontraram o homem e é americano no duro. Glenn acusa Budd Boetticher de fazer exigências para manter Sarita Montiel como «estrêla». Tão logo a moça caiu fora, entrando em seu lugar a alemã Ursula Thiess, Stillman conseguiu que Howard Hughes se interessasse pelo filme e êste será feito na RKO. Frank Lovejoy substituirá Arthur Kennedy e na direção estará William Castle. Tudo bem, ao que parece, porém como somos do «ver para crer», só deixaremos a descrença de lado quando o filme estiver sendo projetado. Esperemos...



EVELYN, AS FLÔRES E OS FÃS... — A muito bela e festejada «estrêla» do cinema, Evelyn Keyes, que acaba de filmar para a United Artists o policial «A Morte Ronda o Cais», aparece na foto cercada de flores que os fãs lhe enviaram, como sempre dando uma prova de que não esquecem seu ídolo...



MASON CONTA ANEDOTAS... — Apesar da permanente cara de mau, James Mason sabe ser alegre quando está nos estúdios em companhia dos colegas aos quais sempre conta divertidas anedotas. Ei-lo em companhia de Doris Day e Judy Garland. A anedota, pela foto, foi notável...

FLAGRANTES DE HOLLYWOOD

Hollywood tôda comenta o desvêlo e a paciência de Guy Madison, que recentemente voltou ao estrelato cinematográfico na Warner, para com sua querida Gail Russell, uma estrêla infeliz pela sua vida desorientada e sempre abalada por acontecimentos estranhos. Guy ama verdadeiramente a Gail e tem procurado remediar a situação várias vêzes. Para uma cidade onde o divórcio é coisa comum, o romance de Guy e Gail comove realmente. Que êles encontrem a par, desejam os colegas de todo o coração. E nós também!



Sabe-se, em definitivo, que o produtor William Goetz e o famoso comediante Danny Kaye desistiram do projeto de filmar a vida de Maurice Chevalier. Por que seria? Hollywood ignora o motivo...

●

John Derek confidenciou aos amigos mais íntimos que tinha intenções quanto ao papel de «The Egyptian», destinado primeiramente a Marlon Brando e que acabou mesmo nas mãos do novato-sensação, Edmond Purdon. Derek fará, no entanto, «The Adventures of Hajji Baba» e sua companheira será a muito linda e glamourosa Elaine Stewart. Êle acha que ganhou muito com a troca...

CORREIO DA EUROPA

UM FILME PARA RASCEL — O grande cenarista do cinema italiano Zavattini, colaborador eficiente de Vittorio De Sicca, vem de escrever um argumento para Renato Rascel, o festejado cômico de «Os Homens não Olham para o Céu». Zavattini preparou para Rascel, «A Bofetada», história de um tímido garção que recebe uma bofetada e planeja uma vingança, que não chega a ser consumada. Quem leva a bofetada é Rascel...

GAGLIOSTRO NO CINEMA — O diretor italiano Mario Camerini tem em projetos um filme sôbre a vida do famoso aventureiro siciliano Gagliostro. A película seria em côres pelo Technicolor e para o elenco está sendo estudada a participação de um grande nome do cinema de Roma.

OUTRA VEZ GRAHAM GREENE — Autor de «O Terceiro Homem» e «O Ídolo Caído», Graham Greene tornou-se famoso por escrever (por intuição) para o cinema. Outra história sua, «La mano dello straniero», será filmada em Veneza, com direção de Mario Soldati.

ÚLTIMOS FLAGRANTES — Moira Shearer terminou, em Londres, a filmagem de «The man whon loved Redhead». Seis dias foram precisos para filmar o «ballet» da película. — Antonella Lualdi ficou noiva do jovem astro italiano Franco Interlenghi. — A vida de George Sand será produzida por Hollywood na Europa, incluindo filmagens nas ilhas Baleares, cenário do romance da heroína com Chopin. — Genina voltará a dirigir nos estúdios franceses.

●

SEREIAS DO CINEMA — De rostinho gracioso e plástica perfeita, a novata Lucy Mc Aller muito breve estará encantando os fãs nos filmes da Warner Bros. Além de tudo, a garôta é cem por cento esportiva e adora regatas...

CINEMA BRASILEIRO

● Está prometida para breve o lançamento de «Tôda a Vida em Quinze Minutos», comédia produzida por Hélio Ribeiro, com Delorges Caminha, Nélia Paula, Jaime Costa, Jardel Filho e outros.

● Em São Paulo, o ambiente cinematográfico permanece calmo e sem muitas novidades. A Vera Cruz continua silenciosa à respeito de filmes futuros e tudo leva a crer que assim permanecerá enquanto o govêrno não aprovar o projeto do I.N.C. O tempo tem o dom de mudar as coisas. Antes, o I.N.C. era um espantalho para o cinema brasileiro e agora aparece como a sua salvação. Não há dúvida, os tempos mudam e... os homens também!

● Martim Gonçalves, antigo assistente de Cavalcânti, na primeira fase da Vera Cruz, preparou o cenário de «As Garôtas do Matoso» e pretende realizar o filme com capitais particulares. Sabendo disso, muito artista do Vermelhinho anda perguntando pelo Martim...

● Miriam Moema, bonequinha do cinema nacional, está zangada com certo cronista que não a deixa em paz nas suas crônicas. O amor é assim mesmo, Miriam. Paciência...

● Mario Civelli não desistiu ainda de realizar «Rio Negro», argumento de Oswaldo Sampaio, que será filmado em co-produção com a Constellazzione, de Roma. Pampanini foi prometida para o elenco.

● Anselmo Duarte assegura que fará dois filmes no México. Dizem que êle não partiu ainda porque Alberto Ruschell também não o fêz. Essa gente sabe ser maldosa...



Os noivos após a cerimônia religiosa ladeados pelos progenitores.



A noiva dá entrada no templo acompanhada do seu progenitor.

ENLACE:

HELENA DE MOURA ROCHA
GILTON DA SILVA PINTO

Teve lugar no sábado, dia 26 de junho, às 17,30 horas, na igreja de Nossa Senhora do Carmo, sita à rua 1º de Março, a celebração do consórcio matrimonial da srta. Helena de Moura Rocha, dileta filha do sr. Joaquim de Mattos Rocha e de sua exma. espôsa, d. Aldemira de Moura Rocha, com o sr. Gilton da Silva Pinto, filho do sr. Joaquim da Silva Pinto e de sua exma. espôsa, d. Maria Amélia Ramos Pinto. Achava-se o templo rica e artìsticamente ornamentado, inspirando aos assistentes a maior unção e indizível encantamento. A cerimônia revestiu-se de esplendor incomum, dado tratar-se de união entre duas famílias da mais alta projeção na colônia portuguêsa desta capital.

Foi celebrante do solene ato religioso o bispo D. Pedro Massa, que pronunciou admirável alocução preparatória. Serviram de padrinhos da noiva seus pais e ainda o sr. Bento Pereira de Moura e exma. espôsa, d. Maria da Glória Pereira de Moura, avós maternos; por parte do noivo foram paraninfos os seus irmãos Gilberto e Cristina, juntamente com os seus pais.

No casamento civil haviam sido padrinhos da noiva o sr. Adolfo Guimarães Costa e exma. espôsa, e do noivo o sr. José Augusto de Oliveira e exma. consorte. Da igreja florida e engalanada, os recém-casados, seus parentes e amigos, se dirigiram ao palacete dos pais da noiva, na rua Mariz e Barros, em cujos magníficos salões e jardins foi oferecido um «cock-tail» à seleta sociedade que ali se reuniu, numa atmosfera de inexcedível distinção, de alegria e amizade. Às conceituadas famílias Silva Pinto e Mattos Rocha, as nossas congratulações pelo marcante acontecimento social, com os votos de plena e duradoura felicidade para o jovem casal.



Assinatura do contrato nupcial após a solenidade religiosa na Igreja N. Senhora do Carmo.



A noiva e sua linda irmã que lhe serviu como dama «d'honor».



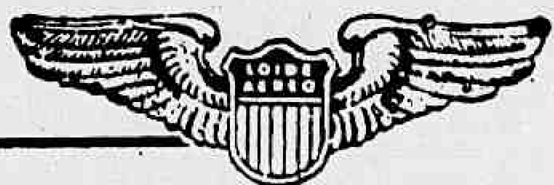
Sorridente os noivos cortam o bôlo nupcial sob as vistas das respectivas progenitoras.



A linha do "tailleur" para 1954 é — como a de outros estilos do vestuário feminino — caracterìsticamente suave. Os enchimentos são quase que completamente eliminados, deixando ao ombro da mulher a sua linha marcadamente caída. Armações com entretelas são reduzidas ao mínimo, para evitar a linha rígida, tipo roupa de homem, tão em moda até poucos anos atrás. Mesmo os costumes de linhas clássicas suavizam-se de acôrdo com essa tendência geral. Não, não há obrigatoriedade de linha da cintura ser folgada ou ajustada. Os dois estilos são igualmente cem por cento 1954, e a escolha de um ou outro depende do gôsto pessoal ou de sua maior ou menor adaptação à silhueta de quem vai usar o costume.

O NOVO "TAILLEUR" PARA 1954





LÓIDE AÉREO

PARA MELHOR SERVIR SUA CLIENTELA E O PÚBLICO EM GERAL, O LÓIDE AÉREO INAUGURARÁ, BREVEMENTE, SUA NOVA AGÊNCIA:

PASSAGENS
E CARGA

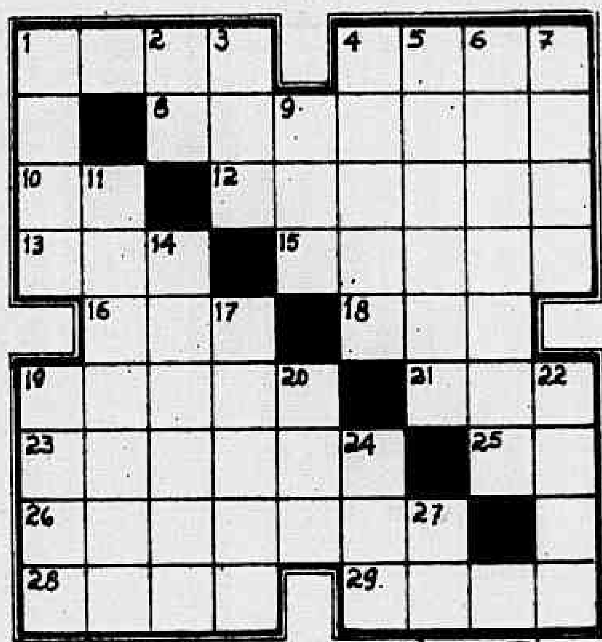
Avenida Nilo Peçanha, 26-B

RIO DE JANEIRO

SEDE: Avenida 13 de Maio, 13 — 27° andar

PALAVRAS CRUZADAS (PROBLEMA Nº 26)

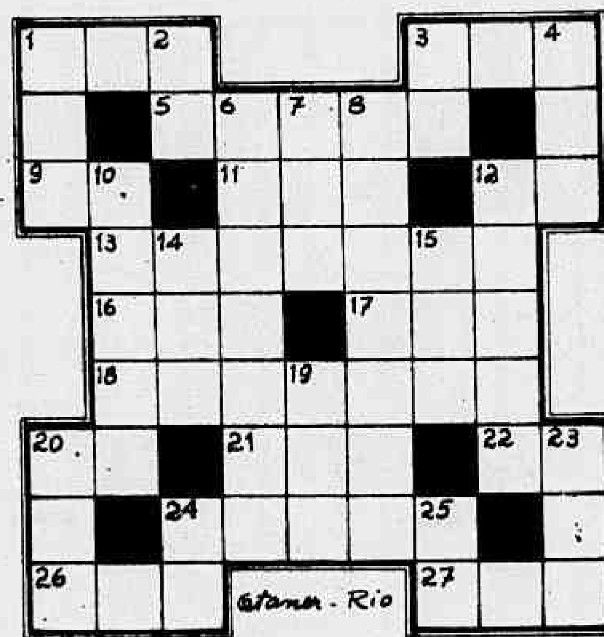
PARA NOVATOS



Horizontais: — 1. Leito — 4. Querer bem — 8. Uma das cinco partes do mundo — 10. Estudei — 12. Gradear com arame — 13. Nome de mulher — 15. Do verbo atitar — 16. Rema para trás — 18. Mau cheiro — 19. Parte larga e plana das fôlhas — 21. Nome de mulher — 23. O mesmo que outaram — 25. Sufixo designativo de autor — 26. Membro de uma seita judaica que ostentava, hipòcritamente, grande santidade — 28. Terra arroteada e própria para cultura — 29. Assento do Cavaleiro.

Verticais: — 1. Emudece — 2. Perversa — 3. Criada — 4. Nome da pescada-amerela na Bahia — 5. Gesticulação — 6. Respeitado — 7. Extraordinária — 9. Período, época — 11. Provocar, açular — 14. Túnica de algodão entretecida de penas — 17. Nome do 4° mês do ano — 19. Ventania; azáfama — 20. Feminino plural de ão — 22. Instrumento de ataque e defesa — 24. Trinta dias — 27. Interjeição de espanto.

PARA VETERANOS



Horizontais: — 1. Templo japonês — 3. Gênero de plantas umbelíferas — 5. Descuido — 9. Deusa egípcia da Verdade e da Justiça — 11. Espaço de um mês — 12. Princípio da energia humana durante a vida (mit. egípcia) — 13. Minério de arsênico — 16. 18ª letra do alfabeto gótico — 17. Terceiro — 18. Abono — 20. Entrada — 21. Acredita — 24. Metal maleável e tenaz, de numerosas aplicações na indústria — 22. Nota musical — 26. Mulher carinhosa, desvelada — 27. Vila da França, no departamento de Puy-de-dôme.

Verticais: — 1. 24ª letra do alfabeto árabe — 2. Outra pessoa — 3. Órfão — 4. Medida grega de comprimento — 6. Arquiteto — 7. Nome genérico das moedas de cobre no Irã — 8. Tornar gordo — 10. Espaços — 12. Cabo para ferrar as velas — 14. Segundo mês dos persas antes da conquista árabe — 15. Palavra bérbere que significa filho — 19. Oásis do Saara Central — 20. Unidade prática de resistência elétrica — 23. Estames do jacinto — 24. Palavra dada, empenhada — 25. Sufixo que denota profissão.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 25

PARA NOVATOS

Horizontais: — **amarelo** — **aroma** — **cara** — **amas** — **ateu** — **sáis** — **ta** — **Ra** — **acas** — **amar** — **dará** — **miri** — **ardor** — **trairas.**

Verticais: — **maré** — **arau** — **ro** — **emas** — **lama** — **acatado** — **ossário** — **ataca** — **airar** — **arar** — **sara** — **amor** — **mira** — **di.**

PARA VETERANOS

Horizontais: — **cuim** — **pato** — **tinís** — **li** — **côr** — **cá** — **lagoeiros** — **rol** — **Lom** — **sabotaria** — **ás** — **gim** — **Au** — **fiapo** — **aruá** — **ousa.**

Verticais: — **Coll** — **it** — **micologia** — **pirilampo** — **ás** — **oras** — **Noé** — **iaras** — **comia** — **Gob** — **ror** — **sara** — **tia** — **aura** — **fu** — **ou.**

MIL PÁGINAS PARA MONTEIRO LOBATO

OTTO SCHNEIDER

● Fuma Douradinho Extra, detesta uísque, tem fama de excelente conhecedor de vinhos, e embora nascido em São Paulo (filho e neto de italianos) acha Belo Horizonte a cidade mais encantadora do Brasil. Nunca jogou no bicho, e jamais comprou um só bilhete de loteria. Só escreve à máquina e considera-se incapaz de traçar 10 linhas à mão. Seu nome: Edgard Cavalheiro.

A biografia é o seu forte. Escreveu «Fagundes Varela», «Garcia Lorca», «Biografias e Biografados», «Testamento de uma Geração», contribuiu com um fascículo sôbre Álvares de Azevedo para a série «Grandes Vultos das Letras» (Melhoramentos) e tem em elaboração uma vasta biografia do mesmo poeta. Publicará em breve dois Cadernos de Cultura, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação: «Evolução do Conto Brasileiro» e «Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto».

— Gosta de automóvel?

— Imensamente! Tenho um Ford 51. Se pudesse, compraria um Chevrolet. Tenho carro há 7 ou 8 anos.

— Qual é o seu sonho?

— Escrever um livro sôbre o Aleijadinho. Vou a Ouro Prêto uma ou duas vêzes todo ano. Também gostaria de ter uma editôra.

(Edgard Cavalheiro é gerente geral da filial da Editôra Globo em São Paulo; neste sentido, tem aos seus cuidados os Estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, e Espírito Santo).

— E o futebol?

— Sou sócio do São Paulo Football Club, e torcedor doente, dêsses que sofrem.

— Que me diz da religião?

— Nunca tive drama religioso. Acho isso uma deficiência da minha parte. Sou de um ceticismo meio cretino.

— E como vai a biografia de Monteiro Lobato?

— Está bem adiantada. Pretendo traçar de José Bento Monteiro Lobato um retrato tão completo quanto possível.

— Dizem que vai ter mil páginas...

— Não me limitarei a número de páginas. Direi o que sei, e apoiarei tôdas as minhas afirmativas e conclusões em documentos quase todos inéditos. O material que possuo é amplo e de primeira ordem.

— É verdade que herdou o arquivo de Monteiro Lobato?



— «Herdar» não é bem o têrmo. Lobato foi meu grande amigo nos seus últimos anos de vida. Conheci-o em 1940. Morávamos então no mesmo bairro, e em ruas próximas. Isso possibilitava encontros diários, quase sempre em minha casa. Em 1943 êle perdeu seu filho Edgard. Outro filho, o Guilherme, morrera alguns anos antes. Sobraram ao escritor duas filhas, uma casada, outra solteira. Fui amigo de Edgard Lobato, e talvez o nome tenha influído para que Lobato, a partir de 1943, passasse a me dispensar particular atenção, e a se abrir mais comigo.

— Mas, e o arquivo?

— Já lhe vou contar. Um dia, Lobato veio discutir comigo o caso das cartas de Godofredo Rangel, cujos originais me deixou para que opinasse sôbre o interêsse da publicação. Quando tudo ficara decidido, me pediu um prefácio para a «Barca». Logo depois, quando começou a pensar na mudança para a Argentina, me propôs ficar com a «sua papelada». A princípio não acreditei muito na história, mas dias antes da partida, um caminhão despejou em minha casa pacotes e pacotes de papel. Ao abri-los, encontro um sem número de cartas de todos os homens importantes do Brasil. E ao lado das cartas, um material «biográfico» de primeira ordem: rascunhos, artigos inacabados, anotações etc. Um ano depois, Lobato regressa da Argentina, e meses depois morre.

Pergunto a Edgard Cavalheiro por que demorou tanto a escrever a biografia.

— Não escrevi logo, porque sairia um livro apaixonado, apologético. Preferi esperar alguns anos. Creio que poderei traçar um retrato do «autêntico» Lobato, retrato que talvez não coincida com a imagem que tantas pessoas criaram, pois tenciono retificar muita inexatidão que circula por aí. Estou convencido de que Lobato foi o maior brasileiro da sua época. Origenes Lessa chamou-o certa vez «o brasileiro Lobato». Ninguém o foi mais do que êle.

DIVERSAS

● UM GUIA PARA AS MULHERES

Acaba de aparecer em Londres um «Guia Europeu para Mulheres» com pequenos retratos de europeus machos. De acôrdo com êsse «Guia», os franceses, italianos, portuguêses e espanhóis são fascinantes, muito decorativos, e gostam das mulheres. Nos seus países, o amor está em primeiro lugar, mesmo como meio oficial para vencer. Os belgas são grandes comedores e grandes músicos.

O alemão, em média, é agradável e ruminante, come como um lôbo e é muito viril e simpático quando jovem.

Quanto aos escandinavos, há dois tipos de homens: o de verão e o de inverno. O invernal é pálido, correto, gosta de trajar-se de azul e é freqüentemente melancólico. O estival é uma criatura ardente e bronzeada, belo louro de olhos azuis...

● ANGYONE COSTA

Vitimado por um colapso cardíaco morreu o prof. Angyone Costa, arqueólogo, escritor e jornalista cujo novo livro, enquanto se achava no prelo, já tivemos ocasião de anunciar aqui. Com êle a Coleção Rex, da Organização Simões, inauguraria uma nova série: viagens. Pois bem, Angyone Costa ainda teve a satisfação de ver o seu novo livro publicado, três ou quatro dias antes de morrer, e ainda pôde autografar alguns exemplares para os críticos e amigos. Título: «Espírito e Nervo do Mundo Latino».

● GOSTARIA DE SER LORDE



Somerset Maugham é hoje um dos escritores mais lidos no mundo inteiro. Também no Brasil não há reedições que cheguem. Ainda recentemente, a Editôra Globo, que possui quase todos os títulos do famoso romancista britânico, voltou a apresentar «Servidão Humana». Somerset Maugham tem um irmão lorde que, faz pouco, deu para escrever suas memórias e submeteu-as à apreciação do autor das «Histórias dos Mares do Sul». Interpelado um dia dêsses, Maugham declarou ainda não haver lido os originais das memórias do seu irmão:

— «Somos diferentes: êle, lorde, quer ser escritor. Eu, escritor, gostaria de ser lorde.»

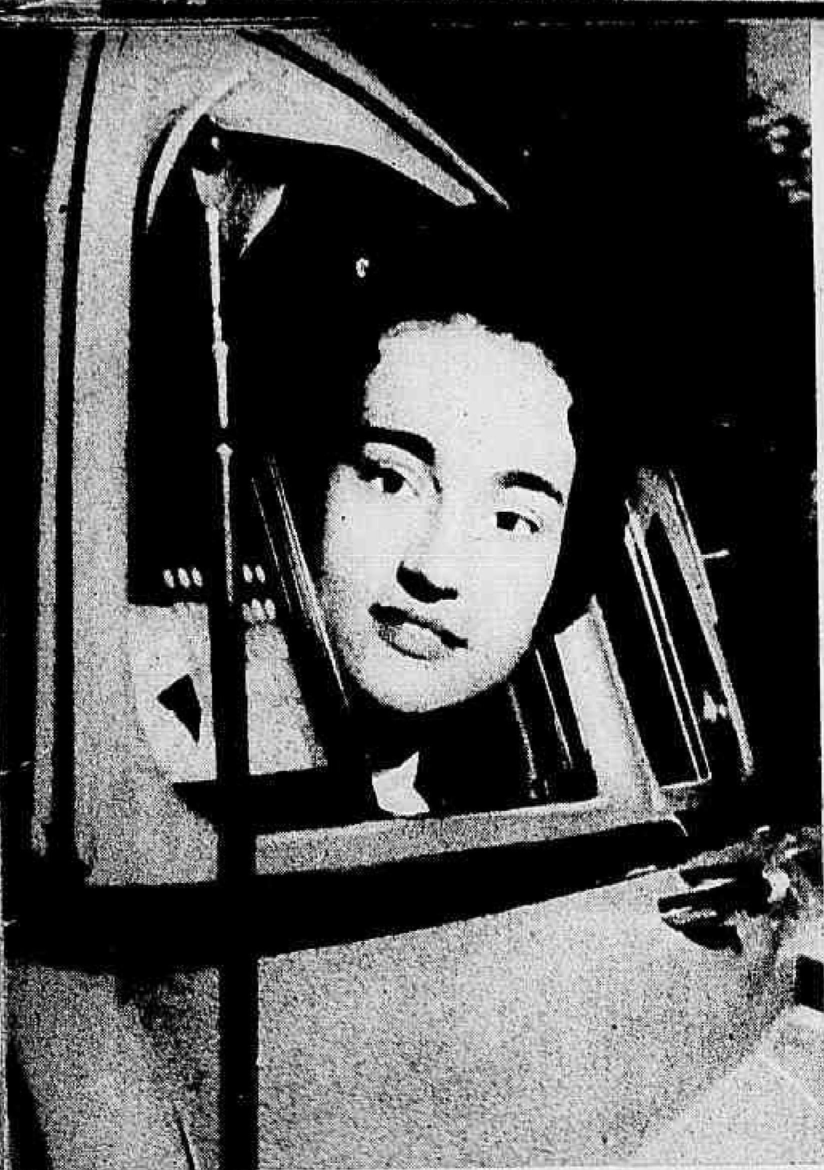
● FAULKNER VIRÁ AO BRASIL

O escritor norte-americano William Faulkner (Prêmio Nobel) já confirmou sua participação no Congresso Internacional de Escritores, a realizar-se em São Paulo, no corrente mês de agôsto. Faulkner publicou recentemente «A Fable», romance em que estêve trabalhando 10 anos e cujo tema é o soldado desconhecido da primeira guerra mundial. Já confirmaram também sua participação no mesmo Congresso os críticos portuguêses Rodrigues Lapa e Adolfo Casais Monteiro, enquanto o escritor italiano Inazio Filoni, que pretendia conhecer o Brasil, não poderá vir por motivos de saúde.

● FAULKNER VIRÁ AO BRASIL



A Editôra Globo acaba de incluir na sua Biblioteca dos Séculos um dos romances mais fortes de Charles Dickens: «A Casa Soturna», em tradução de Oscar Mendes. É a maior sátira já feita contra o sistema judiciário e penal da Inglaterra. Do ponto de vista da técnica, êste livro apresenta uma inovação na maneira de narrar. Dickens não contou impessoalmente sua história, nem a fêz exclusivamente uma confissão ou coleção de memórias de determinado personagem. Reuniu os dois processos narrativos, tirando dêles notáveis efeitos. «A Casa Soturna» é um romance quase desconhecido ao leitor brasileiro.



MARLY VILHENA. Nem todo mundo é feliz prima, de chegar ao Instituto num carro assim...



LENICE BEZERRA. Eis o fenômeno! Apesar da carinha, conseguiu manter-se como 1ª aluna.



MARIA TEREZA CORRÊA. Miss Elegante Bangu (exausta), também dorme em cima dos livros...

A farda do ano inteiro do "exército" da rua Mariz e Barros:

SAIA AZUL; BLUSA BRANCA

As normalistas são mocinhas jovens e belas com apenas um objetivo: o diploma de professôras

Texto de MARIA CECILIA RIBAS CARNEIRO — **Fotos de ARNALDO VIEIRA**

— Ali vem o fenômeno!

E aquêle bando ruidoso de professorandas apontava para uma figurinha delgada de moreninha bem brasileira. Era Lenice Bezerra Moura, a primeira aluna entre 426 normalistas que concluem seu curso agora. Lenice é tida como fenômeno porque vem mantendo a classificação de primeira da turma desde o concurso de admissão ao Instituto de Educação. E' uma mocinha simples e dona de um bonito sorriso. Dizem que possui o maior e melhor arquivo sôbre assuntos relativos ao magistério. E' esforçada e dedicada à profissão e nela pretende fazer carreira. Quando lhe perguntamos se pretendia, como a maioria de suas colegas, entrar para a Faculdade de Filosofia, respondeu-nos:

— Por enquanto não. Preciso descansar. E' muita responsabilidade se manter um primeiro lugar durante sete anos.

★

Essas mocinhas que se formam agora em julho de 1954 já são professôras desde o princípio de maio. A Prefeitura pensou em contratar professôras particulares para suprir as vagas nas escolas primárias. As professorandas se assustaram e preferiram fazer um sacrifício, se oferecendo como voluntárias para trabalhar em todos os cantos do Distrito Federal, até mesmo em longínquos pontos da zona rural, a se verem preteridas mais tarde. Desde então essas meninas-moças vêm representando o duplo papel de professôras e alunas. E o esfôrço que despenderam foi bem grande e mais ainda por não receberem recompensa de espécie alguma. Não lhes foram pagos salários nem mesmo ganharam tempo de serviço. São portanto dignas de admiração e respeito. Quando olhamos essas carinhas jovens e sorridentes à nossa volta, igualadas pelo uniforme, não imaginamos do que são capazes.

Dilce Konez é a primeira brasileira em sua família. Seus pais são suiços-alemães. Dilce não desprezando as tradições, é alpinista. Desde 1949 que acompanha o Centro Excursionista Brasileiro. Já escalou o Dedo de Deus, mas quando lhe perguntamos qual havia sido a escalada mais perigosa, não hesitou ao dizer:

— Foi a Agulha do Diabo, em Teresópolis.

Não conhecemos o pico, mas pela expressão da garôta pudemos sentir que foi realmente um feito importante.

Maria Terezinha Santiago Azevedo, apesar dos olhos brejeiros e de uma grande vocação para o teatro, é menina estudiosa e pretende seguir as Belas Artes, como complemento à sua carreira de professôra. Terezinha sempre teve muitos planos, inclusive de seguir jornalismo. Agora parece que se localizou finalmente.

Marly Vilhena causa inveja a muita gente, quando chega ao Instituto de Educação dirigindo o seu carro. E' das poucas normalistas que dirige, ao contrário do que se vê nos Estados Unidos. O Instituto é a casa dos contrastes. Ao mesmo tempo que existe uma aluna que gastará mais de 20 contos no vestido de baile há outra, na mesma série, que terá o vestido e tôdas as despesas de formatura pagas pelas colegas. O caso desta última é interessante. Trata-se de uma mocinha muito pobre, filha de uma viúva com muitos filhos. A formatura, o magistério, significam para ela, a possibilidade de ajudar a criar os irmãos e também de vir a estudar medicina, seu sonho dourado.

Rosalina Elvira da Fonseca Hermes Araújo é o elemento «histórico» no meio desta turma. E' bisneta do Marechal Deodoro e sobrinha-neta do Marechal Hermes da Fonseca. Lilina, como lhe chamam os íntimos, está entre as primeiras colocadas e tem um ar fino e delicado das mo-







ALGUÉM MUITO ESPECIAL mereceu êste sorriso de Maria Tereza. Quem não se sentiria feliz?

ROSALINA FONSECA HERMES DE ARAÚJO. Êste sorriso encerra grandes tradições históricas.

MARLY VILHENA convida a repórter para uma voltinha em seu carro. Quem não aceitará?

cinhas dos bons tempos. Pretende entrar para a Faculdade Nacional de Filosofia no próximo ano, especializando-se em História.

★

No Instituto encontramos todos os tipos e tôdas as raças. E' um verdadeiro cadinho onde côres de pele, de cabelo e de olhos se misturam perfeitamente. Wandette Caspary, Dirce Bonfim e Angélica Domingues Soares, são dignas representantes da raça brasileira. Seus bisavós eram respectivamente alemães, índios e pretos.

Wandette diz que se dedicará sempre ao magistério. Tem um grande amor ao Instituto de Educação e isso se pode sentir pelo álbum onde colecionou tudo o que se refere à sua vida naquela casa.

Dirce é uma das 4 irmãs Bonfim que andam às voltas com o Instituto de Educação. A Indiazinha já está na Escola Nacional de Educação Física e disseram-nos que é a tal no remo.

Angélica é um tipo simpático, daquelas pequenas com que se tem prazer em conversar. Também faz parte da primeira turma e seus planos vão além do magistério. Pretende seguir medicina.

Maria Tereza Corrêa, Miss Elegante Bangu, não faz exceção, pois como as demais, está noiva. Cabelos louros, um corpo bem feito e um sorriso ajudaram-na a conquistar muitos prêmios.

Há ainda muitos outros tipos para se observar. Talita é a primeira mocinha aero-modelista, Sarah entrou para o Teatro Duse, Myriam ensaia os primeiros passos na literatura, enfim uma multiplicidade tal de aptidões e de carinhas bonitas que deixa tonta a reportagem sem se saber qual escolher.

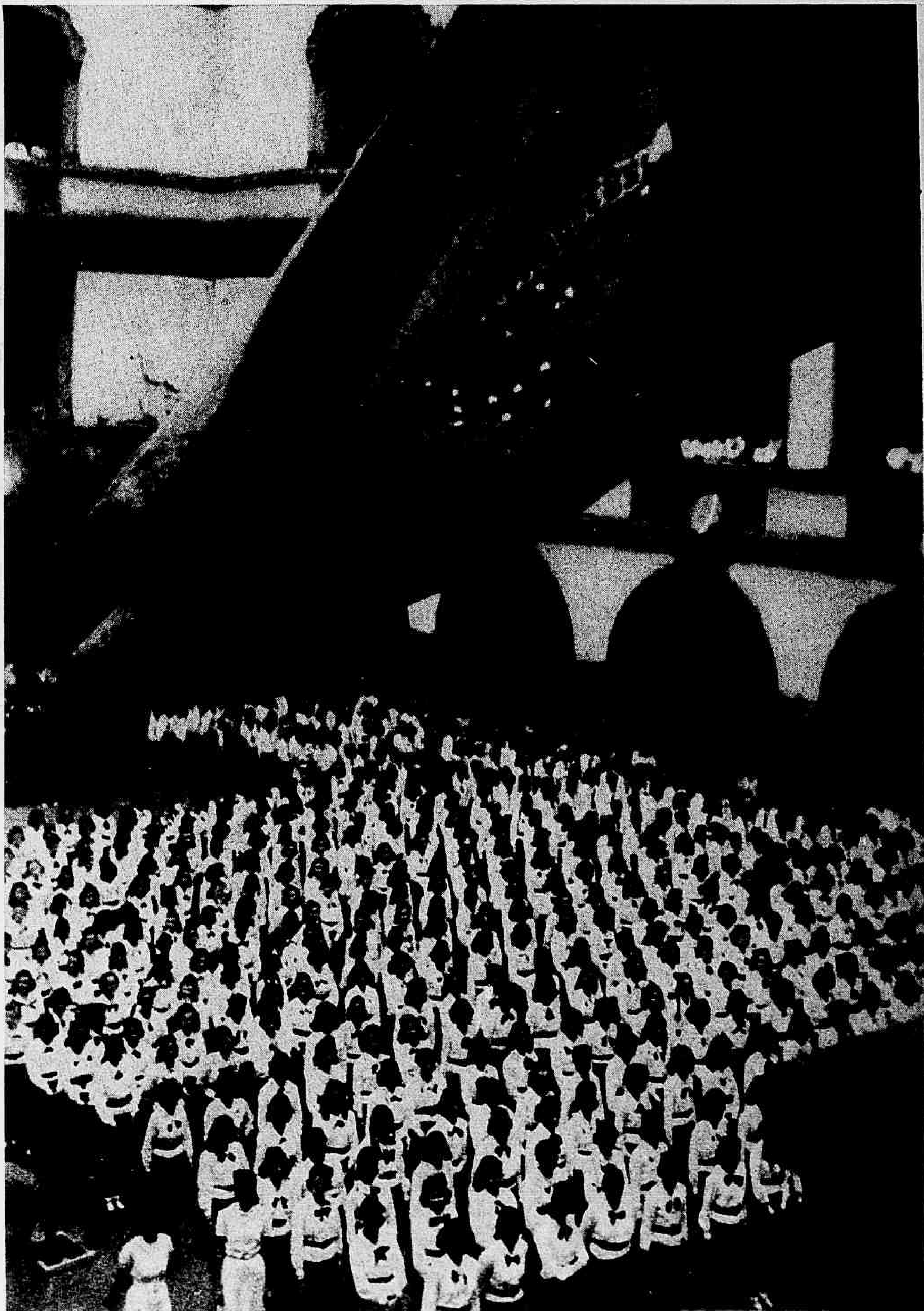
Estávamos encantados com o convívio das garôtas, passeando com elas pelos jardins daquele casarão colonial da rua Mariz e Barros, quando uma delas veio a correr, gritando:

— A prova vai começar!

Como por encanto houve uma debandada geral. Em poucos minutos teriam de fazer a prova de Literatura Infantil.

E num último adeus à repórter, acenaram-nos de longe, dizendo:

— Não deixe de ir nos visitar nas nossas escolas depois das férias!





CHEGADA, AO RIO, DA «O. S. B.»

● Em 13 do corrente, chegou ao Rio, a Orquestra Sinfônica Brasileira, depois de completar a primeira parte da «tournée» iniciada em 30 de junho p. passado. A O. S. B., viajando pelo LÓIDE AÉREO, deu quatro concertos nas cidades de Salvador, Recife, Fortaleza e São Luís, sendo que em cada uma, e também em Maceió, ofereceu o LÓIDE AÉREO um concêrto público, colaborando, assim, com o maestro ELEAZAR DE CARVALHO, no seu propósito de difundir a música sinfônica, dando aos brasileiros uma oportunidade nunca antes dada.

Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 7 E 13 DE AGÔSTO DE 1954 — (Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Sua posição continuará muito propícia à realização de bons negócios. Tudo lhe será facilitado na vigência dos próximos sete dias, com maior vantagem nos dias 9 e 11.

★ TOURO (21/10 — 20/11) — Vai haver uma acentuada modificação na posição do leitor, em face do influxo dos astros, para melhor, felizmente. Os dias ímpares da semana lhe serão extraordinàriamente favoráveis.

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Os astros vão lhe conceder, nos próximos sete dias, uma total liberação. O leitor terá uma inteira liberdade de ação e uma ambiência salutar. Aproveite a oportunidade para refazer-se dos prejuízos.

★ CANCER (23/12 — 20/1) — Ative os negócios já em andamento, certo de resolvê-los nos próximos dias. O leitor desfrutará uma posição privilegiada, podendo, inclusive, forçar as situações. Sua opinião prevalecerá.

★ LEÃO (21/1 — 20/2) — O ambiente astral, no seu caso, não possibilita grandes empreendimentos nem muita atividade, sob pena de ultrapassar os objetivos, despendendo energias em pura perda. Seja metódico e comedido para alcançar alguma coisa.

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O novo período será bem melhor, no seu caso, notadamente no que se referir à vida sentimental ou doméstica. Apenas uma recomendação lhe fazemos: não interfira nos negócios alheios nem opine sem ser solicitado.

★ LIBRA (23/3— 20/4) — Tem uma viagem programada para a semana entrante? É bom adiá-la. Há perigo de desastre material ou moral, especialmente nos três últimos dias da semana.

★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Continuará o leitor, no gôzo de boas astralidades. No curso da semana ocorrerão surprêsas agradáveis. Novas e boas relações serão conseguidas, muito proveitosas para o futuro.

★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Não faça confidências, não revele suas intenções, especialmente sôbre os negócios em mente. A delação e a traição, de braços dados, andam no ar, à procura da discórdia. Tenha cuidado.

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — O novo período será muito bom para a recuperação do que houver perdido, a saúde inclusive. A fase será de muita satisfação na vida sentimental e de folga nas coisas domésticas.

★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Tôdas as suas iniciativas serão convenientemente amparadas. Suas idéias serão aceitas e desenvolvidas. O setor da cooperação, dos concursos, no seu caso, está muito bem astralizado.

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Júpiter, o «Bonançoso», cruzará o seu destino, na próxima semana, proporcionando-lhe uma ótima oportunidade para conseguir a promoção desejada. A posição do leitor em face do govêrno, da justiça e dos ditadores das finanças, será a melhor possível.

OS NEMES DA SEMANA

Agôsto,	7	—	Armênio	—	Jandira
»	8	—	Gervásio	—	Emiliana
»	9	—	Martinho	—	Júlia
»	10	—	Adésio	—	Justa
»	11	—	Leôncio	—	Leonídia
»	12	—	Alvaro	—	Benides
»	13	—	Melcíades	—	Julieta

EFEMÉRIDES DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

Agôsto,	7	—	14º - 26' - 28''	(Signo do Leão)
»	8	—	15º - 23' - 59''	(» « »)
»	9	—	16º - 21' - 30''	(» « »)
»	10	—	17º - 19' - 02''	(» « »)
»	11	—	18º - 16' - 36''	(» « »)
»	12	—	19º - 14' - 10''	(» « »)
»	13	—	20º - 11' - 45''	(» « »)

"ARLEQUIM, CRIADO DE DOIS PATRÕES"

BRUTUS PREDEIRA

● Raros êxitos se têm registrado no nosso Municipal, comparáveis ao obtido, ùltimamente, pelo Piccolo Teatro de Milão. Talvez, alguns de Jouvet, outros de Barrault, «Le Bourgeois Gentilhomme», da Commédie. Os milaneses tomaram conta do público, direitinho, e o berreiro, a gritaria que encerrou o espetáculo final foi prova comovente do entusiasmo e da simpatia dos cariocas pelo conjunto que, em tão curta temporada, tão bem soube impor-se. Êsse êxito é tanto mais significativo, se considerarmos que os italianos arcavam com um respeitável «handcap»: o público ainda estava de mãos quentes de aplaudir Barrault. Mesmo assim, «Arlequim, criado de dois patrões», de Goldoni, levou o público, de roldão, e até o fim da temporada o triunfo da companhia foi total. Considero «Arlequim», por sua qualidade, um dos maiores, e, por sua importância cultural, o maior espetáculo apresentado no Rio, nestes quase trinta anos, durante os quais, rato de teatro, tenho assistido a tudo o que, de importante, de bom (e quanto, de ruim!), nos têm dado indígenas e alienígenas. E não hesito em fazer essa afirmativa, que justifico do seguinte modo: pertenço a uma geração educada, social e culturalmente, sob o signo da França. O francês era a nossa língua de relações internacionais e de aquisição de conhecimentos. No colégio, estudei e analisei Molière, Racine, Corneille, Chateaubriand (o legítimo — nada de confusões!) e, escondido, é claro, lia Paul de Kock. Na minha geração e na anterior, por imperativos de tempo, encontram-se, hoje, os expoentes da cultura nacional. Somos, portanto, ainda, um país de formação francesa. A geração atual, sob a influência determinante do cinema falado, da segunda guerra mundial e da coca-cola, talvez quebre a continuidade desta linha de cultura e a França perca a hegemonia espiritual que tem mantido no Brasil, em favor dos Estados Unidos. Contra êsse imperativo social e histórico, nada há que objetar. Dizem que a Europa está gasta, na última lona e um tanto ou quanto gagá. A cultura, em sua marcha milenar, sempre se deslocou para Leste. Parece haver chegado a vez da América, jovem, cheia de vida e estrabulega. E chegada essa vez, é natural que a expansão cultural se processe do Norte para o Sul, como já está acontecendo. Mas, voltando à vaca fria: somos um país de formação francesa. Tudo o que nos vem da França se enquadra em nossos hábitos de pensar e de sentir. Pode variar a qualidade, não varia a essência. Por isso, quando um safanão violento nos tira da costumeira modorra e nos põe, diante dos olhos, algo excelente e novo, é justo que nos interessemos e nos sintamos enriquecidos pela inesperada aquisição. Foi o que aconteceu com «Arlequim». Nunca víramos espetáculo tão movido e exato, na sua rapidez, tão cheio de imprevistos, tão fora dos nossos hábitos teatrais. Nêle, a representação, de alta classe, hàbilmente dosada de pantomima e até, mesmo, de coreografia, trouxe o público em hilaridade e euforia contínuas, o que é muito de notar, se considerarmos que, talvez, dois terços da assistência não estavam em condições de compreender o texto, por desconhecerem o italiano e, ainda mais, o dialeto veneziano, em que as máscaras se exprimiam. Outro espetáculo tivemos, que muito se aproximou de «Arlequim»: «Les fourberies de Scapin», de Molière, dirigido por Jouvet, com Barrault no protagonista. Foi, também, espetáculo de grande classe, quer como representação, quer como direção, mas a minha preferência vai para «Arlequim», que julgo mais importante para nós. Não há gente de teatro ou freqüentador de espetáculos que não tenha ouvido falar na Commedia dell'Arte. Muita pestana têm queimado os estudiosos da História do Teatro para aproximarem-se, o mais possível, através de livros, documentos, gravuras etc., dum dos movimentos mais curiosos do Teatro universal. Ainda se discutem suas prováveis origens, mas conhecemos os roteiros das representações que improvisavam, seus autores-atores mais célebres, o nome das companhias, sua economia interna, os figurinos das roupas e das máscaras dos personagens, o possível estilo em que se vazava a técnica de representar. Conhecemos muita coisa, exceto o principal: como «eram» os espetáculos, porque não os «vimos». Com os elementos adquiridos, pode um estudioso de teatro, entrosado nas coisas do palco, «imaginar» uma representação da Commedia dell'Arte, mas «imaginar», apenas. Na realidade, como seria? Idéia mais aproximada podemos tê-la, agora, com o «Arlequim». Goldoni reagiu contra o método adotado pelos comediantes «dell'Arte», ao sujeitar o ator ao autor, desde que substituiu o improviso pelo texto escrito. Dois séculos mais próximo da «Commedia» que nós, utilizou-lhe os personagens e, de certo modo, as linhas gerais dos roteiros. O estilo da representação perdeu-se e essa perda só pode ser suprida pela «imaginação» dos estudiosos ou de um diretor de cultura e talento, como Giorgio Strehler. Por isso, considero «Arlequim, criado de dois patrões» aula preciosa, inestimável auxílio para a compreensão de Goldoni e, por dedução, do que poderia ser a Commedia dell'Arte. Além disso, considero, também, «Arlequim» modêlo de ritmo, de precisão, de bom gôsto, de excelência interpretativa e, principalmente, de alegria, dessa alegria direta, que nos vem das coisas puras e que é e será, sempre, um dos encantos da vida.



JARDEL FILHO

● Em 1º de setembro estreará, no Teatro Brasileiro de Comédia, de São Paulo, «Ratos e Homens», drama de John Steinbeck, que já vimos, no cinema, sob o título de «Carícia Fatal» (!), com Burgess Meredith e Lon Chaney Jr., nos protagonistas. Em São Paulo, Jardel Filho fará o papel de Lennie, criado por Lon Chaney Jr., no cinema. Nesse mesmo dia, o T. B. C. estreará, no nosso Ginástico, a sua temporada carioca, que se inicia e fecha com duas grandes peças de Pirandello: «Assim é se lhe parece)» e «Seis Personagens em Busca de Autor». Outras peças da temporada: «Antígona», de Anouilh, «O Banquete», de Lúcia Benedetti, «Inimigos Íntimos», de Barillet e Grédy, «Entre duas paredes», de Sartre, «Paiol Velho», de Abílio Pereira de Almeida e «Pega Fogo», de Jules Renard.

★

Em homenagem aos italianos residentes em São Paulo, será representada, na capital bandeirante, como um dos festejos do IV Centenário, «A filha de Iório», de Gabriel d'Annunzio, tradução de Maria Jacinta, com Cacilda Becker e Sérgio Cardoso, nos principais papéis. Essa representação não impedirá a presença de Cacilda no elenco do T. B. C. que atuará no Rio.



★

AGRUPACIÓN CORAL DE CAMARA DE PAMPLONA

Notável conjunto, programado pela Cultura Artística para a presente temporada.

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDEREÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

FLASH CARIOCA

PAULO ANDRADE LIMA

● ELOGIO



Opinião do ministro José Américo a respeito do engenheiro Josaphat Carlos Borges, diretor da Estrada de Ferro Leste Brasileiro (que serve Bahia e Sergipe): «E' das poucas funções, aqui no Ministério, em tôrno de cuja eficiência e probidade todos estão de acôrdo».

Atualmente o ministro da Viação vem mantendo uma guerra surda e tenaz contra aquêles que pretendem afastar o sr. Feio da direção da Santos-Judiaí. O PTB pretende botar um lemento partidário na direção daquela importante ferrovia.

● NÃO CUMPRIU

História ouvida no Country: Vladimir Toledo Piza, ex-quase candidato pelo PTB ao govêrno de São Paulo, prometeu, quando do início de sua campanha eleitoral, entrar com 10 milhões de cruzeiros para o fundo de publicidade do partido. Mas a promessa não foi cumprida. E ainda se diz que Vladimir chegou a tomar adiantado um milhão de cruzeiros dos que com êle lutavam para manter a sua candidatura.

● LIGEIROS

O presidente da Sociedade de Agricultura de Pernambuco teria feito um depósito, no Banco do Brasil, para a aquisição de «jeeps», a fim de atender as exigências dos agricultores do Nordeste. Firmas improvisadas (e ligeiríssimas) passaram, porém, à frente e venderam a particulares os preciosos veículos, transação que lhes deu lucros bastante apreciáveis.

● ESFÔRÇO

Outra notícia de Recife; o sr. Antônio Pereira, ex-prefeito da capital pernambucana e ardoroso líder «trabalhista», teria gasto cêrca de 600 mil cruzeiros com o objetivo de conseguir a revogação do aumento do salário mínimo. De que maneira êle gastou (inùtilmente) aquela grossa importância, é o que ainda não se sabe.



● LIVRO

O general Anápio Gomes está dando os últimos retoques no livro (sensacional) que publicará brevemente. Os que leram as provas do referido trabalho afirmam que, nêle, o general faz tremendas acusações a vários próceres do govêrno. O sr. Osvaldo Arahanha é o mais visado.

● VIAGEM

Vargas estará no dia 12 próximo em Minas, onde inaugurará a prensa e os laminadores da Manesmann. Até dezembro de 1955, tôdas as usinas do plano Kubitschek deverão estar em funcionamento. E de 200 mil kw., Minas passará a dispor de 600 mil.

1—Quatro (1891, 1934, 1937 e 1946).
2—Dois (Goiás e Mato Grosso)
3—Recife (por Maurício de Nassau).
4—Washington Luís (1928).
5—Amazonas.
6—Mangue.
7—113.
8—Austríaca (Filha do Imperador Francisco II).
9—Bravo, valoroso.
10—A grega (167 letras. Nome de uma iguaria).
11—Ródano.
12—Andorra.
13—No tronco (tórax).
14—Eucalipto.
15—Ópera de Paris.



Um ambiente acolhedor — que é uma sugestão de permanência — onde você se sentirá à vontade, para uma boa conversa, com um legítimo uísque.
JUCA'S BAR — fica na rua Senador Dantas, 25 — AMBASSADOR HOTEL



CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE
ALEXANDRE
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer



Flash Paulista

HÉLIO ABREU

● MEDICINA MILITAR — No Palácio das Indústrias (Ibirapuera) em São Paulo teve lugar o Iº Congresso de Medicina Militar. O ato de instalação contou com a presença do governador Lucas Nogueira Garcez, general Zenóbio da Costa, representando o Presidente da República, generais Marques Pôrto e Newton Estilac Leal.

● GARCEZ DESMENTIU a notícia de que tivesse, por ocasião de sua recente visita ao Rio, pedido o apoio do Presidente da República a Prestes Maia. Sôbre o assunto, falando a imprensa, declarou o governador de São Paulo que a posição do sr. Getúlio Vargas no caso sucessório — segundo afirmativa do próprio senhor Vargas — era de permitir que os paulistas resolvessem, êles próprios, os seus assuntos domésticos.

● ADEMAR, HELICÓPTEROS E ELEIÇÕES. Pessoa da intimidade do sr. Ademar de Barros confidenciou-nos que o líder populista mandou buscar nos Estados Unidos 8 (oito) helicópteros, com os quais fará sua campanha política. A mesma fonte revela ser verdadeira a notícia da aquisição, pelo chefe do PSP, de 148 piruas (caminhonetes) destinadas ao mesmo fim.

● DIVISATE REELEITO (VIDIGAL TAMBÉM). Tanto o sr. Antônio Devisate como o sr. Luís Roberto Vidigal receberam dos industriais e comerciantes de São Paulo viva demonstração de confiança. Ambos foram reeleitos para dirigentes máximos das federações da Indústria e do Comércio do Estado bandeirante.

● OS PREFEITOS FIZERAM OUVIDOS de mercador e não atenderam ao apêlo que lhes foi dirigido pelo sr. Ademar de Barros, para que comparecessem à convenção pessepista. Apenas 11, dos quais 9 já eram seus, atenderam ao dito apêlo. Como se sabe, Garcez tem a solidariedade de cêrca de 92 por cento dos prefeitos paulistas.

● PELA LEGENDA DO PARTIDO Democrático Cristão foi inscrito como candidato a deputação estadual o sr. Edmundo Rossi, chefe dos Serviços de Imprensa dos Campos Elíseos. Rossi (que serve ao govêrno do Estado com eficiência e dedicação) reúne tôdas as qualidades necessárias a um grande parlamentar.

● BORGHI MARCHARÁ ATÉ O FIM. Falando ao repórter, o líder marmiteiro desmentiu a notícia do afastamento de sua candidatura e afirmou que será mesmo candidato e que espera galgar os Campos Elíseos em outubro próximo.

● JÂNIO RECUPERADO. Fontes ligadas ao prefeito de São Paulo contam que os comícios do líder da vassoura estão abafando o interior do Estado. Dizem mesmo os janistas que o sr. Ademar de Barros não é mais o adversário do prefeito, e sim Prestes Maia, cuja candidatura vai de vento em pôpa.

● CIRILO REBATEU (indignado) certa publicação que dizia estar êle negociando o sr. Prestes Maia a fim de possibilitar, com a eleição de Ademar e posterior saída para candidatar-se a Presidência da República, a entrada de Cunha Bueno, como vice-certo. Cirilo declarou sua certeza de que o sucessor de Lucas Garcez será mesmo o sr. Prestes Maia.

● INFORMA-SE QUE um dos pilotos dos helicópteros que o sr. Ademar adquiriu nos Estados Unidos será o sr. Flodoaldo Maia. Flodoaldo Maia, apesar de não ser pilôto, tem cêrca de 2.500 horas de vôo em aviões da VASP, isso só contando as que voou durante o govêrno Ademar. Por outro lado, o sr. Menotti Del Picchia acrescenta que essas 2.500 horas do sr. Flodoaldo êle as passou dormindo, de maneira que não as aproveitou. «O helicóptero vai cair», finalizou o vate consagrado...



O general Marques Pôrto, Diretor da Saúde do Exército, inaugura o Congresso de Medicina Militar. Na mesa, os generais Zenóbio da Costa e Estilac Leal.

EM QUALQUER PONTO DO BRASIL
OUÇA

José Mauro

"O COMENDADOR E A MÚSICA"

segundas, às 21,30

★

"COMÍCIO DE ESTRÊLAS"

Araci de Almeida, Isaura Garcia, Inezita Barroso, Neyde Fraga, Elsa Laranjeira, Ester de Sousa

têrças, às 21 horas

★

Almirante

"VIVA O SAMBA"

às 21 horas

★

Gilberto Martins

"EM BUSCA DO TESOURO"

com Elizete Cardoso

domingos, às 20 horas

novos programas da

RÁDIO RECORD DE SÃO PAULO

ondas médias 1.000 kcs. 300 metros
ondas curtas 19 — 31 — e 49 métros

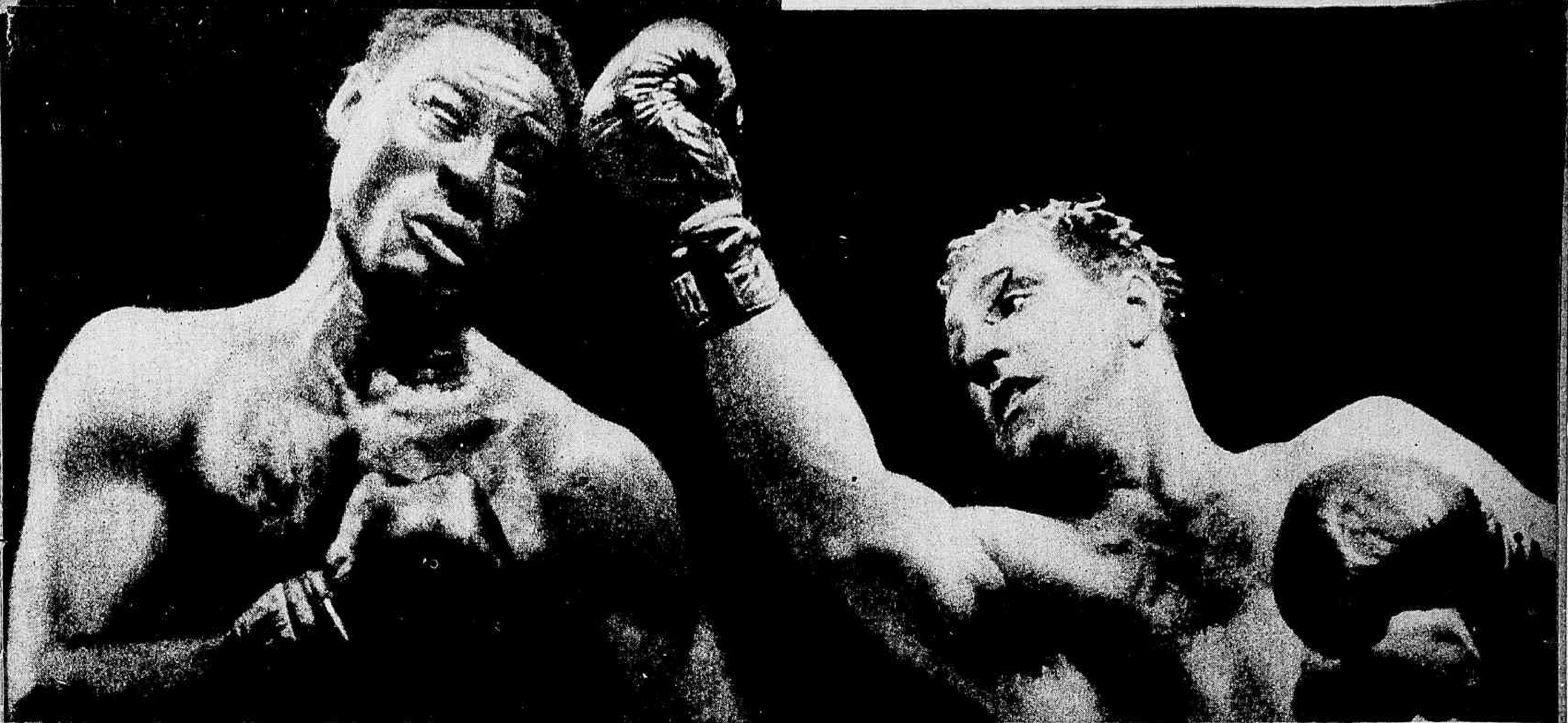
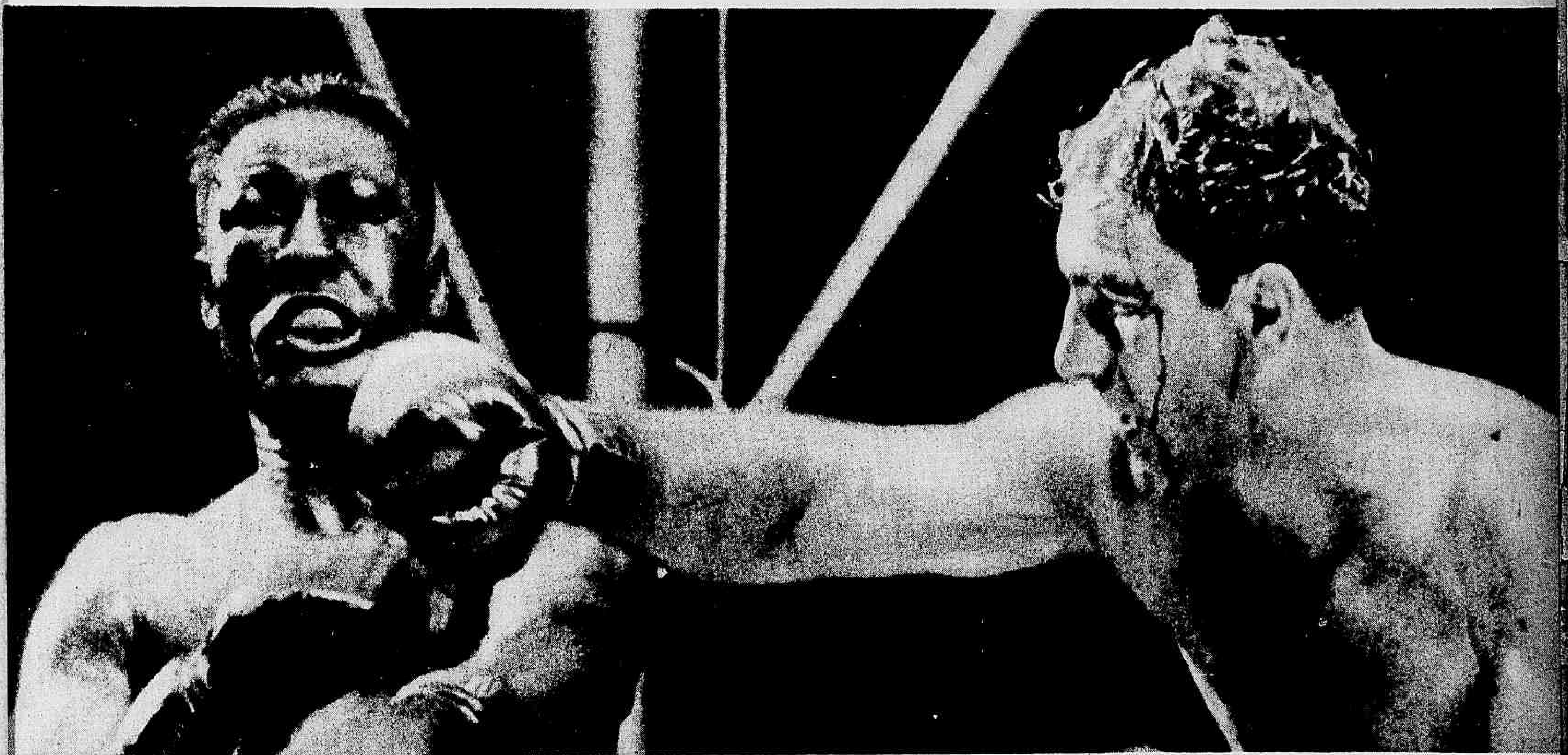
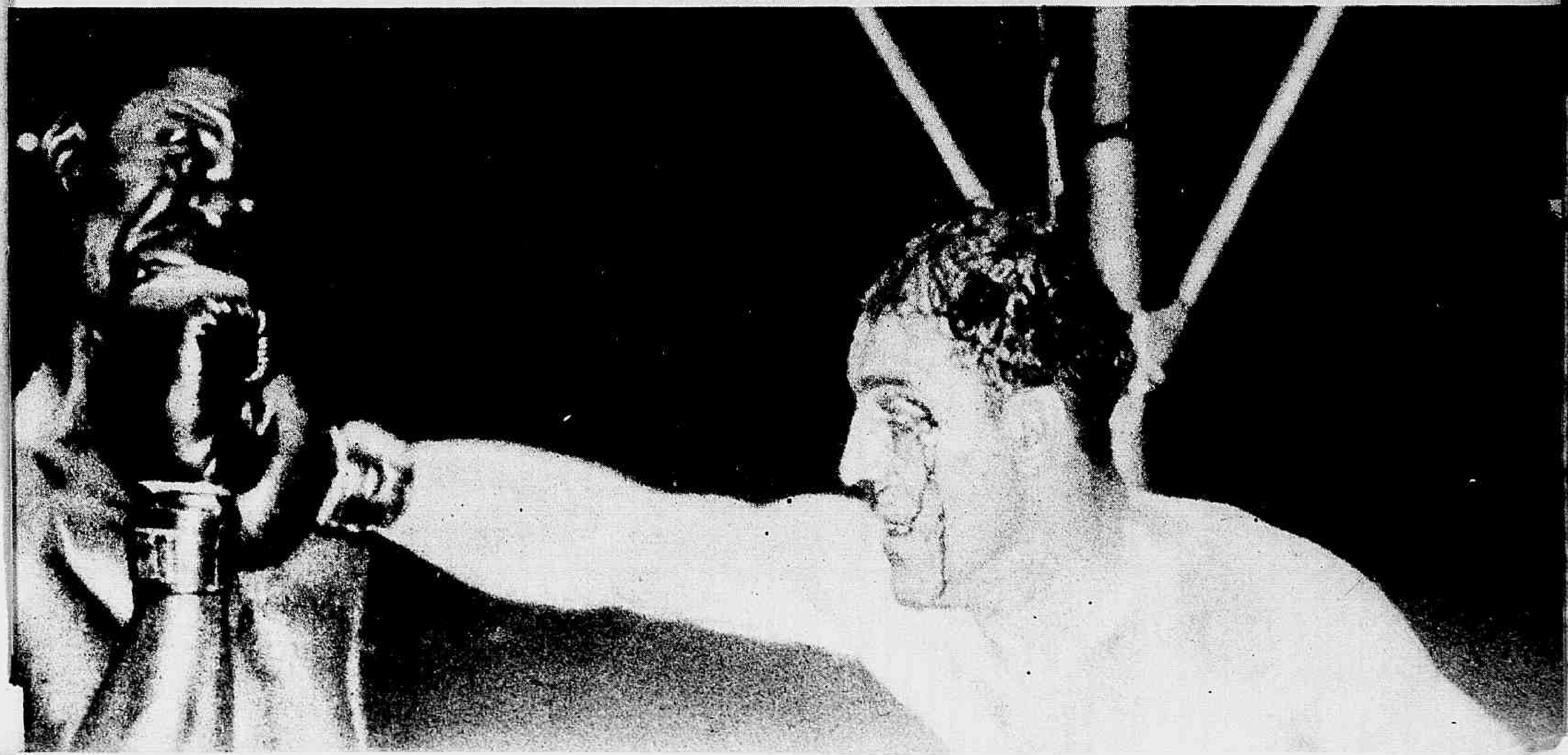
UMA DAS EMISSORAS UNIDAS



EM 15 «ROUNDS» CHEIOS DE FÚRIA

MARCIANO DEMOLIU EZZARD CHARLES

● As impressionantes fotos acima, estampadas em tôda a imprensa internacional, mostram o que foi o último e arrasador encontro entre Rocky Marciano (29 anos) e Ezzard Charles (32 anos), para a disputa do campeonato do mundo de pesos-pesados. No flagrante acima, vê-se Ezzard Charles (que, anteriomente, perdera o cetro mundial para Marciano) logo após ao terrível combate, com o rosto pràticamente deformado pelos irresistíveis «jabs» de Rocky. E na seqüência ao lado, três instantâneos dos mais decisivos «rounds» da peleja, o 8º, o 13º e 14º, nos quais Charles sofreu golpes tão poderosos e que culminaram com o sensacional murro de Marciano, no último segundo do penúltimo «round» da luta. Apesar, no entanto, da violência do golpe, Ezzard Charles, embora inteiramente atordoado, resisitiu até o final da luta, sendo derrotado por pontos. Prevê-se, portanto, uma outra disputa entre os dois já que o resultado da peleja não agradou à «torcida» (o bairro inteiro de Harlem estava presente) do campeão destronado.

Inverno... Primavera... Verão...

3 estações do ano em que sua pele exige de você cuidados especiais.

ANTISARDINA...

3 fórmulas de creme cientificamente preparado para atender os reclamos da cútis feminina em tôdas as estações do ano



Antisardina

3 escudos para proteger vezes mais a pele feminina contra as intempéries que tanto mal causam ao frescor e beleza da mulher —

USE, POIS, os 3 tipos de ANTISARDINA e prolongue 3 vezes mais a sua juventude e beleza





ANTISARDINA renova as celulas gastas da epiderme, protege as celulas novas, restitui à pele cansada ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade, limpando-a de sardas, espinhas, manchas, rugas, panos, etc.
ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados



Cabêlo Branco?

Orf-Léne

TINGE MELHOR
E NÃO MANCHA

OLEO DE VIOLÊTAS

POR SI SÓ!!
Limpa, amacia e renova a cútis

Marca Registrada — Pedidos a:
AMÉRICO — 25-2837
Rua das Laranjeiras, 384

"BASES DA ALIMENTAÇÃO ESCOLAR"

pela dra. **Wanda Saraiva da Fonseca**

● Sem dúvida, o problema da subalimentação no Brasil se inicia na infância. A criança das classes proletárias e mesmo da classe média brasileira é subnutrida, quase sempre. Os pais ou não possuem os meios necessários para bem alimentá-la ou são displicentes e ignoram a importância da boa alimentação, de um regime racional de nutrição para o desenvolvimento harmônico e saudável do organismo infantil. Assim, a quantidade de crianças mal alimentadas que freqüentam as escolas não representa apenas um índice da debilidade orgânica de nosso povo mas influi em sua própria formação cultural, pois a criança subalimentada é um mau estudante.

Desde a «Campanha Nacional para a Alimentação da Criança», em 1935, o govêrno tem procurado diminuir êsse mal, estabelecendo uma alimentação obrigatória para o escolar. E, nas escolas, muitos professôres bem intencionados se interessam espontâneamente pelo problema, criando assim uma espécie de consciência nacional da necessidade de proteção alimentar à infância. Foi com a intenção de guiar êsses mestres que a dra. Wanda Saraiva da Fonseca, médica e nutricionista, chefe da Seção de Alimentação da Divisão Técnica do SAPS, escreveu êsse tão importante livro, «Bases da alimentação escolar». Êsse livro pode ser considerado um breviário de alimentação infantil para as mães brasileiras, inclusive.

Estudando as necessidades nutricionais da criança em idade escolar, a autora analisa os problemas da assistência e da educação alimentar. Essa última, especialmente é destacada como de especial importância, pois conduzirá à contribuição espontânea e instintiva da criança, para sua própria alimentação. Conforme observa a autora, a criança que aprende, na escola, os pricípios e as utilidades de boa alimentação pode não só ensiná-los aos pais como transformá-los no hábito saudável de comer bem, de «comer certo», durante tôda a vida.

Mas a parte essencial dêsse livro são os capítulos que estudam, de um ponto de vista técnico, teórico e prático, regimes alimentares para as crianças das escolas, merendas e almoços cientìficamente dosados, de acôrdo com as bases essenciais da nutrição, nas várias idades. A autora levou sua pesquisa ao minucioso cuidado de organizar, até mesmo, as listas de compras necessárias a essas refeições, nos grupamentos escolares. «Bases da alimentação do escolar» é, assim, um livro fundamental sôbre o problema da alimentação infantil, em nosso país.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..........................
RUA.................. Nº.....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

AINDA FALTAM SEIS

PETER

● Chegou o ano a sua fase final. Passados os primeiros seis meses que compreenderam um verão, movimentado sobretudo de «astros» cinematográficos e banho de mar no Arpoador, passamos por um maio de Municipal, assistindo e aplaudindo a Companhia de Jean Louis Barrault e Madeleine Renaud, seguidos em junho pelo «ballet» do Marquês de Cuevas, desta vez mais fraco e com muitos bailarinos caindo em pleno palco. A sra. Jorge Guinle fêz anos e houve grande festa, o Copacabana Palace nos deixou boquiabertos apresentando esta cantora formidável que é Joyce Briant. A' srta. Glória Neder e o sr. Waldemar Schiller ficaram noivos. Viajaram todos aquêles que a sorte ajudou e ficamos nós aqui para assistir o que 1954 ainda nos poderá apresentar.

● MARTA ROCHA BRILHOU NO DURO

Poucos eram aquêles que tinham coragem de confessar suas esperanças de vitória brasileira no concurso de Miss Universo. Era a desilusão de campeonatos de futebol, influindo nesta coisa muito diferente que é concurso de beleza. Marta Rocha acabou sendo considerada a segùnda beldade do mundo e agora francamente bem que ela merecia.

● ITAMARATI, VOGUE E CASABLANCA

O Ministro Vicente Rao, ofereceu uma recepção no Itamarati para a apresentação de esculturas e quadros célebres, oferecidos ao Museu de Arte Moderna de S. Paulo. No mesmo dia o senador Assis Chateaubriand convidou um grupo de amigos para um jantar no Vogue. A noite terminou no Casablanca. Estiveram presentes os Embaixadores da Holanda e Portugal, Ministro e sra. Vicente Rao, sr. e sra. Ricardo Jaffet, sr. e sra. Pierre Ségur, sra. Déa Cardim, srtas. Lourdes e Anna Rosa Lessa, Lísia Neves da Fontoura, Eloisa Dolabella, srs. Jair Negrão de Lima, Barão Max Stukard, Ministro Hugo Gouthier e sr. André Spitzman Jordan.

● SETEMBRO SERÁ O MÊS DA MODA

Fomos informados que no próximo mês de setembro estará no Rio o costureiro francês Pierre Balmain para realizar um desfile das suas mais famosas criações. Neste mesmo mês e no dia 25 se dará o desfile final para a eleição da Miss Elegante Bangu.

● NOVIDADES DE PARIS

O sr. Rui Carvalho tornou-se uma das figuras mais populares em Saint Germain de Près, organiza tôdas as noites um verdadeiro carnaval tocando bumbo. O aniversário da srta. Bombom Campos foi festejadíssimo, entre os presentes as comemorações, estiveram os srs. Jorge Carvalho e Silva e Geraldo Silos e as srtas. Mimi Ouro Prêto e Francette Rio Branco.

● ELAS TÊM MÊDO DE MICROFONE

Enquanto a srta. Lourdes Lessa declara no fim de uma entrevista que tem pânico de microfone, a sra. Lourdes Catão confessa logo no início que sua calma é só aparente, mas nem pânico nem nervosismo abalam a srta. Gilda Robichez que absolutamente senhora de si vai fazendo suas perguntas e ganhando cartaz no rádio. Ouvi dizer que ela está sendo disputada por duas emissoras.

● CARMEN TEREZINHA NO RIO

A srta. Carmen Terezinha Solbiati estêve ràpidamente no Rio. Passou sòmente três dias e foi vista duas noites no Vogue. A primeira no dia em que Elizete voltou a cantar e a segunda no jantar oferecido pela srta. Laura de Barros Moreira ao Embaixador Nabuco.

● SEMANA DO SWEEPSTAKE

Na semana antes do Sweepstake, nada menos do que quatro jantares foram oferecidos. O Embaixador da Holanda e sra. Shurman, os casais Carlos Heilborn e Otacílio Gualberto e a sra. Nenê Barrokel, receberam.

● SE NÃO FÔSSE A ASMA

Perdi dois excelentes programas e a culpa foi a asma. Gostaria por exemplo de ter ido a recepção que o Embaixador da Espanha e sra. Sunner ofereceram no dia 18 de julho último e a estréia do filme «Little Boy Lost», na Embaixada Americana.

● AS NETINHAS

Por ocasião do aniversário de suas netinhas, o banqueiro e industrial, sr. João Fonseca, ofereceu grande mesa de doces aos convidados e amigos de Maria Cristina e Maria Alice. As meninas são filhas do sr. e sra. Marcos Fioravanti Bittencourt.

No jantar oferecido pela sra. Maria Helena Nobre, vemos a embaixatriz Décio Moura, sra. Álvaro Catão, srs. Moreira Salles e Bernardino Pereira.

As netinhas aniversariaram.

GOA É PORTUGUÊSA HÁ QUINHENTOS ANOS

Grita-se em



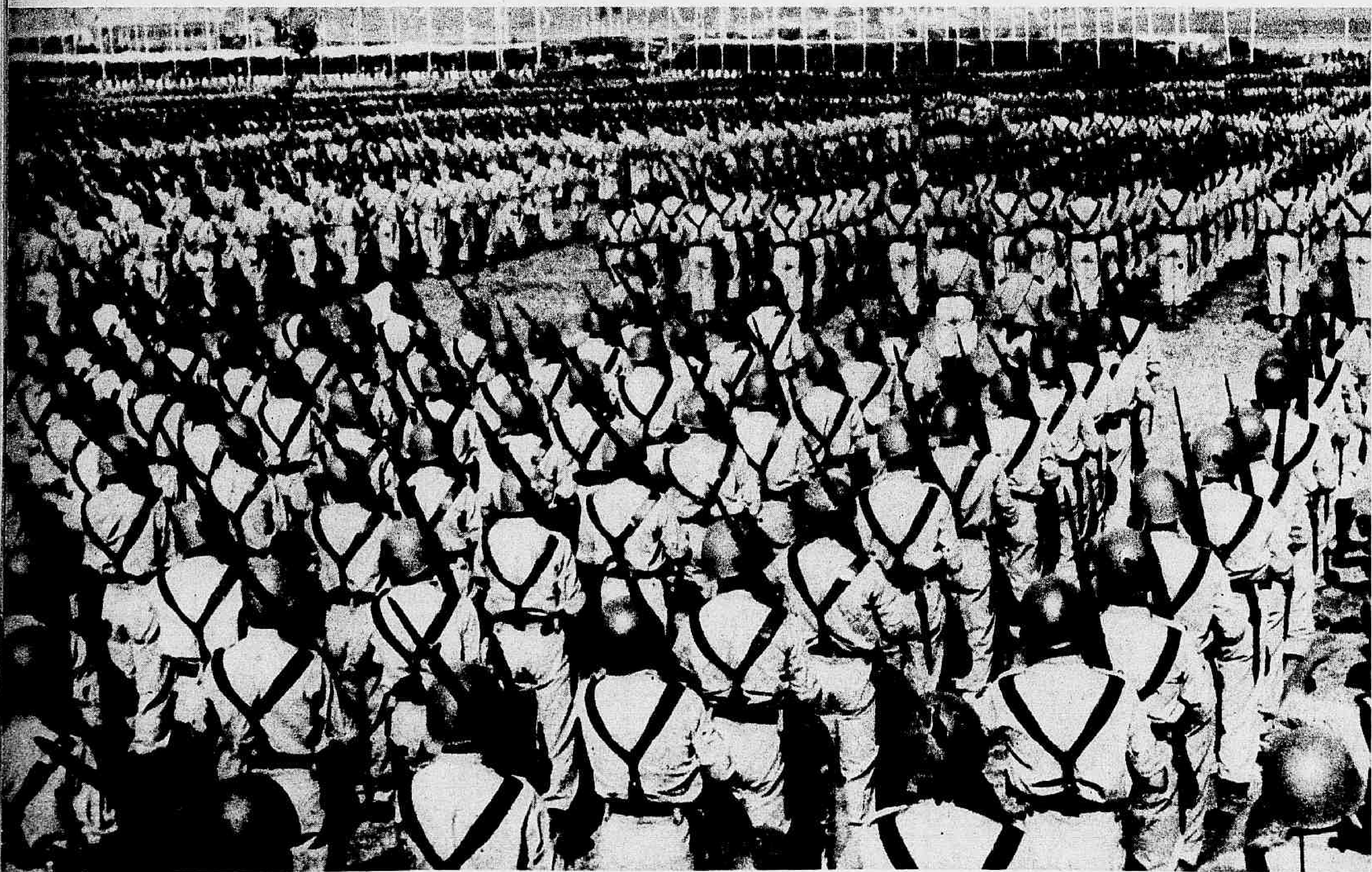
NEHRU: "As possessões portuguêsas são uma excrescência no território indu".

É POSSÍVEL QUE AS PEQUENAS POSSESSÕES LUSAS SEJAM ENGULIDAS PELO COLOSSO INDU, MAS PORTUGAL ESTÁ DECIDIDO A DEFENDER COM SANGUE O QUE COM SANGUE E HEROÍSMO FOI CONQUISTADO.

HÁ cinco anos a União Indiana vinha ameaçando apossar-se dos territórios de Goa, Diu e Damão, pertencentes à Índia Portuguêsa e conquistados há mais de quatro séculos pelo heróico e ativo povo luso. Essa ameaça consumou-se no dia 15 de julho próximo findo, quando um grupo de nacionalistas exaltados assaltou o pôsto da guarda de polícia instalado na localidade portuguêsa de Dadra, encravada no território indu e a 100 milhas de Bombaim. O fato mereceu grande repercussão em todo o mundo, não se podendo prever as proporções e conseqüências de que se revestirá. Enquanto o sr. Nehru afirma que só soube do caso «pelos jornais», notícias procedenaes de Ajmer informam que a Comissão Central do Partido do Congresso aprovou por unanimidade uma resolução sôbre a política econômica da União Indiana» e, ainda, outra resolução pedindo «a anexação de todos os territórios europeus fronteiriços da Índia Nacionalista». A referida Comissão manifesta esperança de que os Govêrnos da Índia e da França «chegarão em breve a um acôrdo para a anexação de todos os demais territórios». Condena, simultâneamente, a «atitude absolutamente indefensável de Portugal» a respeito de Goa, classificando essa atitude como «intensa repressão policial contra os que querem ser anexados pela União Indiana».

REVOLTA EM PORTUGAL

Revoltada contra a atitude dos nacionalistas indianos, a população de Lisboa vem manifestando o propósito de defender, de qualquer maneira, a autonomia da Índia Portuguêsa, para



PORTUGAL ENVIARÁ A GOA UM CORPO EXPEDICIONÁRIO

Lisboa: "Luta! Luta!"

o que se cogita de tropas voluntárias. Em fins do mês passado, cêrca de 12 mil estudantes saíram à rua, empunhando cartazes de protesto e apregoando: «Goa é nossa! Salve a Índia Portuguêsa! Luta! Luta!»

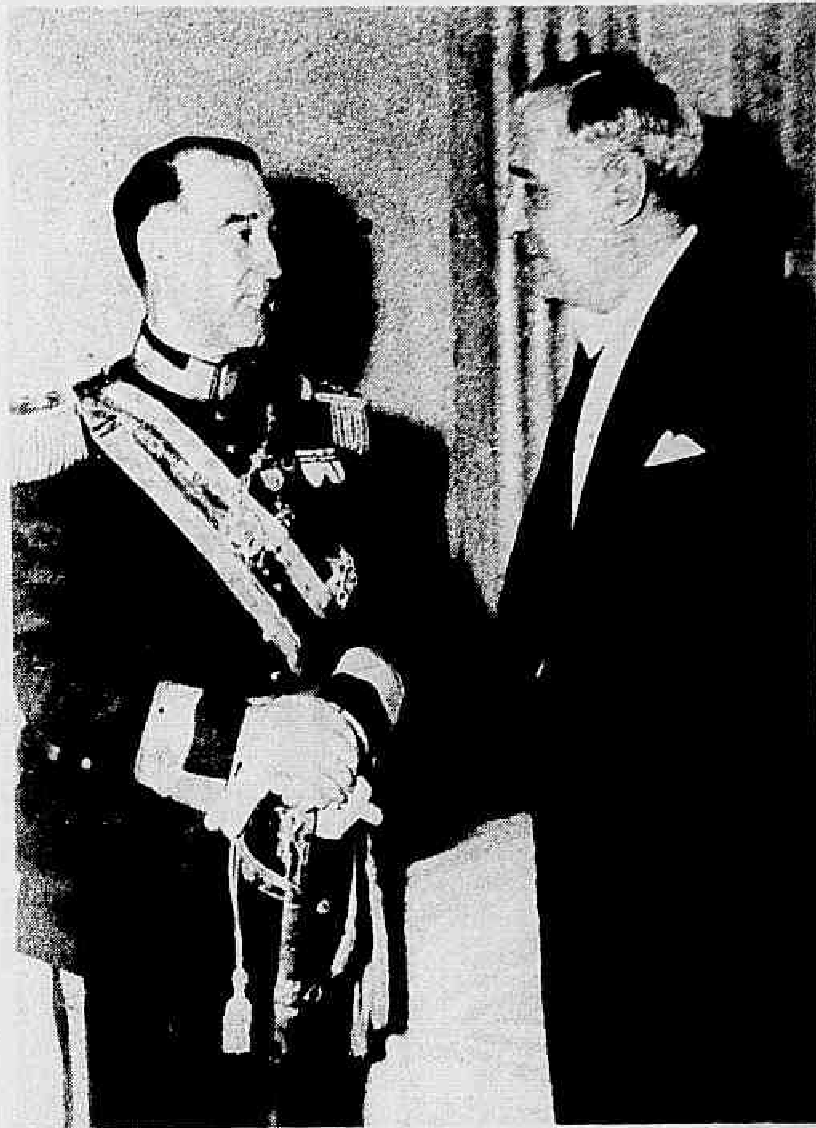
Por outro lado, tem-se notícia de que o novo Conselho Municipal de Dadra manifestou-se francamente simpático à incorporação daquela localidade à União Indiana, o que motivou veemente protesto do Govêrno Português, que já teria determinado o fechamento das fronteiras na localidade de Damão, de onde, após o assalto de Dadra, teriam se retirado mais de mil pessoas. Até o momento em que redigimos estas notas, o Ministério do Exterior, de Portugal, informa não ter ainda recebido resposta oficial do govêrno indiano ao seu pedido de autorização para a passagem de tropas de Damão, a fim de restabelecer a ordem e evitar novos conflitos em Dadra.

PORTUGAL DISPOSTO A DEFENDER SEUS DIREITOS

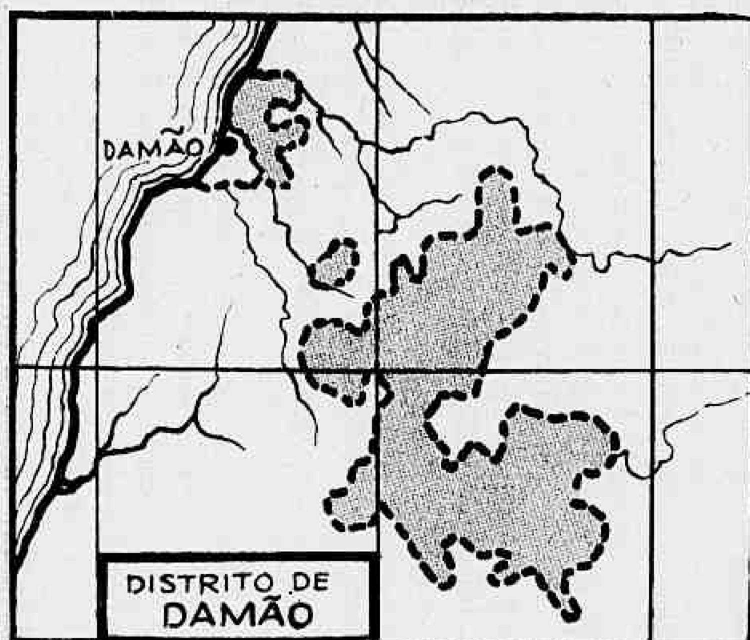
Falando à multidão de estudantes e populares que percorreram entusiàsticamente as ruas de Lisboa, o Presidente Craveiro Lopes declarou: «Na verdade, não há diligência que não tenha sido efetuada para garantir os nossos direitos, não há providência que não se tenham tomado e continuem a tomar para redimir as dificuldades pela «guerra fria» contra nós desencadeada pelos dirigentes da União Indiana. Por outro lado, de há muito não foi definida a nossa posição perante inadmissíveis pretensões atentórias da nossa soberania. E também se tornou evidente que nenhuma outra atitude é possível tomar sem quebra do direito e da dignidade do povo português». E acrescentou: «Seguros da nossa razão e direito estamos dispostos a defender com os meios de que dispomos a terra e a gente que são portuguêsas, a civilização que ali criamos e a fé que propagamos».

O PENSAMENTO DE SALAZAR

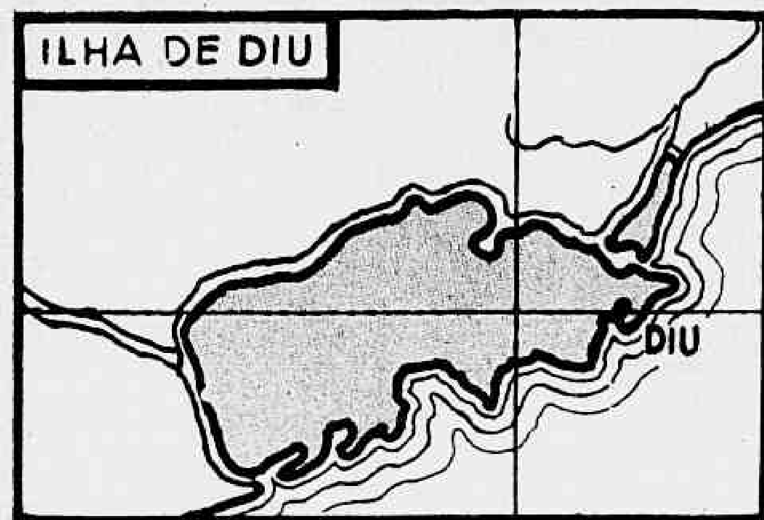
Em discurso pronunciado em 12 de abril do corrente ano, o sr. Oliveira Salazar abordou com serenidade o caso da Índia Portuguêsa e a pretensão da União Indiana em apossar-se de Goa. Afirmou, em certo trecho: «Para se arrogar o direito de absorver Goa, diz-se que esta é Índia, pela raça, pela religião, pela cultura; para captar a simpatia dos goeses, promete-se-lhes que respeitarão as atividades religiosas e os elementos culturais distintos daquela pequena comunidade. A verdade está porém no reconhecimento das diferenças e não no paralelismo das semelhanças. O pequeno Estado da Índia é efetivamente uma província de Portugal e precisamente aquela a que estão ligados alguns dos maiores nomes que a Nação Portuguêsa pôde dar à História Universal».

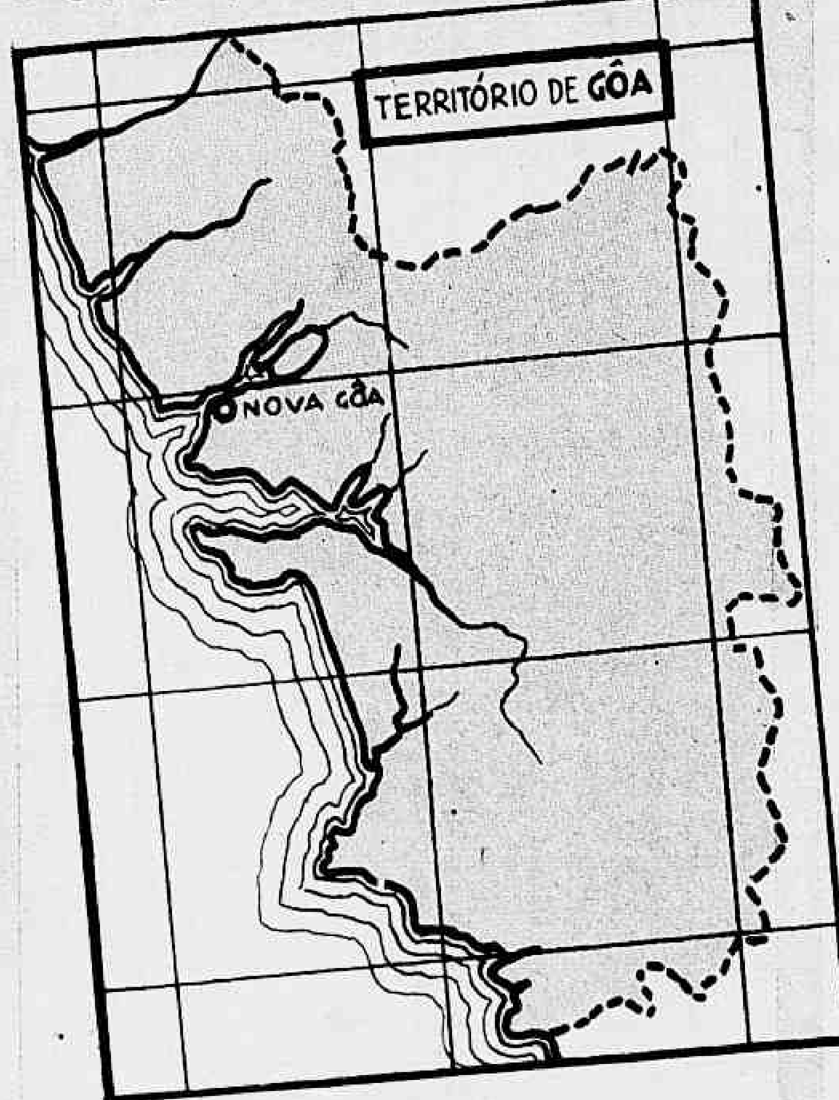


CRAVEIRO LOPES e SALAZAR — Nas mãos do Presidente da República e do Primeiro Ministro os destinos e interêsses de Portugal na Ásia.



GOA, DAMÃO e DIU — As três pequenas possessões lusas, encravadas há mais de quatrocentos anos no território da Índia, não somam mais de 4 mil quilômetros quadrados, mas contam com uma densa população de mais de 600 mil habitantes. Enquanto a Índia estêve sob o domínio da Inglaterra, o «statu quo» português ali foi mantido; mas, com a libertação do país, a onda nacionalista que hoje varre a Ásia começou a ameaçar sèriamente a legitimidade das seculares conquistas de Portugal. Essa onda chega, agora, a uma crise sem precedentes.





Depois de argumentos serenos e concisos, o sr. Salazar se mostra inteiramente convicto de que a União Indiana está totalmente despida de razões ao tentar a nacionalização da Índia Portuguêsa, composta de três territórios (Goa, Diu e Damão) que têm apenas cêrca de 4 mil quilômetros quadrados e 600 mil habitantes.

MARCHA SÔBRE GOA

O Govêrno Português acaba de enviar ao da Índia duas significativas notas em que considera o govêrno de Nova Delhi responsável por «qualquer violação mais ou menos disfarçada na fronteira portuguêsa», o que estaria se processando através de uma marcha preparada em Bombaim e anunciada para o próximo 15 de agôsto, quando nacionalistas anti-portuguêses pretendem tomar conta de Goa, Damão e Diu. Diz o Govêrno de Portugal que «tal plano não pode ser empreendido sem o apoio de alguma autoridade da União Indiana», e julga que Nova Delhi está na «obrigação de impedir a projetada invasão».



PRIMEIRA ETAPA: «MISS BAHIA»



SEGUNDA ETAPA: «MISS BRASIL»



MISS BRASIL PERDEU POR

SEIS MESES DE TRABALHO, 80 REPRESENTANTES DE TODOS OS PAÍSES DOS CONTINENTES, PARA A ESCOLHA DA MULHER «MAIS BELA DO MUNDO» ★ UM CONTRATO DE CINEMA PARA AS 5 PRIMEIRAS COLOCADAS ★ DEPENDE DA PERMISSÃO DOS PAIS DE MARTA ROCHA A SUA PERMANÊNCIA NA «CIDADE DO CINEMA».

Reportagem de LEON ELIACHAR

NO dia 23 de julho, o júri reunido em Long Beach decidiu definitivamente qual era a mulher mais bela do mundo, modêlo 1954. Havia representantes de 34 países de todos os continentes, num total de 80 mulheres, cada uma mais bonita do que a outra. Era o que havia de melhor, em cada país, enviadas como «amostra» do produto da casa, após selecionadíssimas apurações. Aquêle punhado de pernas e aquêle monte de corpos esguios passeavam pela praia, tomavam sol, sorriam eternamente para as objetivas fotográficas. Um certo nervosismo, muito natural, não abandonava seus gestos. Uma dúvida e uma certeza da vitória invadiam suas cabecinhas loiras, morenas e ruivas, em momentos alternados. O sorriso por vêzes era sincero, mas nem sempre espontâneo. A esperança perturbava tôdas elas.

A SELEÇÃO

A escolha das «misses», nos diversos países, foi feita por meio de júri. Primeiro selecionavam o júri, depois selecionavam as «misses». Na Alemanha, uma jovem de rara beleza é eleita, e, dentre tôdas, chega às culminâncias de «Miss Europa». Mas não saboreia por muito tempo a faixa, porque desquitada que era, é ràpidamente desclassificada e substituída por outra, agora «Miss França». No Brasil, nem todos os Estados compareceram, apenas 6 formaram diante do criterioso júri: Goiás, Bahia, Rio Grande do Sul, São Paulo, Estado do Rio e Distrito Federal. Tôdas lindas, belas, desembaraçadas, de «soirée» e de maiô. Mas outras belas deixaram-se ficar nas praias de Copa-



TERCEIRA ETAPA: VICE «MISS UNIVERSO»

DUAS POLEGADAS

cabana e do Arpoador, a tal ponto chegaram as desmoralizações em tôrno de tais concursos de «beleza». Mas êste, efetivamente, era diferente e de maior responsabilidade, porque seria enviada ao estrangeiro um «modêlo» da mulher brasileira. E o júri acertou em cheio quando consagrou a jovem representante da Bahia com a faixa de «Miss Brasil». Houve o protesto de uma jovem, impulsionada pelo despeito e vendo ruir tôdas as suas esperanças de «estrêla». Patrícia Lacerda ficou.

«MISS BRASIL»

Marta Rocha, sorriso simples, rosto bonito, corpo perfeito, partiu com tôda a sua beleza, rumo aos Estados Unidos. Esqueceu na viagem as palavras injuriosas de sua companheira e foi juntar-se às representantes de outras terras. Fêz novas amizades, freqüentou a sociedade, visitou clubes noturnos, banhou-se nas praias, mergulhou em piscinas, deixando sempre atrás de si um rastro de olhares. Onde quer que entrasse, Marta Rocha cativava a simpatia de todos, não só por sua beleza, como pela sua naturalidade e amabilidade.

AS MAIS BELAS DO MUNDO:

1º lugar
MIRIAM STEVENSON
(Estados Unidos)

2º lugar
MARTA ROCHA
(Brasil)

3º lugar
JUNE LEE
(Hong-Kong)

4º lugar
REGINA ERNST
(Alemanha)

5º lugar
RANHILD OLAUSSON
(Suécia)

Marta Rocha: II lugar
Saber perder é também vitória



Miriam Stevenson: I lugar
«Miss Universo de 1954»



meaçou por minutos o título de Miss Universo

A DECISÃO

Até que veio o dia do julgamento final. Elas caminhavam, vestidas e de roupa de banho. Repetiam uma vez mais o que vinham fazendo há dias, semanas, meses. Cada vez com mais responsabilidade, na ânsia de alcançar sempre um título maior. Quando o júri se pronunciou, classificando a loura Miriam Stevenson, representante dos Estados Unidos, como «a mais bela mulher do mundo», os «flashes» estouraram ràpidamente para fixar o momento em que surgia «Miss Universo de 1954». E, logo em seguida, tomou-se conhecimento da segunda colocada: Marta Rocha, representante do Brasil. A indecisão do júri durou algumas horas, e veio recair, finalmente, sôbre as «medidas» de cada uma, perdendo Marta Rocha por duas polegadas (a mais) nos quadris. Mas ali estava o Brasil, representado na figura bela e formosa da mulher brasileira.



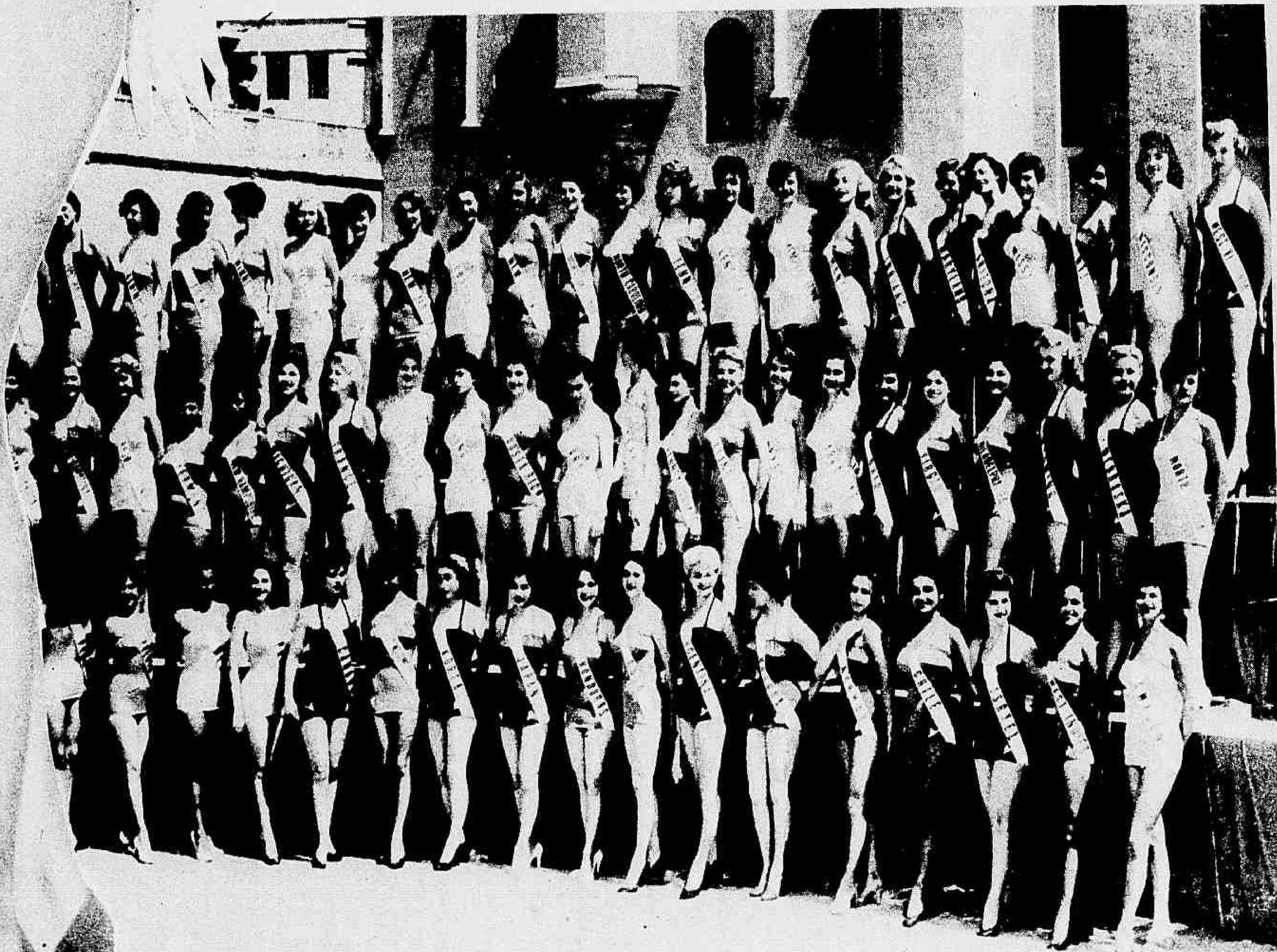
Entre 80 candidatas ao título de «a mais bela do mundo», o Brasil se fêz representar em segundo lugar, na pessoa da baiana Marta Rocha.

BELEZA MORAL

Mas não só a beleza física de Marta Rocha se destacou. Nem tampouco a beleza física de Miriam Stevenson. «Miss Universo» recebeu como prêmio dois automóveis, e deu um de presente a Marta Rocha, num gesto nobre de cortezia e solidariedade. Marta Rocha, inteiramente satisfeita com a decisão do júri, declarou apenas que «se eu fizesse parte da comissão julgadora, não teria a menor dúvida em dar o meu voto para Miriam. Ela é realmente a mais bonita e a mais perfeita de tôdas».

CONTRATOS

«Miss Universo» recebeu um contrato da Universal-International, com um salário de 250 dólares semanais. «Miss Brasil» (2ª colocada), um contrato da mesma companhia, de 125 dólares semanais. Muitos outros prêmios foram distribuídos, outras das candidatas também trabalharão no cinema. Mas tôda Hollywood se mostrou surprêsa com a atitude serena de Marta Rocha, que não assinou contrato algum — sem antes consultar sua família. Marta tem duas irmãs casadas com americanos (tão lindas quanto ela) e residentes nos Estados Unidos. «Miss Brasil» visitará suas manas, passará algumas semanas com elas, e só depois decidirá se trabalhará ou não no cinema, como «estrêla» de Hollywood. Da sua decisão dependerá em manter o seu nome na primeira página dos jornais do mundo inteiro.



Não pode haver (por falta de mangueiras) dois incêndios simultâneos no Rio, os gaúchos tremem de frio, Churchill deixa Suez, começou a funcionar a Rádio Mundial e afirma o sr. Osvaldo Aranha que o café brasileiro é bom e barato



MOSES
70 anos



MARTA
Filmará



EISENHOWER
Lutará



CHURCHILL
Recuará

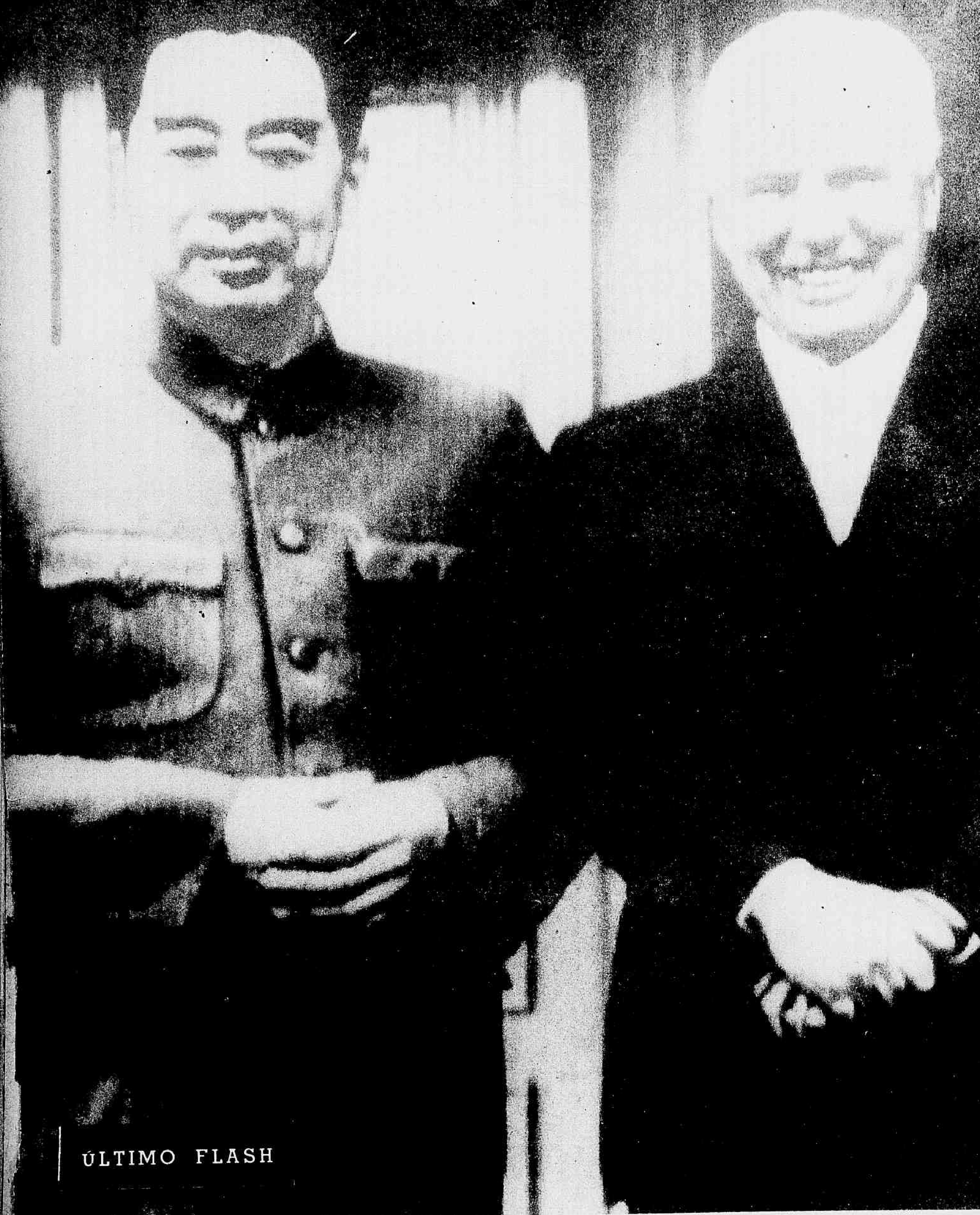


JÂNIO
Aderirá



ARANHA
Elogio do café

- Os britânicos começaram a retirar-se do canal de Suez.
- Enfraquecida (ao extremo) a candidatura de Cleofas ao govêrno de Pernambuco; mas os comunistas, fala-se, vão votar nêle.
- Marcha revolucionária (dos indus) sôbre Goa, Damão e Diu anunciada para o dia 15 próximo.
- Pessimismo americano sôbre o café brasileiro.
- Quase consumado o acôrdo entre PTB e Jânio Quadros.
- Aranha: «O café brasileiro é dos mais baratos do mundo».
- Vitoriosos os herdeiros de Armando Sales, que vão receber perto de 6 milhões de cruzeiros da Nação.
- Chegou Jean Lurçat, o gênio da tapeçaria moderna.
- Pede-se a dissolução da CBD.
- O «La Coruña», que veio da Espanha salvar as aparências do futebol brasileiro, é time de segunda classe.
- Eisenhower: «Vamos defender-nos onde se tornar necessário».
- Também a ilha de Chipre vai ganhar autonomia.
- Revela-se: quando ocorrerem dois incêndios simultâneos, o Corpo de Bombeiros do Rio só pode atender a um... Motivo: falta de mangueiras.
- Não irá mais à Justiça o processo contra os deputados paulistas.
- Nova onda de frio no Rio Grande do Sul (particularmente na zona da Serra, onde nevou).
- Marta Rocha assinará mesmo contrato com a Universal.
- Não morreu o deputado Antônio Feliciano — é êle mesmo quem informa.
- O dr. Herbert Moses completou 70 anos sadios, ágeis e inquietos.
- Prisão preventiva para Sílvio Coelho, o assassino de Andrés Jules Cateysson.
- Inundada a favela da Praia do Pinto.
- Plínio Pompeu recusa ser candidato (a governador) pela UDN cearense.
- Durou apenas quatro horas o levante em Costa Rica.
- Syhgman Rhee (presidente da Coréia do Sul) está nos Estados Unidos.
- Não se entendem a Telefônica e a Prefeitura (carioca).
- Começou a funcionar (no dia 29) a Rádio Mundial.
- Ainda confusa a situação política em São Paulo, mas decrescem as possibilidades de Ademar.
- Adonias Filho («Memórias de Lázaro») é o novo diretor do Serviço Nacional do Teatro.
- Vamos comprar aos EE.UU. doze navios para o Lóide.
- Poucas celebridades no Grande Prêmio Brasil.
- Excluídos do C.A. Paulistano (de São Paulo) todos os atletas de côr.



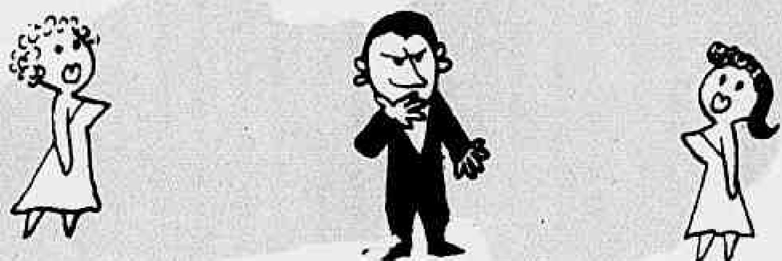
CARLITOS FOI À FESTA DE CHOU-EN-LAI

● Até bem pouco tempo, Chou-En-Lai, o «premier» da China comunista, era quase que inteiramente desconhecido no Ocidente. O próprio Foster Dulles, quando da recente Conferência de Berlim (fevereiro dêste ano), chegou a qualificá-lo de «fabuloso», querendo dizer com isso que o homem existia apenas como uma legenda... Mas a legenda ganhou, nos atuais debates de Genebra, corpo e alma: falou, foi fotografado, deu entrevistas e festas.

A respeito de festas, a última oferecida por Chou-En-Lai na ampla e luxuosa «vila» que ocupou em Genebra, estêve restrita a um selecionadíssimo número de convidados: apenas cinqüenta. Um dêles foi Charles Chaplin, que vemos na foto ao lado de Chou. O «premier» chinês, que fala correntemente o francês (êle passou grande parte da juventude em Paris), ficou uma hora inteira num canto do salão, a conversar com Carlitos, e a bebericar com Chaplin um suave e morno «scotch», sem gêlo... (Rádio Foto U.P.)

SAIU ANDANDO A P A S S O S L A R G O S

O HOMEM QUE VACILAVA



(Um conto que talvez não seja um conto)

Em criança, nunca sabia se preferia andar de bicicleta ou de patinete. Ficou sem brincar.

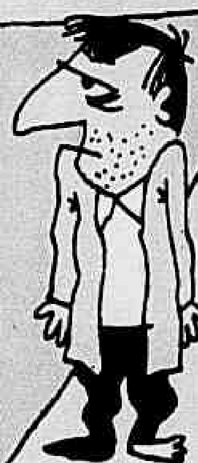
Quando estudante, não sabia se preferia estudar matemática ou geografia. Foi ser «boxeur».

Durante as lutas, nunca decidia se devia usar a esquerda ou a direita. Ia a nocaute.

Resolveu ser chofer de praça mas nunca soube quando usar o freio ou o acelerador. Bateu.

No hospital, nunca sabia quando estava melhor ou pior. Casou com a enfermeira.

Na lua-de-mel, não sabia se convidava a sogra ou a cunhada. Teve um sobrinho.



Realmente, aquêles negociantes tinham algo em comum. Um faliu porque não podia contratar uma secretária, o outro porque contratou.

PONTOS DE VISTA



DENTISTA é o único sujeito do mundo que ganha a vida com o suor do rosto alheio.

•

MESA REDONDA é uma reunião de vários problemas pessoais para resolver um comum.

•

RECIBO é um comprovante de alta responsabilidade que a gente perde na primeira gaveta.

CUCO

Uma seção meio pancada

leon eliaskane

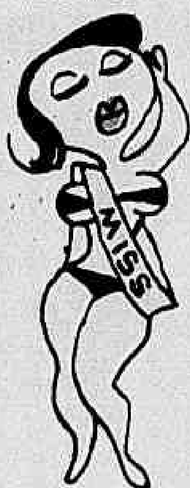
Assinatura do autor, vendo filme de cáubói.

NAO COMPREENDO . . .

. . . porque tôda vez que estamos lendo de carona o jornal de um desconhecido êle fica com vergonha de virar a página antes da gente acabar.

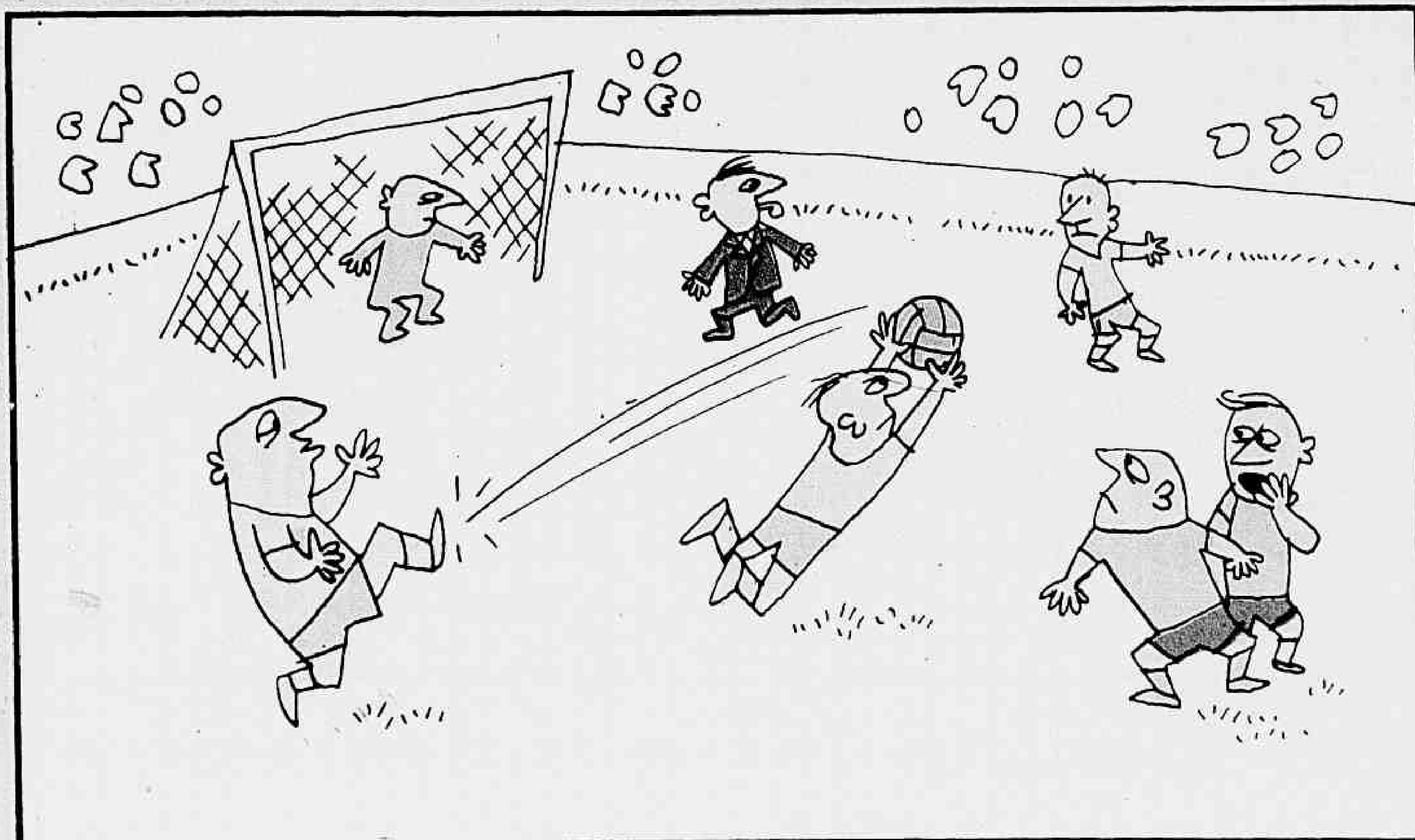
Ilustrado por PIQUÍ

CONCURSO DE BELEZA É ASSIM: pegam as meninas e transformam em números, pegam os números e transformam em adjetivos, pegam os adjetivos e transformam em misses, pegam as misses e transformam em fotografias, pegam as fotografias e publicam nos jornais, pegam os jornais e recortam, pegam os recortes, colam nas paredes e mandas as misses para o estrangeiro.



CHEGOU NA FESTA SEM JANTAR: comeu salgadinho, comeu salgadinho, comeu salgadinho, salgadinho, comeu salgadinho, comeu salgadinho, salgadinho, comeu salgadinho, comeu salgadinho, salgadinho, comeu salgadinho, comeu salgadinho, salgadinho, comeu salgadinho, comeu salgadinho, comeu salgadinho, e quando ficou bem satisfeito, perguntou distraido: «O que é que tem para sobremesa?»





— Foi golquíper 12 anos. Está estreiando hoje na linha.

Tic-Tac

(Piadas à minuta)

Era profissional de retratinhos para carteira: vivia tirando a três por dois retratos de três por quatro.

★

Tôda vez que ia ao Municipal fechava o teatro. Era o porteiro.

★

Brigaram quando êle descobriu que o seu melhor amigo era também o melhor amigo de sua mulher.

★

Estudava hipnotismo, mas não conseguia aprender porque prestava tanta atenção no professor que sempre acabava dormindo nas aulas.



Ótima idéia!

também passei a fumar Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



H-88.289

UM PRODUTO SOUZA CRUZ